

O Mistério de
**Charles
Dickens**

VOL. II

DAN SIMMONS

Tradução de Jorge Colaço

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



CAPÍTULO VINTE E TRÊS



Nesse mesmo verão de 1867, Caroline, Carrie, os nossos três empregados (George, Besse e Agnes) e eu estivemos perto de ficar sem um lar. Quase fomos postos na rua.

Eu sabia, claro, que o arrendamento do número 9 de Melcombe Place estava a terminar, mas estava confiante em que o contrato de arrendamento poderia e seria renovado por mais um ano ou dois, pelo menos, apesar das minhas frequentes desavenças com o senhorio. A minha confiança revelou-se deslocada. Assim, o mês de julho foi dedicado, com muita correria por Londres, a tentar encontrar um lugar para viver.

Escusado será dizer que estava tão ocupado com *The Moonstone* durante todo o mês de junho — por essa data, tinha os primeiros três números escritos para mostrar a Dickens — e tão ocupado depois de junho, com um outro projeto que Dickens me levara, que foi Caroline quem teve de andar na correria.

Enquanto ela andava na correria, eu recolhi-me à paz do meu clube para completar o trabalho dos três primeiros episódios de *The Moonstone*.

Passei o fim de semana, nos dois últimos dias de junho, em Gad's Hill e li os capítulos terminados a Dickens, que ficou tão encantado com o que ouviu que concordou, de imediato, em pagar cerca de 750 libras para que *All the Year Round* ficasse com os direitos, e com a publicação do primeiro fascículo marcada para 15 de dezembro. Usei, imediatamente, estas notícias para fazer com que a Harper Brothers, nos Estados Unidos, igualasse essa quantia para ficar com os direitos de publicação em folhetim.

Quando regresssei a Londres no dia 1 de julho, Caroline zumbiu em volta da minha cabeça como uma mosca esfaimada, pedindo-me para ir ver diversas casas possíveis, que ela encontrara para alugar ou vender. Fui vê-las e foram todas, obviamente, uma perda de tempo, exceto uma hipótese em Cornwall Terrace. Zanguei-me com Caroline por procurar locais fora de Marylebone, uma vez que me afeiçoara a esse bairro. (E, claro, também precisava de que qualquer novo local para morar com Caroline e Carrie ficasse a uma distância não muito longa de Bolsover Street, onde a «Sra. Dawson» estabelecera residência permanente.)

O meu conflituoso senhorio em Melcombe Place insistia então para que a casa estivesse desocupada a 1 de agosto — uma exigência que enfrentei tranquilamente e que estava disposto a ignorar quando chegasse a altura, mas que deu sérias dores de cabeça a Caroline e origem a dias de procura ainda mais frenéticos e longas noites de queixumes volúveis.

Em maio, Dickens convidara-me para colaborar com ele num longo conto para o número de Natal de 1867 de *All the Year Round*, e eu concordara, mas só após negociações longas, e por vezes quase comicamente ácidas, com Wills sobre o pagamento (Dickens, prudentemente, evitou todas as negociações financeiras comigo), na revista. Eu exigira a alta taxa de 400 libras pela minha metade do conto, embora lhe confesse, Caro Leitor, que essa soma me viera à cabeça apenas porque era precisamente dez vezes o que me tinham pago pelo primeiro texto que submetera à revista de Dickens — uma história chamada «Sister Rose» — em 1855. Por fim, concordei com 300 libras, não por fraqueza ou falta de coragem, mas porque queria de novo associar-me publicamente a Dickens e, em privado, sarar quaisquer pequenas feridas que poderiam ter sido infligidas, nesse mês, relativamente ao caso Drood.

Dickens esteve, ao longo de todo esse mês, com a melhor das disposições. Eu estava pronto para voltar ao trabalho em *The Moonstone* pelo resto de julho, mas durante o fim de semana em Gad's Hill, Dickens convenceu-me de que deveríamos começar imediatamente a colaboração no conto de Natal. Sugerira uma história baseada na nossa viagem pelos Alpes, em 1853 — tempos mais felizes para ambos, de vários pontos de vista —, e contribuíra com o título, *No Thoroughfare*.

Caroline ficou encantada ao saber que eu ia pôr *The Moonstone* na prateleira, por algum tempo; ficou furiosa ao saber que eu passaria boa parte dos meses seguintes em Gad's Hill.

Nessa mesma segunda-feira, no regresso de Gad's Hill — com Caroline fechada no quarto a chorar e a lastimar-se, acusando-me de a deixar sozinha à procura de uma casa para nós —, recebi uma nota de Dickens, que viera à cidade trabalhar nos escritórios da revista:

Serve a presente para certificar que eu, abaixo assinado, fui (temporariamente) um burro baboso quando afirmei que o Número de Natal seria composto por Trinta e duas páginas. E, por este meio, declaro que o referido Número de Natal é composto por Quarenta e oito páginas, que serão também compridas e pesadas, como tenho até agora provado e demonstrado com o suor da minha testa.

Esta era, então, a disposição brincalhona em que Dickens estava naquele mês de julho de 1867.

Nesse verão, Martha R. estava com muito melhor disposição do que Caroline G. e muitos foram os dias em que, depois de terminar o meu trabalho no Athenaeum Club, dei por mim a dirigir-me a Bolsover Street para jantar e passar a noite. Uma vez que, de vez em quando, realmente mantinha um quarto no clube e uma vez que, também com frequência, tomava o comboio para Gad's Hill a fim de consultar Dickens acerca de *No Thoroughfare* e por vezes também lá passava a noite, Caroline não fazia perguntas.

Então, uma noite, quando estava mesmo a acabar de jantar no clube, levantei os olhos e vi o Inspetor Charles Frederick Field atravessar a passos largos a sala de jantar. Sem pedir licença, puxou uma cadeira para a minha mesa solitária e sentou-se.

A minha primeira tentação foi dizer «Receio que este clube apenas permita a entrada de cavalheiros, Inspetor», mas vendo o seu rosto enrugado por um sorriso muito pouco usual, apenas toquei com o guardanapo nos lábios, ergui um sobrolho interrogativo, e fiquei à espera.

— Boas notícias, meu caro Sr. Collins, e quis ser o primeiro a comunicar-lhas.

— Apanhou... — olhei em redor para os outros, poucos, comensais na grande sala — ... o cavalheiro subterrâneo?

— Ainda não. Ainda não. Mas muito em breve! Não, isto diz respeito ao seu presente problema de adquirir novos alojamentos.

Não contara ao Inspetor Field sobre a perda do arrendamento, mas estava longe de ficar surpreendido por qualquer informação que aquele homem pudesse ter na sua posse. Continuei à espera.

— Recorda-se do obstáculo que a Sra. Shernwold apresentou — disse ele suavemente, olhando em volta como se fôssemos dois conspiradores.

— Claro.

— Bem, o obstáculo já não existe.

Fiquei sinceramente surpreendido com isto.

— A senhora mudou de ideias? — disse eu.

— A senhora — disse o Inspetor Field — morreu.

Pestanejei diversas vezes e eu próprio me inclinei para a frente, sussurrando ainda mais conspiratoriamente do que o inspetor sussurrara.

— Como? — A Sra. Shernwold era daquelas velhas magras e excêntricas, nos seus sessentas, que mostravam todos os sinais de chegar aos seus ainda mais magros e mais excêntricos noventas.

— Ela teve a bênção de cair num lance de escadas e partir o pescoço, Sr. Collins.

— Chocante! — disse eu. — Onde?

— Bem, em casa, no número 90 de Gloucester Place, é verdade, mas nas escadas de serviço. Um lugar onde não terá de ser recordado da infelicidade dela, se se mudar para lá.

— As escadas de serviço — repeti eu, pensando na minha dama de pele verde e dentes afiados de marfim. — Que diabo estava a Sra. Shernwold a fazer nas escadas de serviço?

— Nunca saberemos — vangloriou-se o inspetor. — Mas a altura não poderia ser mais oportuna, pois não, Sr. Collins? Nada existe agora no seu caminho para fazer uma oferta pela casa.

— O filho missionário — disse eu. — Certamente, irá regressar de África ou lá de onde ele está e...

O Inspetor Field afastou esta consideração com um gesto da sua mão calejada.

— Veio a saber-se que a hipoteca do número 90 de Gloucester Place nunca foi paga pela pobre Sra. Shernwold. A casa nunca foi dela para a poder vender.

— Que nome está no papel, então?

— *Lord Portman*. Veio a saber-se que a casa esteve *sempre* sob o controlo de *Lord Portman*.

— Eu conheci *Lord Portman* — gritei eu, em voz suficientemente alta para que diversos comensais se virassem para olhar. Num tom muito mais baixo, disse: — Eu conheço-o, Inspetor. Um homem razoável. Creio que é dono de muitas das casas ali para os lados de Portman Square... e também em Baker Street, bem como em Gloucester Place.

— Creio que está certo, Sr. Collins — disse Field com um sorriso satisfeito e estranhamente maligno.

— Tem alguma ideia de quanto está ele a pedir pela casa? — disse eu.

— Tomei, de facto, a liberdade de perguntar — disse o Inspetor Field. — *Lord Portman* diz que concordaria num arrendamento por vin-

te anos por oitocentas libras. Isso inclui, claro, aqueles adoráveis estábulos. Poderá subarrendá-los para arredondar a renda.

A boca secou-se-me e bebi um pouco de Porto. Oitocentas libras era uma fortuna — mais do que eu poderia movimentar nessa altura — mas sabia também que, depois da morte da minha mãe, Charley e eu herdaríamos, em partes iguais, umas 5000 libras que a tia lhe deixara, ainda que — devido aos termos do testamento do nosso pai — o resto do capital do património dele e dela continuasse inacessível. E o inspetor estava sem dúvida certo sobre a perspectiva de subarrendar os belos estábulos.

O Inspetor Field retirara dois charutos suspicazmente escuros do bolso do seu casaco.

— Suponho que o regulamento do seu clube autorize a fumar na sala de jantar — disse ele.

— Claro.

Cortou as extremidades de ambos os charutos, deu-me um, acendeu o seu, tirou alegremente uma fumaça, e estendeu o fósforo para acender o meu. Curvei-me para lhe permitir fazê-lo.

O Inspetor Field acenou a Bartles, o mais velho e mais digno empregado do clube, e disse:

— Meu bom homem, peço-lhe o favor de me trazer um copo do que o Sr. Collins está a beber. Obrigado.

Enquanto Bartles se apressava — ligeiramente franzindo o sobrolho perante o tom perentório daquele estranho, vestido de forma indiferenciada —, maravilhei-me, não pela primeira vez, com a forma como o meu destino se entrelaçara tanto com aquele polícia estranho e autoritário.

— Belo charuto, não acha, Sr. Collins?

Sabia a alguma coisa que crescera e fora colhida de uma bota cheia de bolor, numa cave esquecida.

— De primeira categoria — disse eu.

O vinho do inspetor chegou e a sempre atenta, e sempre conservadoramente parcimoniosa parte da minha mente, acrescentou-o à minha já significativa conta ali no clube.

— Ao seu excelente golpe de sorte — disse o inspetor, erguendo o copo.

Ergui o meu e toquei com ele no cristal do dele, pensando, enquanto o fazia, como talvez Caroline deixaria agora — finalmente — de se queixar e de choramingar. Confesso que nem por uma vez, naquele momento ou nos dias seguintes, pensei na pobre Sra. Shernwold e no seu irónico destino, exceto quando menti a Caroline sobre onde e como a velha senhora encontrara a morte.

...

Creio que é tempo, Caro Leitor do meu futuro póstumo, de lhe falar um pouco mais sobre o Outro Wilkie.

Tenho de partir do princípio que, até agora, acreditou que este Outro Wilkie seja uma invenção da minha imaginação ou uma função do láudano que sou forçado a tomar. Não é nem uma coisa nem outra.

Durante toda a minha vida, fui assombrado por um segundo eu. Quando era uma criança, muito pequena, estava certo de que tinha um irmão gêmeo como companheiro de brincadeiras e muitas vezes falei sobre ele à minha mãe. Em rapaz, ouvia o meu pai falar de ter dado lições de desenho «ao Wilkie» e saber que não estivera em casa nesse momento. Fora o meu *Doppelgänger* que beneficiara dessas lições. Quando era um jovem de quinze anos, no momento da minha primeira experiência de amor físico com uma mulher mais velha, não fiquei surpreso de, ao olhar para um canto coberto de sombras, ver o Outro Wilkie — tão jovem, de olhos tão brilhantes e tão imberbe quanto eu — a observar com grande interesse. No início da idade adulta, aquele segundo eu pareceu voltar para o reino cinzento do qual surgira. Durante vários anos, estive certo de o ter deixado para trás.

Mas alguns anos antes do período sobre o qual escrevo nesta memória, quando o reumatismo gotoso se tornou demasiado persistente e doloroso para o aguentar sem a ajuda da tintura de ópio, o Outro Wilkie regressou. Ao mesmo tempo que a minha personalidade se tornara mais suave, mais convivente, amistosa para todos, a do Outro Wilkie pareceu ter ficado mais áspera e agressiva durante a nossa ausência um do outro. Anos antes, quando conheci Percy Fitzgerald (antes de Fitzgerald se ter tornado um grande preferido de Dickens), confiei a esse homem mais jovem que eu «era objeto de uma curiosa influência fantasmática, tendo com frequência a ideia de que “alguém estava atrás de mim”».

Nunca neguei o efeito que o láudano tinha na convocação deste Outro Wilkie. Como Thomas de Quincey, autor de *Confessions of an English Opium Eater* e amigo dos meus pais, uma vez escreveu, «Se um homem “cuja conversa está cheia de bois” se tornar um Comedor de ópio, o mais provável é que (se não for demasiado embotado para sonhar) ele sonhe com bois». A minha obsessão, tanto na escrita como na vida, tem sido com a dupla identidade — com um *Doppelgänger* a pairar sobre a fronteira nebulosa da realidade quotidiana — pelo que não é surpresa que o ópio que eu consumia diariamente, uma droga tão frequente e eficazmente utilizada para abrir as portas de outras realidades, tivesse convocado o Outro Wilkie, que fora o meu companheiro de infância.

Se conhecesse os meus escritos, Caro Leitor, estaria consciente de que esta questão da identidade permeou a maior parte das minhas histórias e todos os meus romances, começando com *Antonina*, que comecei a escrever quando tinha apenas vinte e dois anos de idade. Duplos, muitas vezes representando o bem e o mal, vagueiam pelas páginas dos meus contos. Com frequência, as minhas personagens (penso em Laura Fairlie do meu *The Woman in White* e em Magdalen Vanstone no mais recente *No Name*) veem as suas identidades serem-lhes cruel e violentamente arrancadas, pelo que são obrigadas a habitar a casca oca de outros nomes, outras mentes, outras peles.

Mesmo quando às minhas personagens é permitido reterem as suas identidades, nos meus romances, com muita frequência, elas têm de esconder essas identidades, assumir a identidade de outros, ou enfrentar a perda dessa identidade devido à incapacidade de verem, de ouvirem, de falarem, ou devido à perda de membros. Surgem constantemente novas personalidades nas minhas personagens, uma transformação originada, cada vez mais, pelo uso de drogas.

Charles Dickens deprezou este aspeto da minha escrita, mas os leitores aparentemente adoram-no. E devo referir que não era o único escritor obcecado pelas questões de «um outro eu» e de identidades duplas, gémeas ou confundidas: um certo escrevinhador com o nome de William Shakespeare incluiu temas e convenções como esses na sua obra, com mais frequência do que eu.

Muitas vezes me interroguei — mesmo antes de o período do pesadelo de Drood começar — se era inferior devido aos traços que me faltavam, mas que provavelmente estavam presentes no Outro Wilkie. Há, por exemplo, a questão do meu nome. Ou, melhor, o uso do meu nome pelas outras pessoas.

Eu parecia ser «Wilkie» para toda a gente: não «Sr. Collins» (embora o Inspetor Field e os seus operacionais tivessem aberto uma exceção e usavam o honorífico), nem mesmo «Collins» (do mesmo modo que eu poderia chamar Charles Dickens de «meu caro Charles», ao próprio Dickens)... mas simplesmente «Wilkie». Era como se eu tivesse ficado sempre uma criança para os outros, até para as crianças. Carrie cresceu a chamar-me Wilkie. Os muitos filhos de Dickens, durante os anos de crescimento, chamavam-me Wilkie, a não ser que Dickens, Catherine ou Georgina os mandassem chamar-me de outro modo. Os homens, no meu clube, que nunca chamavam os seus pares pelo nome próprio, ainda que os pudessem conhecer há décadas, sentiam-se à-vontade para me chamarem Wilkie quase imediatamente depois de termos sido apresentados.

Era uma coisa curiosa.

Na manhã a seguir a eu ter espreitado Dickens a falar com Drood e o Outro Wilkie, no meu gabinete — e depois me ter retirado apressadamente —, confessei ao Inimitável, durante o pequeno-almoço, que tivera um estranho sonho sobre uma idêntica reunião.

— Mas foi real! — exclamou Dickens. — Você esteve lá, meu caro Wilkie! Conversámos durante horas.

— Não me recordo nada sobre o conteúdo da discussão — disse eu, sentindo uma irritação na pele como se fosse picado com agulhas geladas.

— Talvez seja melhor assim — disse Dickens. — Drood usa, por vezes, a sua influência magnética para apagar uma parte ou a totalidade de uma reunião, se pensar que essa recordação o poria, ou ao seu interlocutor, em perigo. Um tal apagamento mesmérico não funciona comigo, claro, uma vez que também pratico as artes mesméricas.

A sério que pratica?, pensei eu sarcasticamente. Em voz alta, disse:

— Se o meu sonho foi real, se a reunião foi real, como entrou Drood nesta casa? Sei, por acaso, que o edifício estava seguramente trancado.

Dickens sorriu enquanto punha compota numa segunda torrada.

— Ele não me elucidou sobre esse aspeto, meu caro Wilkie. A minha impressão ao longo dos últimos dois anos é que existem poucos lugares onde Drood não consiga ir se quiser.

— Está a dizer-me que ele é uma espécie de fantasma.

— De modo nenhum, meu caro Wilkie. De modo nenhum.

— Contar-me-á, então — disse eu com alguma aspereza, — o conteúdo de «horas» de discussão... o conteúdo que esse fantasma fez com que eu esquecesse?

Dickens hesitou.

— Fá-lo-ei — disse ele por fim. — Mas creio que pode ser melhor esperar para o fazer. Há acontecimentos iminentes que pode não ser do seu interesse saber neste momento, meu caro Wilkie. E outros factos que não é do seu interesse ter noção, em termos da sua própria honra... assim, por exemplo, pode ser verdadeiro quando contar ao Inspetor Charles Frederick Field que não se encontrou com Drood e não tem conhecimento dos planos desse fantasma.

— Então, porque me falou ele — ou você — sobre eles a noite passada? — pressionei eu. Não tinha tomado ainda o meu láudano matinal e o meu corpo e cérebro ansiavam por ele, em sofrimento.

— Para obter a sua autorização — disse Dickens.

— Autorização para quê? — Eu estava próximo de ficar zangado.

Dickens sorriu novamente e deu-me palmadas no braço de um modo insuportável.

— Em breve, há de ver, meu amigo. E quando essas coisas ocorrerem, contar-lhe-ei todos os pormenores da nossa longa conversa a noite passada. Dou-lhe a minha palavra de honra.

Tive de me contentar com isto, ainda que eu estivesse menos do que convencido de que não houvera qualquer reunião entre Drood, Dickens e o Outro Wilkie. Parecia de longe mais provável que Dickens estivesse a tirar partido do meu sonho laudanzado para os seus próprios inescrutáveis propósitos.

Ou que o Outro Wilkie tivesse os seus próprios objetivos e planos secretos. Essa possibilidade fez com que a minha pele ficasse ainda mais fria.

Mudámo-nos para o número 90 de Gloucester Place no início de setembro de 1867. Vira-me forçado a fazer um empréstimo, através dos meus advogados, para arrendar a casa pelas 800 libras, mas o Inspetor Field estivera certo acerca da perspectiva de arrendar os estábulos, por trás da casa; subarrendei-as a uma mulher com quatro cavalos por 40 libras ao ano, embora tivesse de passar o cabo dos trabalhos para conseguir que ela pagasse a horas.

A casa de Gloucester Place era muito maior e muito mais aparatosa do que a casa que arrendáramos em Melcombe Place. A casa recuava, a partir da rua, em terraços que ascendiam por cinco andares, com largo espaço para uma família muito maior do que a nossa e para empregados muito mais numerosos, mais bem ensinados e bem-parecidos que os nossos três pobres desamparados. Tínhamos agora quartos de hóspedes suficientes para acomodar um pequeno exército de visitantes. A sala de jantar, no andar de baixo, era três vezes maior do que a de Melcombe Place, e utilizávamos uma sala confortável por trás dela como sala de estar. Ocupei imediatamente a enorme sala dupla em forma de L do rés-do-chão para lá fazer o meu gabinete de trabalho, embora estivesse diretamente no caminho dos visitantes que passassem pelo átrio, dos empregados em limpezas, de Caroline a trabalhar na sala de estar ali próxima, e de todas as outras intrusões e andanças da vida quotidiana. Mas, com a sua enorme lareira, janelas altas, centralidade na casa e sensação de espaço, nada tinha a ver com a escuridão e o fechamento do gabinete de trabalho de Melcombe Place. Só esperava que o Outro Wilkie não se mudasse connosco.

Quando os trabalhos de remodelação da casa finalmente terminaram, no final do outono, ela estava muito mais a meu gosto. Havia livros e pinturas por toda a parte, claro, e as paredes apaineladas de Gloucester

Place prestavam-se muito mais a expor arte do que as paredes escuras e forradas de papel das nossas residências anteriores.

Tinha um retrato da minha mãe em criança, com um vestido branco — pintado por Margaret Carpenter — que pendurei no gabinete. A minha mãe nunca o viu lá (uma vez que teria sido inapropriado visitar a casa com Caroline G. lá), mas eu contei-lhe por carta que ele era «ainda como tu depois de tantos anos». (Isto não era bem verdade, uma vez que a minha mãe estava nos seus setentas e a idade não lhe perdoara.)

No gabinete de trabalho havia também um retrato do meu pai e uma pintura de Sorrento de sua autoria, quadros de grande dimensão que ladeavam a minha maciça mesa de trabalho, que também pertencera ao meu pai. Numa outra parede apainelada dessa sala estava pendurado um retrato meu em criança pintado pelo meu irmão, Charley, e outro retrato meu pintado por Millais. A única obra minha, na casa, era a pintura académica *The Smuggler's Retreat*, pendurada na sala de jantar.

Não confiava na iluminação a gás — embora Dickens e outros a valorizassem — pelo que os meus quartos, livros, cortinas, mesa de trabalho e pinturas, no número 90 de Gloucester Place, continuavam a ser iluminados por velas de cera e lanternas a querosene, tal como nas minhas casas anteriores. Adorava ver a suave luz das velas e das lareiras transmitida a todas as coisas — mesmo aos rostos das pessoas quando reunidas em volta do lume ou da mesa do jantar — e nunca as substituiria pelo clarão rude e inumano do gás, ainda que trabalhar à luz da vela ou da lanterna me desse severas dores de cabeça, que requeriam a administração de mais láudano. O preço a pagar valia pelo ambiente.

A casa, por mais imponente que parecesse do lado de fora, estava num estado de certo abandono sob o regime da falecida Sra. Sherwood, e um pequeno exército de trabalhadores levou mais de um mês a pintá-la, a reparar ou instalar canalizações, a deitar abaixo divisórias, colocar novos painéis, novos azulejos, e de um modo geral elevar a casa aos padrões que se esperaria encontrar na casa de um autor famoso.

A minha primeira medida para lidar com o caos foi pôr fim a todas as visitas sociais, como visitante ou como visitado. A segunda foi ausentar-me da potencial felicidade do número 90 de Gloucester Place — dormindo e trabalhando durante semanas, exclusivamente, na casa da minha mãe em Southborough ou em Gad's Hill — e deixar a supervisão, empoeirada e suja, a Caroline. Como escrevi ao meu amigo Frederick Lehman, a 10 de setembro, o dia a seguir a termos mudado, «*Tinha*

uma casa velha para deixar — uma nova casa para encontrar — essa nova casa para negociar e ocupar — advogados e supervisores para consultar — empregados britânicos para empregar — e ao longo de tudo isto, manter a minha ocupação literária sem interrupção por um dia que fosse.»

Aquele foi um outono quente, e Dickens e eu levávamos a cabo a nossa colaboração em *No Thoroughfare* principalmente no seu encantador chalé suíço. Dickens transformara a comprida mesa de trabalho do primeiro andar numa espécie de secretária para dois — com dois apoios — e passámos longas horas a escrever juntos, apenas com o zumbido das abelhas e o correspondente zumbido de algum comentário ou pergunta ocasional entre os dois como única perturbação do confortável silêncio outonal.

Nos finais de agosto, Dickens enviara-me uma nota que tipificava o fácil intercâmbio de ideias e de narração que haveria de assinalar o nosso trabalho naquele projeto:

Tenho uma ideia geral, a qual espero que nos possa providenciar o tipo de motivos que queremos. Planeemos culminar numa fuga e perseguição glacial através dos Alpes, em circunstâncias solitárias e contra as advertências. Metamo-nos em todos os horrores e perigos de uma tal aventura, sob as mais terríveis circunstâncias, quer escapando quer tentando alcançar (esta última, acho eu) alguém, quer escapando quer tentando alcançar a pessoa de quem o amor, a prosperidade e a Némesis da história dependem. Aí podemos ter motivos fantasmagóricos, motivos pitorescos, motivos de tempo e circunstância de cortar a respiração, e forçando o projeto na direção de um qualquer clímax poderoso que nos agrade. Se mantiver isto em mente, tal como eu vou fazer, obrigando a história a encaminhar-se para lá à medida que avançamos, obteremos dela uma verdadeira Avalanche de poder e fá-la-emos ribombar e tombar em cima das cabeças dos leitores.

Até finais de setembro ainda não tínhamos qualquer Avalanche e Dickens apenas podia relatar que «Corro a passo, ao ritmo de um carrinho de mão empurrado por um Pensionista de Greenwich» e «Estou, como você, a trabalhar com a lentidão de um caracol...», mas o trabalho conjunto em Gad's Hill acelerou o ritmo tanto das nossas narrativas separadas, como das interligadas, e elevou o nosso nível de entusiasmo.

...

A 5 de outubro estava de volta à casa de campo da minha mãe, desfrutando boas refeições e sentindo que o fim dos nossos esforços conjuntos estava à vista, enquanto Dickens me enviava a seguinte nota:

Conduzi Marguerite ao salvamento, e fi-lo deixando que Vendale — para a poupar — diga que foi um acidente durante a tempestade, e nada mais. A propósito, Vendale feriu Obenreizer com o seu próprio punhal. Isto para o caso de o querer com uma cicatriz. Se não quiser, nenhum problema. Não tenho quaisquer dúvidas de que a minha aventura da Prova da Montanha estará cheia de erros, pois o meu manuscrito não está muito legível. Mas verá o que significa. Vejo o Dénouement praticamente do mesmo modo que você o vê — por enquanto sem mais vislumbres. Ponderarei a questão Obenreizer (Suicídio?). Fiz Marguerite totalmente devotada ao seu amante. Quando quiser dar-me sinal de que está pronto, marcaremos um encontro aqui para avançarmos.

Pergunto-me, Caro Leitor, que importância estas notas de trabalho entre dois autores tão profissionais poderão ter daqui a cem anos ou mais? Muito pouca, suporia eu, mas, dada a fama de Dickens, mesmo no momento em que vivo, talvez até estas missivas crípticas e escritas à pressa possam, um dia, ter algum interesse para um estudioso de menor importância. Poderíamos dizer o mesmo das notas que enviei a Dickens? Ai de mim, nunca saberemos, uma vez que Dickens continuou a queimar regularmente toda a correspondência recebida, continuando — por assim dizer — o processo de conflagração iniciado no outono de 1860.

Foi nesse mesmo 5 de outubro, o primeiro sábado do novo mês, que regressei a casa, no número 90 de Gloucester Place — sem ter previamente escrito ou telegrafado a Caroline a avisar que estaria de volta —, mas chegando tarde, encontrando a maior parte das salas da minha nova casa sem luz, e encontrando Caroline a jantar na cozinha com um estranho.

Confesso que fiquei chocado, se não mesmo irado. Caroline sorriu-me do seu lugar na mesa — os empregados tinham saído nessa noite —, embora eu visse o rubor subir-lhe do pescoço até às orelhas e depois à face.

— Que é isto? — perguntei eu ao homem. — Quem é você?

Ele era um tipo com cara de doninha, magro, descorado, baixo e pouco impressivo, com um casaco de pele vulgar. Tudo nele era vulgar.

Ergueu-se e começou a responder-me, mas, antes que ele pudesse falar, disse:

— Espere, eu conheço-o... contratei-o há um mês. Clow, não é? Ou alguma coisa parecida com isso. É o canalizador.

— Joseph Clow — disse ele com uma voz que era, toda ela, queixumes e adenoides. — E sim, contratou, sim, senhor. Terminámos hoje a última parte das canalizações do andar de cima e a sua governanta, a Sra. G., amavelmente convidou-me para jantar aqui.

Lancei um olhar arrasador à «governanta», mas ela limitou-se a retribuir-me um sorriso. Que insolência! Acabara de contrair um empréstimo e gastar umas atordoantes 800 libras para comprar àquela ordinária insolente uma das melhores mansões junto de Portman Square, e ali estava ela a ter um arranjinho com um vulgar trabalhador, nas minhas costas e na minha própria casa!

— Muito bem — disse eu, fazendo um sorriso a Caroline, cuja mensagem era *Eu trato de ti mais tarde*. — Apenas passei para levar alguma roupa interior lavada. Vou para o clube.

— A sua governanta sabe como fazer um belo rolo de carne — disse aquela pessoa. Tivesse eu detetado qualquer insolência ou sarcasmo, creio que lhe teria dado um murro, mas o comentário pareceu inocente.

— O pai do Sr. Clow é destilador e ele tem parte no negócio — disse Caroline, desavegonhada até ao fim. — Trouxe um excelente sherry para comemorar o fim da obra.

Assenti e subi ao andar de cima. Não me falta roupa na mala. Voltara para me reabastecer do láudano do frasco grande. Enchendo o frasco de viagem e bebendo dois grandes copos cheios, fui à cómoda, tateei por baixo da roupa de cama, na gaveta de baixo, e encontrei a pistola carregada que Hatchery me dera havia tanto tempo.

Quem me censuraria se matasse Caroline e o seu magro, sujo e ornamentado com bigode amante canalizador? O homem provavelmente estivera na minha cama da minha nova casa mesmo antes de eu ter estado — ou pelo menos era certo que tivera essa expectativa.

Então, de novo, percebi eu, para o mundo em geral, Caroline G. era de facto a minha governanta, não a minha mulher. Decerto seria justificado disparar sobre Joseph Clow como intruso, mas poucos jurados ou juizes compreenderiam a justificação de eu disparar sobre um cavalheiro que fora chamado e que concordara em jantar na cozinha dos empregados com a minha governanta. Até o maldito sherry poderia ser posto em evidência por um acusador impaciente.

Com um sorriso sombrio, guardei a pistola, juntei roupa numa mala simplesmente para salvar as aparências, certifiquei-me de que o

frasco estava fechado e saí pela porta da frente para passar a noite no clube. Não fui às traseiras para olhar de novo para Caroline — que parecera ruborizada e encantadora à luz da vela, apesar de a sua idade avançada ir já na casa dos trinta — ou para o canalizador-doninha, seu prospetivo amante e marido.

Quando cheguei ao clube, já ia a assobiar e com boa disposição. Conseguia ver, mesmo naquele momento, como poderia usar o Sr. Joseph Clow em meu próprio benefício.

Dickens e eu terminámos *No Thoroughfare* em finais de outubro, semanas mais tarde do que tínhamos previsto. Eu estava encarregue dos direitos de reimpressão e estive em negociações com Frederick Chapman, mas, no fim, George Smith, da Smith and Elder, fez uma oferta melhor e eu transferi de imediato os direitos para eles.

Dickens e eu víamos ambos o potencial teatral de *No Thoroughfare* e porque naquele tempo qualquer ladrão com um palco e uns quantos atores podia roubar material literário pura e simplesmente fazendo a sua adaptação, resolvemos passar à frente dos nossos potenciais ladrões e adaptá-la nós próprios. Dickens — com pressa de arrumar os seus assuntos para que pudesse partir para a América — esboçou um cenário a traços largos ao nosso comum amigo e ator-empresário Fechter e deu-me a responsabilidade de fazer o difícil trabalho de adaptação depois de ele, Dickens, deixar o país.

No fim de outubro, a grande casa no número 90 de Gloucester Place estava terminada a meu contento — até mesmo as canalizações — e Caroline e eu demos um jantar caloroso que serviu também de festa de despedida de Dickens, cuja partida para a América estava marcada para 9 de novembro. Contratei uma excelente cozinheira francesa para isso — ela haveria de trabalhar para nós numa base semipermanente nos anos vindouros, embora não vivesse na casa — e participei ativamente na preparação da ementa e na supervisão da confeção.

A festa foi um grande êxito e a primeira de muitas outras na casa de Gloucester Place.

Uns dias mais tarde, a 2 de novembro, fui um dos organizadores de um banquete de despedida de Dickens, muito maior e mais formal, que teve lugar no Freemason's Hall. Houve 450 convidados, a nata do universo das artes, das letras e do teatro de Londres — apenas homens, claro —, apinhados na sala principal, enquanto cerca de uma centena de mulheres (incluindo a dúplice, mas encantadora, Caroline G., bem como a cunhada de Dickens, Georgina, e a sua filha Mary) permaneceram se-

questradas na Galeria das Damas, embora as mulheres fossem, depois, autorizadas a reunir-se aos homens para tomar café. A filha de Caroline, Carrie, agora com quase dezassete anos, também lá estava nessa noite. Com o nervosismo, escrevera aos organizadores duas vezes para garantir que o meu pedido de bilhetes para as duas senhoras fosse honrado.

A banda do Corpo de Granadeiros tocou num outro varandim, nessa noite. Uma visita surpresa foi o filho de Dickens, Sydney, marinheiro cujo navio atracara havia duas noites em Portsmouth. Bandeiras britânicas e americanas ornamentavam a grande sala de jantar, e, por cima de vinte arcos decorados com louros dourados, uma série de painéis ostentava os títulos das obras de Dickens. *Lord Lytton*, agora com sessenta e quatro anos de idade, mas parecendo ter o dobro disso, presidiu à noite, vigiando todos os procedimentos como uma ave de rapina de olhar agudo, formalmente vestido de negro.

Quando Dickens, por fim, se levantou para falar após uma série de discursos de louvor cada vez mais hiperbólicos, o meu colaborador começou por vacilar e acabou por chorar. Quando, finalmente, conseguiu falar, as suas palavras foram eloquentes, mas não, como muitos concordaram depois, tão eloquentes como as suas lágrimas.

Confesso ter-me sentado, naquela noite, à mesa principal, com a cabeça a girar devido ao vinho e uma dose extra de láudano fortificante, perguntando-me o que todos aqueles convidados famosos — *Lord Cockburn*, Presidente do Supremo Tribunal, *Sir Charles Russell*, *Lord Houghton*, um verdadeiro bando de membros da Real Academia e o Presidente da Câmara de Londres — diriam se tivessem visto Dickens descer aos esgotos da Cidade Subterrânea, como eu vira. Ou se tivessem alguma suspeita sobre o destino provável de um jovem solitário chamado Edmond Dickenson.

Talvez não se tivessem importado com isso.

A 9 de novembro, fui a Liverpool com Caroline e Carrie para ver Dickens partir para a América.

Tinha-lhe sido dado o camarote espaçoso do Imediato, no convés do *Cuba*. (Carrie perguntou-me depois onde dormiria o Imediato durante a travessia, e eu tive de reconhecer que não fazia ideia.) Ao invés da maioria das acomodações num navio, o camarote tinha uma porta e uma janela que podiam ser abertas para deixar entrar a brisa fresca do mar.

Dickens estava inquieto e distraído durante a nossa breve visita e apenas eu sabia porquê. E sabia porquê apenas devido à minha associação continuada com o Inspetor Field.

Apesar do seu conhecimento, em primeira mão, da natureza puritanisticamente conservadora dos Americanos, havia um quarto de sécu-

lo, Dickens de algum modo ainda não desistira do plano de levar Ellen Ternan com ele para a América, para que partilhasse com ele a digressão, talvez disfarçada de assistente de Dolby. Isto nunca aconteceria, claro, mas Dickens era verdadeiramente um romântico inveterado quando se tratava de tais fantasias.

Supostamente, eu não deveria saber disso, mas o Inimitável combinara com Wills, no escritório da revista, enviar um telegrama cifrado à jovem atriz, no qual ela era instruída sobre o que fazer assim que Dickens chegasse ao Novo Mundo. Uma mensagem de «Tudo bem» faria com que ela partisse a todo o vapor no navio seguinte para a América, com todas as despesas pagas através de uma conta que Dickens deixara ao cuidado de Wills. A cifra mais relutante de «Bem e a salvo» significaria que ela deveria ficar no Continente, onde naquele momento estava com a mãe em férias, enquanto aguardava uma decisão sobre o seu futuro.

No seu coração — ou talvez «na parte racional da sua mente» fosse mais adequado — Dickens deve ter sabido, nesse belo dia de 9 de novembro, como eu soubera quando ouvi falar do louco esquema através do Inspetor Field, que a mensagem «Bem e a salvo», com o significado de «Sozinho, mas muito, muito mesmo, sob o olhar desconfiado, perscrutante e ajuizador do público americano», seria a única enviada a Ellen por intermédio de Wills.

As nossas despedidas foram emotivas. Dickens tinha consciência de quanto trabalho me deixava para terminar — as provas e revisões de *No Thoroughfare*, bem como o guião e a encenação juntamente com Fichter — mas havia mais do que isto naquela emoção. Depois de Carrie, Caroline e eu termos descido a prancha de embarque, voltei ao espaçoso camarote do Imediato com o pretexto de me ter esquecido de uma luva. Dickens estava à minha espera.

— Peço a Deus para que Drood não me siga até à América — sussurrou ele, quando apertámos de novo as mãos em despedida.

— Não seguirá — disse eu com uma segurança que não sentia.

Quando me virei para sair, pensando que era possível — até provável — que nunca mais visse o meu amigo Charles Dickens, ele fez-me parar.

— Wilkie... na conversa com Drood, no seu gabinete de trabalho, a 9 de junho, a discussão de que não se recorda... sinto que é necessário avisá-lo...

Não me consegui mexer. Senti-me como se o meu sangue se tivesse transformado em gelo e que o gelo invadira as próprias células.

— Você concordou em ser o biógrafo de Drood se alguma coisa me acontecesse — disse Dickens. Parecia enjoado, apesar de o *Cuba* es-

tar ainda firmemente amarrado ao cais, no Porto de Liverpool, e nem sequer balançar. — Drood ameaçou matá-lo e a toda a sua família se negasse essa promessa... tal como ameaçou, repetidamente, matar-me, a mim e aos meus. Se ele descobre que fui para a América mais para lhe escapar do que para falar com editores sobre a biografia dele...

Após um minuto, descobri que conseguia pestanejar. Passado outro minuto, conseguia falar.

— Não pense nisso, Charles — disse eu. — Faça boas leituras pela América. Volte para nós, a salvo e com saúde.

Saí do camarote e desci a prancha de embarque na direção de uma expectante Carrie e uma Caroline mal-humorada e preocupada.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



No mês a seguir a Dickens ter partido para a América, senti-me bastante como se o meu pai tivesse morrido de novo. Não era uma sensação completamente desagradável.

Nunca estivera tão atarefado. Dickens não só me deixara as provas e revisões de *No Thoroughfare*, mas também me encarregara de editar todo o Número de Natal de *All the Year Round*. Isto desorientou o nosso amigo William Henry Wills — o lugar-tenente de Dickens na revista, que se opusera determinadamente à ida de Dickens para a América — mas Wills, soldado obediente, em breve assentou como *meu* lugar-tenente. Passei cada vez mais tempo nos escritórios da revista à medida que o mês de novembro avançava e — uma vez que Dickens também me pedira para ver com regularidade Georgina, Mary e Katey, em Gad's Hill (e uma vez que me era mais fácil editar e trabalhar em *The Moonstone* lá e uma vez que o meu irmão, Charley, também lá passava a maior parte do tempo) — em breve estava a viver mais a vida de Charles Dickens do que a de Wilkie Collins.

Caroline tendia a concordar com essa avaliação, embora não com a disposição e o humor que eu previra, e tinha tendência para discutir comigo sempre que eu dispndia alguns dias no número 90 de Gloucester Place. À medida que dezembro se aproximava, passava cada vez menos tempo na minha casa nova em Londres e mais tempo em Gad's Hill ou a comer nos alojamentos de Dickens e a dormir na sua confortável cama por cima dos escritórios da revista.

Estava, por acaso, lá quando chegou o telegrama para Wills a dizer

«Bem e a salvo», o qual foi devidamente enviado para Ellen Ternan, em Florença, onde estava com a mãe e a família. Não consigo conceber como é que Dickens imaginara que Ellen poderia viajar sozinha de Itália, atravessando o Atlântico até à América. A fantasia era simplesmente mais um sinal de como ele estava, nessa altura, perdido nos sonhos românticos. Vim depois a saber, por Wills, quase por acidente, que Dickens soubera antes de partir que os Americanos não aprovariam a presença daquela mulher sozinha na pequena comitiva de Dickens. Dolby sondara o terreno após a sua chegada e enviou o seu veredicto sobre a propriedade da presença de Ellen numa única sílaba telegrafada — «Não».

Dickens e eu tínhamos concordado em que a adaptação ao palco de *No Thoroughfare* deveria ser produzida pelo Adelphi Theatre tão próximo do Dia de Natal quanto possível e o nosso comum amigo Charles Fechter deveria interpretar o vilão, Obenreizer. Ficara pela primeira vez impressionado com as atuações de Fechter havia quase quinze anos e conhecera-o em 1860, quando ele esteve em Londres para interpretar o *Ruy Blas* de Victor Hugo. Por um impulso comum, logo após esse encontro, Fechter e eu dispensámos as formalidades de nos conhecermos aos poucos para depressa nos tornarmos amigos.

Nascido em Londres de mãe inglesa e pai alemão, criado em França, mas tendo optado por viver de novo em Londres, Fechter era um homem de um encanto e uma lealdade incríveis — a oferta do chalé suíço a Dickens, havia dois Natais, fora típica da sua generosidade e impetuosidade — mas não tinha mais sentido de negócio do que uma criança.

A casa de Fechter em Londres pode ter constituído o único *salon* menos formal do que o meu. Enquanto eu tinha o hábito de deixar as visitas entregues ao cuidado de Caroline quando precisava de correr para um compromisso teatral ou alguma coisa do género, Fechter ficara conhecido por cumprimentar os visitantes em roupão e chinelos e por os deixar escolher o vinho que preferiam e levá-lo ao lugar deles, à mesa. Ele e eu adorávamos a cozinha francesa e por duas vezes testámos os inenxauríveis recursos gastronómicos de França, jantando apenas um tipo de alimento, apresentado sob muitas formas diferentes. Recordo que uma vez tivemos um jantar de batatas em seis pratos e, de uma outra vez, um jantar de ovos com oito pratos.

O único ponto fraco de Fechter como ator era um terrível medo do palco, e o seu costureiro era conhecido por segui-lo por toda a parte nos bastidores com uma bacia antes de a cortina subir.

De novembro para dezembro escrevi apressadamente o guião da versão para teatro de *No Thoroughfare* e enviei as provas diretamente para Fechter, que declarou ter-se «apaixonado loucamente pelo tema» e

imediatamente colaborou no cenário dramático. Não era surpreendente que o ator adorasse o protagonista vilão, Obenreizer, uma vez que Dickens e eu tivéramos Fechter em mente quando o criámos.

Nos dias em que viajei para Gad's Hill Place no comboio para Rochester, era fácil pensar que Charles Dickens se fora embora para sempre — ainda sinto isso como bastante provável, dado o triste (apesar de ocultado da maioria das pessoas) estado da sua saúde e as exigências da digressão americana — e que eu não apenas poderia algum dia ocupar o seu lugar no mundo, como já estava a ocupá-lo.

Pelo início de dezembro, *No Thoroughfare* sairia em *All the Year Round* e eu não tinha dúvidas de que seria um grande sucesso. Certamente o nome de Dickens tinha alguma coisa a ver com isso — as suas histórias de Natal tinham levado o público a comprar em massa o Número de Natal das suas duas diferentes revistas desde há vinte anos — mas era também verdade que o meu *The Woman in White* vendera mais do que alguns contos em folhetim de Dickens e estava confiante que *The Moonstone* faria ainda melhor em 1868. Sentado à mesa de jantar em Gad's Hill Place com Georgina do meu lado esquerdo, o meu irmão, Charles, à minha direita, Kate à cabeceira, e com alguns dos outros filhos de Dickens também lá, parecia que eu substituía o Inimitável tão segura, fácil e completamente como Georgina Hogarth substituía Catherine Dickens.

Quanto à minha corrente pesquisa para *The Moonstone*, depois de contactar muita gente em busca de um conhecimento em primeira mão sobre a Índia (tal como em relação à minha pesquisa de pormenores sobre as práticas religiosas hindus e muçulmanas), fui posto em contacto com um certo John Wyllie, que servira na província indiana de Kathiawar durante o período em que servira na Administração Pública da Índia.

«Não há zona da Índia... tão fanaticamente hindu na religião e tão assustadoramente bárbara na ética mais rudimentar», disse-me Wyllie entre grandes tragos de brande. Orientou-me para uma «coleção de cartas e artigos de Wheeler no *Englishman*... os mistérios de Elêusis são uma brincadeira perante as abominações aí reveladas.»

Quando expliquei que o meu pequeno grupo de hindus, em *The Moonstone*, seria decerto infame, mas estaria também associado a um certo martírio nobre, uma vez que teria de passar décadas a aplacar os deuses por ter violado a regra da sua casta de nunca atravessar a «Água Escura», Wyllie apenas troçou, declarando terminantemente que a reintegração na casta seria mais uma questão de subornar o brâmane certo do que uma longa demanda da purificação que a minha história requeria.

Assim, pus de parte os comentários e conselhos do Sr. John Wyllie, antigo funcionário da Administração Pública da Índia, e segui os ditames da minha Musa. Em relação ao cenário inglês da história, simplesmente tive de ir buscar as minhas recordações da costa do Yorkshire. Em relação aos acontecimentos históricos — uma vez que a parte principal do romance deveria começar em 1848 —, continuei a fazer fé na biblioteca excelente do Athenaeum. A única coisa que aproveitei das recomendações do Sr. Wyllie foi a bárbara província indiana de Kathiawar; eram tão poucos os brancos que lá tinham estado e vivido para contar como era que resolvi que podia inventar a sua geografia, a sua topografia e formas de culto da crença hindu.

Continuei a trabalhar no romance todos os dias, mesmo no meio das exigências inimagináveis do processo de preparação de *No Thoroughfare* para o palco.

Tinham, de algum modo, chegado notícias sobre a nossa peça aos Estados Unidos antes do coautor da história, na qual era baseada. Recebi uma carta de Dickens na qual anunciava que fora contactado por empresários de teatro logo que chegara a Nova Iorque; pareciam supor que o romancista levava o guião de *No Thoroughfare* no bolso. Dickens pediu-me para lhe enviar cópias de cada um dos atos à medida que eu os fosse terminando e acrescentou: «*Quase não me restam dúvidas, meu caro Wilkie, de que serei capaz de fazer alguma coisa boa pelo Drama.*»

Seguiu-se um fluxo de correspondência, para trás e para diante, na qual Dickens anunciava que procurava com urgência um cidadão americano a quem pudesse confiar o manuscrito, assegurando assim os direitos de representação na América, ao mesmo tempo que assegurava que teria algum lucro com uma tal produção. Dickens recebera, na véspera de Natal, a cópia final da peça, de imediato me enviando resposta de Boston: «*A peça está feita com grande esforço e engenho, mas receio que seja demasiado longa. A sua sorte terá sido decidida antes que receba esta carta, mas duvido muito do seu sucesso...*» O resto da mensagem era sobre o receio de Dickens da inevitável pirataria americana de alguma versão da nossa história, mas, na verdade, eu perdera todo o interesse depois das palavras «... *mas duvido muito do seu sucesso*».

Apesar de todas as obrigações que pendiam sobre o meu tempo e energia, honrara, em meados de dezembro, o pedido escrito do Inspetor Field para se encontrar comigo em Waterloo Bridge. Antecipei a substância do que ele tinha para me dizer e tenho de dizer que a minha previsão não estava errada.

O velho detetive pareceu insuportavelmente satisfeito consigo próprio, o que inicialmente pareceu estranho, uma vez que, depois de lhe contar que nada de adverso acontecera na minha casa a 9 de junho, o rasto de Drood ficara, na verdade, muito frio. Mas uma das primeiras coisas que o inspetor me contou, enquanto caminhávamos por Waterloo Bridge ao sabor de uma brisa que empurrava uma neve ligeira, de golas para cima e a pesada capa de lã de Field a esvoaçar-lhe sobre os ombros como as asas de um morcego, foi que a Polícia Metropolitana capturara um malaio suspeito de assassinio. O malaio, veio a saber-se, era um dos lugares-tenentes de Drood e estava, naquele preciso momento, a ser «vivamente» interrogado numa cela funda. Informações obtidas anteriormente no interrogatório sugeriam que Drood se poderia ter mudado da Cidade Subterrânea e se escondia à superfície, num bairro de pardieiros em Londres. Era apenas uma questão de tempo, informou-me o Inspetor Field confidencialmente, para que tivessem a melhor pista sobre o assassino egípcio que tinham obtido em décadas de esforço incessante.

— Então a polícia partilha informações consigo — disse eu.

O Inspetor Field sorriu, mostrando os seus grandes dentes amarelos.

— Os meus homens e eu é que estamos a realizar o interrogatório, Sr. Collins. Ainda tenho muitos amigos próximos na força, compreende, ainda que o comissário e os outros acima dele continuem a tratar-me com menos respeito do que eu mereço.

— O atual chefe dos detetives sabe que um dos lugares-tenentes de Drood foi capturado? — perguntei eu.

— Ainda não — disse Field, colocando o seu grosso indicador ao longo do nariz. — Mas então, deve estar a perguntar-se por que razão marquei este encontro consigo num dia de tanto frio, Sr. Collins.

— Sim — menti eu.

— Bem, é com grande desgosto que tenho de declarar que a nossa longa relação de trabalho está a chegar ao fim, Sr. Collins. Aflige-me fazê-lo, mas os meus recursos são limitados — como pode imaginar — e, daqui para a frente, tenho de concentrar esses recursos no Jogo Final com o monstro Drood.

— Estou... surpreso, Inspetor — disse eu ao mesmo tempo que subia o meu cachecol vermelho, em volta do rosto, para esconder um sorriso. Isto fora precisamente o que esperara. — Isso quer dizer que vai deixar de estar um rapaz à espera, junto ao número 90, Gloucester, para levar e trazer mensagens trocadas entre nós?

— Quer, ai de mim, Sr. Collins. O que me faz lembrar o triste des-

tino do pobre jovem Gooseberry. — Aqui, o velho espantou-me ao tirar do bolso um enorme lenço, assoando repetidamente o seu brilhante nariz vermelho.

— Bem, se a nossa relação de trabalho *tem* de terminar... — disse eu, como se estivesse cheio de uma tristeza relutante.

— Receio que tenha, Sr. Collins. E a minha opinião é que Drood não precisa já do nosso comum amigo Sr. Charles Dickens.

— A sério? — disse eu. — Como deduziu isso, Inspetor?

— Bem, em primeiro lugar, há o facto de o aniversário de Staplehurst, em junho último, ter passado sem Drood ter feito qualquer tentativa para contactar o Sr. Dickens e vice-versa.

— Decerto o seu cordão de operacionais experientes tornou impossível a Drood um tal encontro — disse eu quando nos voltámos de costas para o vento e começámos a andar sobre a ponte, em sentido contrário.

O Inspetor Field expeliu uma risada como se tossisse.

— Não há hipótese de isso ter acontecido. Drood *vai* aonde quer ir. Quinhentos dos melhores homens da Polícia Metropolitana não o teriam impedido de se encontrar com Dickens nessa noite — na sua própria casa, Sr. Collins, se necessário — se ele *quisesse* lá ir. Essa é a natureza diabólica desse monstro estrangeiro. Mas o último e absolutamente convincente fator para deduzir que o Sr. Dickens já não é útil a Drood é o simples facto de o escritor estar agora na América do Norte.

— Como é que esse é um fator convincente, Inspetor?

— Drood *nunca* deixaria o Sr. Dickens ir para tão longe se ele ainda lhe fosse útil — disse o velho detetive.

— Fascinante — murmurei eu.

— E o senhor sabe que utilidade *era* essa, Sr. Collins? Nunca falámos sobre isso.

— Nunca ponderei sobre o assunto, Inspetor — disse eu, contente pelo facto de um ar gélido nas partes expostas do meu rosto ocultar o rubor da mentira.

— Drood estava a pensar em pôr o Sr. Dickens a escrever algo para ele — anunciou o Inspetor Field em tom de revelação. — Sob coação, se necessário. Não ficaria surpreendido se Drood tivesse causado toda a tragédia de um desastre de comboio em Staplehurst precisamente para colocar o mais famoso romancista de Inglaterra sob o seu jugo.

Isto era um disparate, claro. Como poderia o «monstro estrangeiro» imaginado pelo velho detetive ter sabido sequer que Dickens não morreria no terrível mergulho das carruagens de primeira classe do viaduto cortado? Mas a única coisa que disse foi:

— Fascinante.

— E pode o senhor supor, Sr. Collins, o que Drood teria obrigado o Sr. Dickens a redigir e publicar para ele?

— A sua biografia — arrisquei eu, apenas para mostrar ao velho que não era um completo idiota.

— Não, senhor — disse o Inspetor Field. — Uma compilação da antiga religião pagã egípcia com todos os seus ritos e rituais malignos e segredos de magia.

Agora estava surpreendido. Parei e o Inspetor Field parou ao meu lado. As carruagens fechadas que passavam tinham as suas lanternas laterais acesas, apesar de estarmos ainda a meio da tarde. Os edifícios mais altos, ao longo do rio, eram meras sombras pretas-azuladas, também com lanternas acesas.

— Porque quereria Drood um romancista para escrever os pormenores de uma religião morta? — perguntei eu.

O Inspetor Field fez um sorriso largo e deu, de novo, algumas pancadas no nariz.

— Não está morta para Drood, Sr. Collins. Não está morta para a legião de seguidores de Drood na Cidade Subterrânea, se percebe o que quero dizer. Está a perceber?

Olhei para onde o inspetor estava a apontar, para noroeste, seguindo a margem do rio.

— O Adelphi Theatre? — perguntei eu. — Ou o local por trás da velha Blacking Factory de Warren? Ou quer dizer a própria Scotland Yard?

— Quero dizer tudo isso, Sr. Collins. E mais — descendo até Saint James Palace e voltando a subir de Piccadilly a Trafalgar Square e mais além, incluindo Charing Cross e Leicester Square, até à Strand e a Covent Garden.

— Que é tudo isso, Inspetor?

— Imagine uma enorme pirâmide de vidro ali, Sr. Collins. Imagine toda a Londres, de Billingsgate a Bloomsbury, passando por Regent's Park, como enormes pirâmides de vidro e esfinges de bronze... Imagine, se conseguir. Pois Drood decerto consegue.

— É louco — disse eu.

— Sim, Sr. Collins, é tão louco como o domingo de um chapeleiro¹. — O Inspetor Field riu-se. — Mas é o que Drood e os seus crip-

¹ A alusão faz ressoar a referência à personagem do livro de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, publicado em 1865, mas a «loucura» dos chapeleiros estava tradicionalmente ligada à inalação de vapores provenientes de materiais tóxicos, como o mercúrio, utilizados na produção de feltro. [N. do T.]

to-rastejantes idólatras dos deuses do antigo Egito querem. E é o que pensam conseguir, se não neste século, pelo menos no próximo. Imagine essas pirâmides de vidro — e os templos e os ritos secretos nesses templos, com magia mesmérica e escravos sob a sua influência mental — a erguerem-se de todos os lados para onde olhe, e nessa direção surgirá o século vinte.

— Loucura — disse eu.

— Sim, senhor — disse o Inspetor Field. — Mas a loucura de Drood não o torna menos perigoso. Torna-o mais, diria eu.

— Bem, então — disse eu quando chegámos outra vez à extremidade da ponte, — estou completamente fora disso. Obrigado por toda a sua atenção e proteção, Inspetor Field.

O velho assentiu com um aceno, mas tossiu para o interior da mão.

— Há mais um último detalhe. Uma infeliz consequência do fim da nossa relação de trabalho, por assim dizer.

— O quê, Inspetor?

— A sua... ah... pesquisa.

— Não estou bem a perceber — disse eu, embora percebesse perfeitamente bem.

— A sua pesquisa sobre os antros de ópio da Cidade Subterrânea. As suas viagens de quinta-feira ao antro de King Lazaree, para ser exato. Lamento muito dizer-lhe que não posso continuar a oferecer-lhe o Detetive Hatchery como seu guia e guarda-costas pessoal.

— Ahhh — disse eu. — Estou a ver. Bem, Inspetor não pense nisso. Estava pronto para terminar esse aspeto da minha pesquisa, de qualquer modo. Bem vê, com a peça que tenho de levar ao palco e o romance de que já escrevi metade, pura e simplesmente não tenho tempo para isso, nem necessito de mais pesquisa.

— A sério? Bem... reconheço que estou aliviado por ouvir isso. Estava preocupado que a recolocação do Detetive Hatchery lhe causasse inconveniência.

— De modo nenhum — disse eu. Na verdade, os meus encontros semanais com Hatchery, no bar, antes de descer até King Lazaree, tinham-se transformado em jantares semanais. Num destes, em novembro, Hatchery — agora meu espião — avisara-me de que o Inspetor Field em breve o libertaria da missão de ser o meu guarda-costas durante as minhas saídas semanais.

Estivera preparado para isto e perguntara-lhe — bastante diplomaticamente — se ele, Hatchery, estava livre para fazer trabalhos de detetive fora do âmbito da agência de investigação do Inspetor Field.

Estava, disse ele. Estava, na verdade. E, de facto, garantira que os

seus novos compromissos com o Inspetor Field não incluíam as noites de quinta-feira. «Para as minhas filhas, disse-lhe eu», disse Hatchery enquanto fumávamos charutos e tomávamos café.

Dera-lhe uma soma generosa para continuar a sua missão protetora sem contar aos seus superiores. Hatchery aceitara de imediato e um aperto de mão selou o trato, com a sua mão gigantesca envolvendo a minha.

Foi, então, naquele dia de meados de dezembro de 1867 que o Inspetor Field e eu também demos um aperto de mão e caminhamos em direções opostas, em Waterloo Bridge, assumindo — pelo menos pela minha parte — que nunca mais nos veríamos.

Nessa mesma semana, em que varri o Inspetor Field da minha vida, compareci a um outro encontro, desta vez marcado por mim, indo jantar ao Cock and Cheshire Cheese, em Fleet Street. Chegando deliberadamente tarde, encontrei Joseph Clow já sentado e, embora vestido com um fato de sarja que lhe caía mal, parecendo decididamente pouco à-vontade naquele ambiente, que devia ser muito mais refinado — e caro — do que aqueles a que estava habituado enquanto canalizador e filho de destilador.

Chamei o escanção e encomendei, mas antes de poder dizer alguma coisa a Clow, o homenzinho, magro e furtivo, disse:

— Senhor... Sr. Collins... se isto é sobre ter ficado para jantar naquela noite, em outubro, peço desculpa, e só posso dizer que a sua governanta, a Sra. G., me convidou como recompensa por ter acabado a canalização do andar de cima antes do prazo. Se não foi apropriado, e vejo agora que não foi, quero apenas dizer que lamento muito e...

— Nada de desculpas, nada de desculpas — interrompi eu. Colocando a minha mão sobre o tecido rude da sua manga, impus o tom imediatamente. — Convidei-o para vir aqui, Sr. Clow... posso tratá-lo por Joseph...? para lhe pedir desculpa a *si*. Estou certo de que o meu ar surpreendido naquela noite, há dois meses, poderia ser tomado... deve ter sido tomado... erradamente como sendo de censura, e espero que o convite para comer uma boa refeição no Cock and Cheshire Cheese reduzirá qualquer pequena diferença entre nós quanto a fazermos as pazes.

— Não é preciso, não é preciso... — começou de novo Clow a dizer, mas eu de novo o interrompi.

— Bem vê, Sr. Clow... Joseph... é como patrão há muito tempo da Sra. G. que agora lhe falo. Talvez ela lhe tenha contado que é minha empregada há já muitos anos.

— Sim — disse Clow.

Fomos interrompidos pela chegada do criado de mesa, que me reconheceu e me cumprimentou efusivamente. Percebendo que Clow não sabia o que escolher de entre os pratos da ementa, encomendei pelos dois.

— Sim — continuei eu, — ainda que a Sra. G. seja ainda bastante nova, ela e a filha estão ao meu serviço desde há muitos anos. Na verdade, desde que Harriet — que é a sua filha — era uma criança. Que idade tem, Sr. Clow?

— Vinte e seis anos.

— Faça o favor de me chamar Wilkie — disse eu, expansivamente. — E você será Joseph.

O jovem de rosto magro pestanejou rapidamente ao ouvir isto. Não estava, obviamente, habituado a atravessar fronteiras sociais.

— Você compreende, Joseph, que tenho a maior consideração pela Sra. G. e um respeito absoluto pela minha obrigação de olhar por ela e pela sua encantadora filha.

— Sim, senhor.

O vinho chegou, foi aprovado, e assegurei-me de que o copo de Clow ficava cheio até aos bordos.

— Quando ela me contou sobre o seu afeto por si, Joseph, fiquei surpreso... reconheço ter ficado surpreso, uma vez que Caroline... a Sra. G. nunca falara com tanto apreço de qualquer cavalheiro durante todos estes anos em que tem estado ao meu serviço. Mas os seus sentimentos e ambições são, para mim, a mais alta prioridade, Joseph. Disso pode você ter a certeza.

— Sim, senhor — disse Clow outra vez. Tinha o ar de alguém que fora atingido na cabeça com uma das suas ferramentas mais pesadas.

— A Sra. G. é uma mulher jovem, Joseph — continuei eu. — Era pouco mais do que uma rapariga quando entrou ao meu serviço. Apesar das suas muitas obrigações e responsabilidades na minha casa, ainda é uma mulher jovem, de idade muito próxima da sua.

Na verdade, Caroline faria trinta e oito anos a 3 de fevereiro, dali a menos de dois meses.

— O dote do pai é considerável, claro, e eu terei imenso gosto de o aumentar — disse eu. — Isto, a somar à sua modesta herança, claro. — O pai morrera em Bath, em janeiro de 1852, e não havia qualquer dote, nem herança, e eu não tinha qualquer intenção de acrescentar um cêntimo à soma daquelas quantias.

— Bem, senhor... Wilkie... foi apenas um jantar tardio pois a Sra. G. disse que eu tinha trabalhado tanto para acabar aquela canalização

— disse Clow. Depois a comida começou a chegar e a nossa conversa foi ficando cada vez mais unilateral à medida que eu lhe continuava a encher o copo e a insinuar o meu estranho, subtil, aparentemente desinteressado e totalmente insincero objetivo.

Nesta altura, também a minha mãe se queixava e fazia exigências em relação ao meu tempo. Começara a sofrer, disse ela, de diversas dores indeterminadas, mas excruciantes. Resisti à vontade de lhe dizer que, aos setenta e sete anos, dores indeterminadas (e talvez mesmo ocasionalmente excruciantes) faziam parte do preço da longevidade.

A minha mãe sempre se queixara e sempre fora saudável: mais saudável do que o marido, que morrera jovem; mais saudável do que o seu filho Charles, que foi atormentado durante anos por dores de estômago que depois se revelaria ser cancro; certamente, mais saudável do que o seu pobre filho Wilkie, que sofria de reumatismo gotoso, que periodicamente o cegava com dores.

Mas a mãe queixava-se e pedia — quase exigia — que passasse vários dias com ela, por volta do Natal, em Tunbridge Wells. Isto era, claro, impossível, e o facto de Caroline também me exigir que passasse o Natal, ou vários dias por volta do Natal, em casa com ela e com Carrie, não era a menor das razões. Também isto era impossível.

A estreia de *No Thoroughfare* fora marcada para o Boxing Day — o dia a seguir ao Natal.

A 20 de dezembro escrevi à minha mãe:

Minha querida Mãe,

Rabisco umas linhas — no meio da agitação da peça — para dizer que pode contar comigo no Dia de Natal — se não antes.

Os atrasos e dificuldades desta obra dramática têm sido horripilantes. Tive de escrever um novo V Ato — que terminei hoje — e a peça deve ser representada na próxima quinta-feira, com um domingo e o Dia de Natal até lá!

Se conseguir escrever de novo, escreverei. Se não, façamos conta de que certamente irei no Dia de Natal. E que irei antes, se a minha presença não for requerida nos ensaios das próximas segunda e terça-feiras. O seu muito aborrecido filho quase não tem um minuto para si próprio. Mas a escrita da peça está, por fim, terminada — por isso a minha principal preocupação chegou ao fim. Como será agradável ter um pouco de paz junto de si!

Escreva-me umas linhas entre esta carta e o Dia de Natal. Te-

nho as suas pastilhas para a azia — e alguns chocolates que Charley trouxe de Paris. Que posso levar mais que caiba na mala de mão?

O seu sempre muito afetuoso WC

Charley propõe ir aí, de Gadshill, na sexta-feira da semana do Natal.

Como previsto, passei uma parte da tarde e da noite do Dia de Natal com a mãe na sua casa de Tunbridge Wells — ela passou a maior parte do tempo a queixar-se dos nervos e da azia, e também dos estranhos ominosos das vizinhanças — e depois regressei a Londres, no primeiro comboio da manhã.

Fechter estava no seu habitual estado ruinoso das horas antes de a cortina subir. Os vômitos devido ao temor do palco foram quase contínuos nas últimas duas horas, pelo que o seu pobre costureiro estava absolutamente cansado de correr para cá e para lá com a bacia.

Por fim, sugeri algumas gotas de láudano para acalmar a ansiedade do ator. Incapaz de falar, Fechter respondeu deitando a língua de fora. A cor dela tornara-se, no terror nervoso que o possuía, do negro metálico da língua dos papagaios.

Porém, uma vez a cortina içada, Fechter recuperou a voz e o passo firme como o indescritível vilão Obenreizer.

Devo dizer que não senti qualquer ansiedade. Sabia que a peça triunfaria, e assim foi.

A 27 de dezembro escrevi — dos escritórios de *All the Year Round*, no número 26 de Wellington Street:

Minha querida Mãe,

Tenho um momento para lhe dizer que a Peça, ontem à noite, fez um imenso sucesso. O público estava encantado — e os atores foram excelentes.

Recebi as provas que me devolveu e tenho-as em lugar seguro.

Charley está hoje consigo, suponho.

Se puder escrever, diga-me como está e em que dia da próxima semana eu posso voltar aí. Espero sinceramente e quero crer que não está em tanto sofrimento como quando estive consigo.

O meu afeto para Charley.

O sempre afetosamente seu

WC

A noite de estreia foi a única quinta-feira de 1867 na qual fui forçado a faltar à minha excursão noturna ao antro subterrâneo de King Lazaree. Mas combinara previamente lá ir naquela sexta, 27 de dezembro — o que foi uma das razões para que escrevesse à mãe dos alojamentos de Dickens na revista, uma vez que dissera tanto a Caroline como a Martha que passaria a noite aí — e o Detetive Hatchery fora muito simpático e mudara o seu turno de trabalho do Boxing Day para a sexta-feira seguinte.

Caroline G. queria casar. Isto, eu não consideraria. Martha R., por outro lado, apenas queria um filho. (Ou filhos, no plural.) Não fez exigências de casamento, uma vez que a ficção dos «Sr. e Sra. Dawson» — o seu marido comerciante que viajava pelo mundo e que raramente ficava na sua casa de Bolsover Street — lhe bastava.

Foi por esta altura, durante o sucesso de *No Thoroughfare* e perto de eu terminar *The Moonstone*, e especialmente depois de um segundo encontro secreto com o Sr. Joseph Clow, num restaurante de Londres ligeiramente mais barato, que comecei a considerar a possibilidade de aceder aos desejos de Martha.

As duas primeiras semanas de 1868 foram bastante frenéticas para mim e suspeito que estava mais feliz do que em qualquer outro momento da minha vida. As cartas para a mãe (e registos de outros amigos e associados) não eram exageros; *No Thoroughfare* era, na verdade — apesar da rejeição à distância de Charles Dickens —, um sucesso genuíno. Continuei a visitar Gad's Hill Place pelo menos duas vezes por semana, beneficiando das refeições com Georgina, Charley e Katey (quando Charley lá estava), o filho de Dickens, Charley, e a sua esposa, Bessie (que estava lá com frequência), a filha de Dickens, Mamie (que estava sempre lá), bem como com visitantes ocasionais, como Percy Fitzgerald ou William Macready e a sua encantadora segunda mulher.

Convidei todos para irem a Londres ver *No Thoroughfare*. Por carta, convidei outros, tais como William Holman Hunt, Nina Lehmann, Sir Edward Landseer e John Forster.

Convidei todas estas pessoas, e ainda mais, para jantarem comigo no número 90 de Gloucester Place, no sábado, dia 18 de janeiro — dispensando fato de cerimónia, salientei eu — e para irem daí para o teatro e sentarem-se comigo no espaçoso camarote reservado ao autor para apreciarem a peça. Caroline ficou encantada e começou a aplicar aos empregados um chicote metafórico para ter a enorme casa pronta. Passou, também, horas em conversação com a cozinheira francesa.

A mãe escreveu-me — na verdade, ditara a carta a Charley, que aparecera em Tunbridge Wells para passar o dia — a dizer que fora visitada por um certo Dr. Ramseys, um médico que estava de visita à família, na aldeia, e que ouvira falar dos problemas dela; após um exame completo, diagnosticou-lhe uma insuficiência cardíaca, dando-lhe três medicamentos para o problema (os quais, disse ela, pareciam ajudar) e recomendou que ela se mudasse para a aldeia devido ao ruído produzido pelas obras de remodelação em curso. Quando ela lhe falou da sua amada Bentham Hill Cottage, ali perto, nos campos em redor da aldeia, o Dr. Ramseys instou com ela para que se mudasse para lá imediatamente. Charley acrescentou uma nota a dizer que a mãe convidara também a sua antiga governanta e cozinheira, e por algum tempo vizinha, a Sra. Wells, a juntar-se-lhe em Bentham Hill Cottage, o que era um alívio para Charley e para mim, uma vez que haveria sempre lá alguém para tomar conta dela, enquanto recuperava daqueles pequenos problemas.

A mãe acrescentou que o Dr. Ramseys disse que ela necessitava de repouso absoluto e que — tanto em relação à medicação atual como a ministrações futuras — ele faria tudo o que estivesse ao seu alcance para as providenciar. Num *post-scriptum* acrescentava que o próprio pobre Dr. Ramseys sofrera queimaduras terríveis num incêndio, havia muitos anos, e que, nunca se tendo libertado das dores e das cicatrizes, dedicara a sua vida a aliviar as dores dos outros.

As nossas esperanças em relação a uma venda gloriosa dos direitos teatrais de *No Thoroughfare* a um produtor americano foram destruídas para sempre quando chegou uma carta de Dickens: «*Os piratas estão a produzir as suas próprias miseráveis versões de todas as maneiras.*»

Dickens insistia em que fizera tudo ao seu alcance para colocar o meu guião, ou, pelo menos, os direitos da nossa colaboração, em mãos honestas — ao ponto de ter registado *No Thoroughfare* como propriedade de Ticknor and Fields, o seu editor em Boston, mas eu tinha as minhas dúvidas acerca da sinceridade (ou, pelo menos, da urgência) dos seus esforços. As suas cartas anteriores tinham, afinal, condenado o meu guião final como «demasiado longo» e, ainda mais irritante, como «tendo talvez passado a fronteira do mero melodrama», pelo que quase suspeitava que Dickens esperasse até ele próprio poder rever a peça... ou criasse uma nova adaptação desde o início. (Esta suspeita foi confirmada em junho seguinte, quando Dickens fez precisamente isso, escrevendo uma nova versão da peça com a ajuda de Fechter para estrear em Paris. Fracassou.)

De qualquer modo, continuava Dickens a dizer na sua carta, o Museum Theatre, em Boston, apressara-se a fazer a adaptação teatral da nossa história nuns espantosos dez dias após o conto original ter chegado aos Estados Unidos. Isto era pura pirataria, claro — e Dickens insistia em que incitara Ticknor and Fields a ameaçar com uma injunção — mas que os piratas, sabendo que, dada a fácil aceitação dessa pirataria pelos Americanos, haveria um clamor contra *Dickens* se ele persistisse, enfrentaram o *bluff* do editor e continuaram com a sua versão abominavelmente má. «*Depois*», continuava ele a dizer na carta, «*a nobre hoste de piratas irrompeu e está a ser feita, por toda a parte, sempre com alguma deformação.*»

Ah, bom. Prestei pouca atenção a este desastre longínquo. Como escrevera à mãe a 30 de dezembro, «*A peça está a dar dinheiro. É um verdadeiro sucesso — ficaremos todos ricos.*»

Quando a visitara, a 2 de janeiro, levava-lhe documentos legais para ela assinar para que Charley e eu pudéssemos ficar com um justo quinhão das 5000 libras da Tia Davis, que era a fonte do seu rendimento anual — ou de o entregar a qualquer pessoa da nossa escolha — no caso de a mãe morrer antes de nós.

Tudo avançou a uma velocidade estonteante na direção do jantar de gala em Gloucester Place e da festa no teatro imediatamente depois. Caroline e Carrie tinham decorado a enorme casa como se se fosse realizar lá uma coroação real, e a conta da comida nessa semana foi igual a seis meses das nossas compras habituais. Não importava. Era altura de celebrar.

Numa quinta-feira, escrevi:

*90 Gloucester Square
Portman Square W.
17 de janeiro de 1868*

*Minha querida Mãe,
Foi um grande alívio para mim e para Charley saber que tinhas feito a mudança e que te instalaras de novo aos cuidados da Sra. Wells. Não me surpreendo ao saber que ficaste terrivelmente fatigada por esse esforço. Mas quando tiveres descansado, espero e confio que começarás a beneficiar dessa mudança. Fala-me — em duas linhas — de como passas — e de quando me deixarás ir (ou a Charley) ver-te, ao novo sítio. Lembra-te de que a calma e o ver-me livre das interrupções de Londres certamente me ajudam a continuar com o meu trabalho.*

Diz-me também — quando puderes escrever sem te causar incômodo — qual o momento mais conveniente para enviar um pequeno fornecimento de brande e vinho para Bentham Hill Cottage.

A peça continua maravilhosamente. O teatro está apinhado todas as noites. Esta especulação sobre o gosto do público está a render-me, e promete render-me durante muito tempo, entre cinquenta a cinquenta e cinco libras por semana. Por isso, fica à-vontade em relação a questões de dinheiro.

*Estou quase a chegar a meio de *The Moonstone*.*

Sem mais notícias, por agora. Adeus.

O sempre afetuosamente teu WC

Mal sabia eu que esta seria a última carta que jamais escreveria à minha querida mãe.

Aquela segunda semana do novo ano fora tão repleta de trabalho em *The Moonstone* e de afazeres relacionados com o teatro que, uma vez mais, tive de mudar a minha noite no antro de King Lazaree de quinta para sexta. O Detetive Hatchery não pareceu importar-se — disse que era mais fácil encontrar uma noite livre das suas obrigações habituais para com o Inspetor Field à sexta do que à quinta — pelo que, uma vez mais, ofereci ao meu enorme guarda-costas um jantar excelente (desta vez no Blue Posts, em Cork Street) antes de ele me guiar pela escuridão dos pardieiros junto às docas e me escoltar em segurança àquele lugar terrível de frio granito e sepulturas que Dickens há muito batizara com o nome de Cemitério de São Sinistro Medonho.

Hatchery tinha um novo livro para ler nessa noite de vigília — *The History of Henry Esmond*, de Thackeray. Dickens mencionara uma vez que gostava do modo como Thackeray dividira o grande romance em três «Livros» e pedira a ideia de empréstimo em todos os seus livros subsequentes. Mas não referi essa pequena questão profissional a Hatchery, uma vez que estava cheio de pressa para ir lá para baixo.

King Lazaree saudou-me tão calorosamente como sempre. (Referira-lhe na semana anterior que poderia ir na sexta em vez de ir na quinta, e ele garantira-me no seu inglês perfeito que eu seria bem-vindo em qualquer altura.) Lazaree e o seu enorme guarda guiaram-me até ao meu catre e entregaram-me o meu cachimbo de ópio, preparado e aceso, como sempre. Cheio de boas sensações sobre o dia e a vida — sabendo que aquela agradável sensação de satisfação seria ampliada cem vezes durante as horas de entrega ao cachimbo —, fechei os olhos e permiti-me,

pela centésima vez na segurança daquele catre profundamente abrigado,
deixar-me ir no fumo ascendente e ondeante da sensação amplificada.
Esse momento foi o fim da minha vida tal como eu a conhecera.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



— **A**gora pode acordar — diz Drood.
Abro os olhos. Não, isso não é verdade. Os meus olhos já estavam abertos. Agora, com a sua autorização, posso ver através deles.

Não consigo levantar a cabeça, nem movê-la para os lados, mas de onde eu estou estendido inerte sobre uma superfície fria, consigo ver o suficiente para saber que não estou no antro de ópio de King Lazaree.

Estou nu — isso sou eu capaz de ver sem mexer a cabeça e posso afirmar, pela pressão do mármore frio nas minhas costas e nádegas, que estou estendido no que poderá ser um bloco de pedra ou um altar baixo. Sinto o ar frio mover-se sobre a minha barriga, peito e genitais. Por cima de mim, à direita, uma estátua gigante de ónix negro, com quase quatro metros de altura, mostra um corpo masculino nu até à cintura, com uma curta saia de ouro enrolada no centro, e os seus braços poderosos, terminados em mãos enormes e musculadas, seguram uma lança ou espigão dourado. O corpo do homem para no pescoço e a cabeça de um chacal completa a terrível forma negra. À minha esquerda, uma estátua semelhante segurando uma lança ergue-se à mesma altura, mas em vez de um rosto de chacal, ostenta a cabeça de uma grande ave de bico curvo. Ambas as cabeças fixam o olhar em mim.

Drood avança até ao meu campo de visão e, em silêncio, fixa também o olhar em mim.

A criatura é tão pálida e odiosa tal como eu sonhara que era, em

Birmingham, e tal como a vislumbrara em minha casa, em junho do ano anterior, mas, no resto, quase não parece o mesmo.

Está nu da cintura para cima, com exceção de um colar, largo e pesado, que parece ser feito de ouro martelado com rubis incrustados e riscas de lápis-lazúli. No seu peito nu suspende-se uma figura pesada de ouro que, a princípio, pensei tratar-se de uma cruz cristã, mas depois reparei na laçada alongada no cimo. Vira objetos semelhantes, em vitrinas, no Museu de Londres, e até sei que se chama *ankh*, mas não faço ideia do seu significado.

O nariz de Drood continua a não ser mais do que duas fendas num rosto de caveira viva, as pálpebras continuam ausentes, mas em redor dos olhos fundos tinha espirais pintadas de azul-escuro — tão escuro que quase parecia negro — que se uniam lateralmente nas têmporas como olhos de gato. Uma risca carmim, cor de sangue, nasce entre o que deveriam ser as sobrancelhas e sobe-lhe pela testa, dividindo-lhe o escalpe glabro, branco e aparentemente sem pele.

Traz consigo um punhal incrustado de joias. A sua ponta fora recentemente mergulhada em tinta vermelha ou sangue.

Tento falar, mas descubro que não consigo. Não sou sequer capaz de abrir a boca ou de mexer a língua. Consigo sentir os braços, as pernas, os dedos e os pés, mas não posso fazer com que se mexam. Apenas os olhos e as pálpebras estão sob o meu controlo.

Ele olha de frente para a minha direita, com o punhal na mão.

— *Un re-a an Ptah, uau netu, uau netu, aru re-a an neter nut-a.
I arefm Djehuty, meh aper em heka, uau netu, uau netu, en
Suti sau re-a.
Khesef-tu Tem uten-nef senef sai set.*

*Un re-a, apu re-a an Shu em nut-ef tui ent baat en pet enti
ap-nef re en neteru am-es.
Nuk Sekhet! Hems-a her kes amt urt aat ent pet.
Nuk Sakhu! Urt her-ab baiu Annu.*

*Ar heka neb tètet neb tétu er-a sut, aha neteru er-sen paut ne-
teru temtiu.*

*Possa Ptah dar-me voz, remover o meu invólucro! Remover o
invólucro que os deuses menores me colocaram sobre a boca.*

Vem a mim Djehuty, portador de Heka, cheio de Heka, remo-

ve o invólucro! Remove o invólucro de Suti, que me agrilhoa a boca.

Possa Tem enviar para trás aqueles que me reprimiriam.

Dá-me voz! Possa a minha boca ser aberta por Shu com aquele divino instrumento de ferro com o qual aos deuses foi dada voz.

Sou Sekhet! Vigio o Céu de oeste.

Sou Sakhu! Vigio os espíritos de Annu.

Possam os deuses e os seus filhos ouvir a minha voz e resistir ao que me silenciaria.

Pega no punhal e traça no ar uma linha vertical, para a minha direita, cortando para baixo com um gesto suave e letal.

— *Kebehseuef!*

O que soa como uma centena de outras vozes — todas pertencendo a formas fora do meu campo de visão — grita em uníssono:

— *Kebehseuef!*

Ele vira-se na direção para que apontam os meus pés e traça no ar uma linha vertical.

— *Imseti!*

O coro de vozes sem corpo responde-lhe:

— *Imseti!*

Drood vira-se para a minha esquerda e traça no ar uma linha vertical com o punhal.

— *Duamutef!*

— *Duamutef!* — grita o coro.

Drood ergue o punhal na direção do meu rosto e traça outra linha vertical no ar, que agora percebo que está denso com fumo e incenso.

— *Hapi!*

Eu sou a chama que brilha sobre o Porteiro da Eternidade!

O coro invisível grita numa nota única e sustida que soa como o riso dos chacais ao longo do Nilo, à meia-noite.

— *Hapi!*

Drood sorri-me e diz muito suavemente:

— Ssenhor Wilkie Collins, pode mexer a cabeça, mas apenas a cabeça.

Subitamente, tenho liberdade de movimento. Não consigo levantar

os ombros, mas mexo a cabeça de um lado para o outro. Os meus óculos desapareceram. Tudo o que está a mais de três metros é um borrão: colunas de mármore que ascendem na escuridão, braseiros sibilantes que emanam fumo, gravuras de figuras vestidas com túnicas.

Não gosto deste antro de ópio.

Acho que não tinha dito isto em voz alta, mas Drood atira a cabeça para trás e dá uma gargalhada. A luz das velas reluz no colar de ouro e de lápis-lazúli que traz à volta do seu pescoço fino.

Tento mexer o corpo até chorar de frustração, mas apenas a cabeça obedece às minhas ordens. Lanço a cabeça para trás e para a frente e as lágrimas salpicam o altar branco.

— Ssenhor Wilkie Collins — ronrona Drood. — Louvado sseja o ssenhor da verdade, cujo templo esstá oculto, de cujoss olhoss a humanidade emanou e em cuja boca oss deusess ganharam forma. Tão alto como oss céuss, tão vassto como a terra, tão fundo como o mar.

Tento gritar, mas o maxilar, os lábios e a língua continuam a não me obedecer.

— Pode falar, Ssenhor Wilkie Collins — diz o pálido rosto. Move-ra-se agora para o meu lado direito segurando com ambas as mãos na adaga, com a ponta vermelha apontada ao peito. O círculo de figuras encapuzadas aproximara-se.

— Maricas nojento! — gritei eu. — Seu escuro filho da mãe! Estrangeiro fedorento, pedaço de esterco! Este sonho de ópio é meu, maldito seja! Não é bem-vindo nele!

Drood sorri de novo.

— Ssenhor Wilkie Collins — sussurra ele, e o fumo dos braseiros e dos queimadores de incenso rodopiam em volta do seu rosto, — por cima de mim estende-sse Nut, a Ssenhora do Céu. Por baixo, jaz Geb, o Ssenhor da Terra. À minha direita Ísis, a Ssenhora da Vida. À minha esquerda, Osíris, o Ssenhor da Eternidade. Diante de mim — diante de ssi — ergue-sse Hórus, a Criança adorada e a Luz Oculta. Atrás de mim e acima de todoss nós brilha Ré, cujoss nomess oss próprioss deusess não conhecem. Pode agora ficar em ssilêncio.

Tentei gritar, mas de novo não consegui.

— Desste dia em diante, sserá o nosso escriba — diz Drood. — Durante oss anos que restam na ssua vida mortal, virá a nós aprender a nossa fé de antigoss tempos, antigass formas, e verdadess eternass. Escreverá ssobre elass na ssua língua para que ass geraçõess que ainda não nassceram ouçam falar de nós.

Sacudi a cabeça de um lado para o outro, mas não consegui forçar os meus músculos e a minha voz a funcionarem.

— Pode falar sse quiser — diz Drood.

— Dickens é o vosso escriba! — grito. — Não eu! Dickens é o vosso escriba!

— Ele é um entre muitoss — diz Drood. — Mas ele... resiste. O Ssenhor Charless Dickenss acredita que é o equivalente a um ssacerdote ou ssacerdotisa do Templo do Ssono. Acredita que a sua força de vontade é equivalente à nossa. Ele chamou a ssi o velho desafio que o isentaria de sser nosso esscriba a tempo inteiro.

— Que isenção é essa? — gritei eu.

— Matar um sser humano inocente à vissta de outross — sibila Drood, fazendo regressar o seu sorriso que deixava entrever os seus pequenos dentes. — Ele espera que a ssua imaginação lhe forneça um motivo equivalente e que oss deusess ssejam enganados, mass, até agora, ele... e a ssua muito alardeada imaginação... fracassaram.

— Não! — gritei eu. — Dickens matou o jovem Dickenson. O jovem Edmond Dickenson. Tenho a certeza disso!

Compreendo agora o motivo do assassinio. Uma antiga cláusula escapatória pagã que permitia a Dickens evitar ser completamente controlado por este *magus* louco. Ele trocou a vida daquele jovem órfão pela sua libertação do domínio total de Drood.

Drood abana a cabeça e faz um gesto a um dos seguidores de túnica e encapuzados que formam um círculo desfocado de formas que sinto à minha volta. O homem puxa o seu capuz negro e tira-o. É o jovem Dickenson. Rapou a cabeça e os olhos têm o mesmo bárbaro sombreado azul, mas é o jovem Dickenson.

— O Ssenhor Dickenss teve a amabilidade de sugerir essta alma para o nosso pequeno grupo e o nosso pequeno grupo a essta alma — diz Drood. — Tanto o dinheiro do Irmão Dickensson como a ssua fé ssão bem-vindass. A oferenda desste converso à nossa Família mereceu ao Ssenhor Charless Dickenss uma... pequena dispensa.

— Acorda — gritei para mim próprio. — Por amor de Deus, acorda, Wilkie! Basta! Wilkie, acorda!

Dickenson e o círculo de figuras de túnica recuaram vários passos até à penumbra. Drood diz:

— Pode ficar em silêncio outra vez, Ssenhor Wilkie Collinss.

Ele estende a mão até à parte lateral da laje, abaixo do nível que a minha visão alcança, e quando se endireita, há alguma coisa negra na sua mão direita. É grande e enche quase por completo a sua palma da mão, com um crescente ainda maior numa das extremidades da coisa que se alonga a quase todo o comprimento dos seus dedos pálidos, absurdamente compridos.

Enquanto olho, a coisa negra agita-se e mexe-se.

— Ssim — diz Drood. — É uma barata. O meu povo chama esscaravelho à representação dissto e venera-a na nossa religião e nossoss rituaiss...

— O nosso esscaravelho foi baseado em diversass espécies da Família Scarabaeidae — diz Drood — mas a maior parte baseou-sse na vulgar barata do essterco.

Tento contorcer-me, dar pontapés, mover os braços desamarrados, mas só consigo mexer a cabeça. Fico cheio de uma enorme náusea e tenho de relaxar sobre a pedra fria, concentrando-me em não vomitar. Se vomitasse naquele momento, sem a capacidade de abrir a boca, certamente asfixiaria.

— Oss meuss antepassadoss pensavam que as baratass eram todass machoss — sibila Drood, erguendo a palma da mão para que eu possa examinar o odioso inseto mais de perto. — Pensavam que essta pequena bola que a barata do essterco enrola incessantemente era a ssemente do macho da barata — o sseu essperma. Estavam enganadoss...

Pisco os olhos loucamente, uma vez que é uma das poucas ações que posso fazer. Talvez se eu piscar com suficiente rapidez, este sonho se dissolva num outro ou que acorde e me faça regressar ao meu catre da alcova ao fundo do antro de King Lazaree, não muito longe da pequena fornalha a carvão que ele mantém ali sempre alimentada.

— Na verdade, como a vossa ciência britânica demonsstrou, é a fêmea que, depois de pôr oss seuss ovoss fertilizadoss no solo, oss cobre com excrementoss, doss quaiass ass larvass sse alimentam e enrolam no ssolo essta macia bola de essterco. A bola de essterco cresce cada vez mais à medida que acumula mais pó e areia, está a ver, Ssenhor Collinss, que é a razão pela qual oss meuss antepassadoss associaram essta barata com o aparecimento e o movimento diário do Ssol... e o nascimento do grande deuss-sol, o deuss do ssol nascente maiss do que do sol poente, Khepri.

Acorda, Wilkie! Acorda, Wilkie! Acorda!, grito eu silenciosamente para mim mesmo.

— O nome egípcio da barata comum era *hpr* — continua Drood a zumbir — que ssignifica «*nascido de ou vindo de si próprio*». É muito próxima da nossa palavra «*hpr*», que ssignifica «*tornar-se, mudar*». Pode ver como issto gerou a pequena alteração para «*hpri*», o nome divino «*Khepri*», que designa o jovem ssol nascente — o nosso deuss da Criação.

Cala a boca, Deus te a...çoe!, gritei mentalmente a Drood.

Como se tivesse ouvido, faz uma pausa e sorri.

— Este esscaravelho representará para ssi uma mudança inalterável, Ssenhor Wilkie Collins — diz ele suavemente.

As figuras encapuzadas à nossa volta recomeçam a entoar um cântico.

Contraio-me e ergo a cabeça quando Drood suspende a palma da mão sobre a minha barriga nua.

— Essta não é a vossa vulgar barata do essterco — sussurra Drood. — Essta é uma variedade europeia chamada Lucano; desste modo as enormess... como sse chamam em inglêss, Ssenhor Collins? Mandíbullah? Tenazess? São oss maioress e maiss ferozess de toda a família dass baratass. Mas este *hpr* — esste esscaravelho ssagrado — foi consagrado a um objetivo...

Larga o inseto negro do tamanho da palma da sua mão na minha barriga nua e contraída.

— *Un re-a an Ptah, uau netu, uau netu, aru re-a an neter nut-a.*

I arefm Djehuty, meh aper em heka, uau netu, uau netu, en Suti sau re-a.

Khesef-tu Tem uten-nef senef sai set — entoa o grupo invisível.

As seis pernas farpadas arranham a minha pele e o lucano começa a arrastar-se em direção ao meu peito. Ergo a cabeça até o pescoço estar perto de estalar, os meus olhos arregalam-se enquanto observo o objeto negro com tenazes mais compridas do que os meus dedos a subir em direção ao meu peito e à minha cabeça.

Tenho de gritar — tenho mesmo de gritar — mas não consigo. As vozes do coro elevam-se na penumbra saturada de incenso:

— *Un re-a, apu re-a an Shu em nut-ef tui ent baat en pet enti ap-nef re en neteru am-es.*

Nuk Sekhet! Hems-a her kes amt urt aat ent pet.

Nuk Sakhu! Urt her-ab baiu Annu.

As pinças gigantescas do lucano perfuram-me a carne mesmo abaixo do esterno. A dor vai para além do que eu alguma vez experimentei. Os tendões do pescoço estalam sonoramente quando levanto mais a cabeça para ver.

As seis patas do esscaravelho tateiam a minha carne, tentando obter com as suas rebarbas apoio para enterrar, em primeiro lugar, as pinças negras em forma de crescente e, depois, a cabeça na carne macia do meu estômago. Ao cabo de cinco segundos, a enorme barata desaparece —

completamente submersa — e a carne e a pele fecham-se sobre o ponto de entrada, tal como a água se volta a reunir depois de dividida por uma rocha negra.

Jesus! Meu Deus! Não! Cristo! Deus meu!, gritei eu no silêncio da minha mente.

— Não, não, não — diz Drood, lendo-me os pensamentos. — «*As pedras da muralha clamam vingança e faz-lhe eco a barata do madeirame*².» Mas é o esscaravelho, não o vosso homem-deuss, Cristo, que é o «filho unigénito», Ssenhor Wilkie Collins, ainda que o pretendo deuss do sseu povo tenha uma vez clamado «Eu, porém, sou um esscaravelho e não um homem»³ por inveja do verdadeiro Khepri.

Sinto a enorme barata *dentro de mim*.

O coro das formas vestidas de negro entoa:

— *Ar heka neb tètet neb t'ètu er-a sut, aha neteru er-sen paut neteru temtiu.*

Drood volta para cima as palmas vazias das suas mãos e fecha os olhos enquanto recita: — Vem, Ísis! A verdade da vida entra neste estrangeiro como saiu dos nossos pais. Aceita esta alma como tua, Ó Porteiro da Eternidade. Limpa a sua alma antiga na chama nascente que é Néftis. Sustenta este instrumento como alimentaste e sustentaste Hórus no local oculto entre os juncos, Ó Ísis, Tu, cuja respiração é vida, cuja voz é morte.

Sinto a coisa a mexer-se *dentro de mim!* Não consigo gritar. A minha boca não se abrirá. Na minha agonia, os meus olhos escorrem lágrimas de sangue.

Drood ergue uma comprida haste de metal com uma espécie de taça na extremidade.

— Possa a minha boca sser aberta por Chu com aquele divino instrumento de ferro com o qual aoss deusess foi dada voz — entoa Drood.

A minha boca abre-se — abre-se ainda mais, continua a abrir-se até os maxilares estalarem e rangerem — mas continuo sem conseguir gritar.

Dentro da minha barriga, as patas de inseto do esscaravelho arrancam ao longo dos intestinos. Sinto as rebarbas procurarem pontos de apoio. Sinto a dureza quitinosa da sua carapaça nas minhas entranhas.

— Nóss somoss Sekhet! — grita Drood. — Vigiamoss o céu de

² Alteração de Habacuc 2:11 «As pedras da muralha clamam vingança e fazem-lhe eco as vigas do madeirame». [N. do T.]

³ Alteração de Salmos 22:7 «Eu, porém, sou um verme e não um homem». [N. do T.]

oesste. Nóss somoss Sakhu! Vigiamoss oss espíritoss de Annu. Possam oss deusess e oss seuss filhoss ouvirem a nossa voz e ouvir a nossa voz nass palavrats desste esscriba, e morte a todoss aqueless que noss que-rem ssilenciar.

Drood força a entrada da parte côncava da comprida haste de ferro na minha boca aberta. Há alguma coisa redonda e macia, coberta de pelo na extremidade cortante da taça. Drood mergulha-me a haste e massa cabeluda até ao fundo da garganta.

— *Kebehseuef!* — grita Drood.

— *Kebehseuef!* — brama o coro invisível.

Não consigo respirar. A minha garganta está completamente bloqueada pelo globo felpudo que a enche. Estou a morrer.

Sinto a barata parar no baixo-ventre. As patas afiadas raspam contra o meu intestino, rasgam-me a parede exterior do estômago, trepam sob as costelas em direção ao coração.

Quero vomitar a massa peluda, mas nem mesmo isso consigo fazer. Os meus olhos incharam até me convencer de que iriam explodir para fora da cabeça. Penso: *É desta forma que morre o famoso escritor Wilkie Collins. Nunca ninguém saberá.* Depois, todos os pensamentos me abandonam à medida que a visão começa a reduzir-se a dois túneis negros e à medida que o último fôlego dos meus pulmões fica preso e já não serve para nada.

Sinto as pernas do escaravelho malharem contra o pulmão direito. Sinto as pinças do escaravelho arrastarem-se pela superfície exterior do coração. Sinto o escaravelho rastejar-me pela garganta, sentindo o pescoço inchar à medida que ele avança.

O inseto agarra a massa peluda que está na garganta e arrasta-a para baixo, de volta ao esófago e ao estômago.

Consigo respirar! Tusso, arquejo, arquejo mais, tento forçar o vômito, lembrar-me de como se respira.

Drood passa-me, com movimentos circulares, uma vela acesa sobre o peito e o rosto. Gotas de cera pingam sobre a minha pele nua, mas a dor que isso provoca não é nada comparada com as dores causadas pelo escaravelho a mover-se dentro de mim. Está de novo a trepar.

— Voo como uma ave, leve como um besouro — entoa Drood, fazendo deliberadamente pingar mais cera quente sobre o meu peito e rosto. — Voo como uma ave, leve como um besouro sobre o trono vazio que é a tua barca, Ó Ré!

O inseto enorme encheu-me a garganta com a sua impossível dureza quitinosa e escavou no meu palato macio tão facilmente como teria escavado areia. Sinto-o agora mesmo a encher as cavidades por trás do

nariz e dos olhos. As suas patas farpadas batem na parte de trás dos globos oculares à medida que se iça para um ponto mais elevado. Ouço as enormes pinças a arranharem o osso quando escava a matéria macia que se abre no meu crânio.

A dor é horrível — indescritível, insuportável — mas consigo respirar!

Ainda incapaz de me concentrar nalguma coisa para lá de Drood — as estátuas com cabeças de chacal e de ave são meros borrões —, compreendo que estou a olhar através da película de sangue que chorei.

Sinto o enorme lucano escavar a superfície mole do meu cérebro — cada vez mais fundo. Se isto continua por mais um segundo, sei que enlouquecerei.

O escaravelho para de se mover perto do centro do cérebro. Começa a alimentar-se.

— Pode fechar oss olhos — diz Drood.

Aperto-os, bem fechados, sentindo as lágrimas de sangue e o terror a alastrarem pelas faces salpicadas de cera.

— Agora é o nosso escriba — diz Drood. — E ssê-lo-á para ssempre. Trabalhará quando o mandarem trabalhar. Virá quando for chamado. Pertence-noss, Ssenhor Wilkie Collinss.

Consigo *ouvir* as pinças e as mandíbulas do escaravelho a estalarem e moverem-se enquanto come. Visualizo o inseto a enrolar a substância semidigerida do meu cérebro numa bola cinzenta e sangrenta e a empurrá-la para diante de si.

Mas não se move mais para diante. Ainda não. Fez um ninho para si próprio na parte inferior do centro do meu cérebro. Quando as seis pernas do escaravelho se contorcem, faz comichão e de novo tenho de lutar contra uma necessidade absoluta de vomitar.

— Louvores ao senhor da verdade — diz Drood.

— *Cujo templo está oculto* — entoa o coro.

— De cujos olhos a humanidade emana — diz Drood.

— *E em cuja boca os deuses ganharam forma* — entoa o coro.

— Enviamos-te agora este escriba para cumprir as ordens da amada Criança e da Luz Oculta — clama Drood.

— *Por trás dele brilha Ré, cujos nomes os próprios deuses não conhecem* — entoa o grupo.

Tento abrir os olhos, mas não consigo. Nem consigo ouvir, nem sentir.

O único som ou sensação do meu universo é agora o bater e o arranhar do escaravelho quando se move, se vira, escava mais fundo, e come de novo.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



Acordei do meu pesadelo de ópio para descobrir que cegara. Havia uma escuridão absoluta. King Lazaree tinha sempre luzes difusas em cada compartimento do recinto, a luz da sala principal era sempre filtrada pela cortina vermelha, e o fogareiro a carvão junto à entrada do meu nicho produzia sempre um cálido fulgor laranja. Agora havia uma escuridão absoluta. Levei as mãos aos olhos para me certificar de que estavam abertos e as pontas dos dedos tocaram na superfície dos globos oculares. Ao retrair-me, não conseguia ver os dedos.

Gritei na escuridão e — ao invés do meu sonho — ouvia os meus gritos muitíssimo bem. Ecoavam na pedra. Gritei a pedir ajuda. Gritei por King Lazaree e pelo seu assistente. Ninguém respondeu.

Foi muito lentamente que percebi não estar deitado na alta tarimba almofadada em que sempre me deitava no antro de King Lazaree. Estava estendido num frio chão de pedra ou de terra muito batida. E estava nu.

Tal como no meu sonho. Ou como durante o meu rapto muito real feito por Drood.

Tremia violentamente. Fora o frio que me acordara. Mas podia mexer-me, e ao cabo de um minuto estava de gatas e a tatear em redor, na minha cegueira, tentando tocar o bordo de uma das tarimbas de madeira, ou mesmo o fogareiro ou a ombreira da porta.

Os meus dedos só encontraram pedra rugosa e madeira. Passei as mãos por cima desses materiais, perguntando-me se era a parede e, depois, se a esquina de uma das tarimbas. Não era. A pedra e a madeira eram velhas — *cheiravam* a antigo — e a pedra caíra parcialmente em

certos pontos. Consegui tocar a madeira fria que havia por dentro. Tudo cheirava a velho e a decomposição.

Estou num dos loculi — uma das inúmeras câmaras funerárias nas catacumbas, distribuídas por vários níveis. Estes são os sarcófagos de pedra ou as formas de cimento com os caixões de madeira dentro deles. E dentro desses caixões de madeira há um revestimento de chumbo. Estou cá em baixo entre os mortos.

Eles mudaram-me de sítio.

Claro que me mudaram. Trouxeram-me para baixo pela abside circular, através do painel do crucifixo, para a Cidade Subterrânea propriamente dita. Trouxeram-me pelo rio até ao Templo de Drood. Posso estar a quilómetros do antro de King Lazaree, à profundidade de mais de um quilómetro, sob a cidade. Sem uma lanterna, poderei nunca encontrar o caminho até à superfície.

Gritei de novo, então, e comecei a bater ao longo da linha de caixões e esquifes empilhados, pondo-me de pé apenas para voltar a cair de gatas outra vez e a bater com as mãos projetadas para fora, procurando a lanterna de furta-fogo que trazia sempre para baixo e sempre usava para encontrar o caminho de regresso para o nível de cima e depois para o exterior.

Não havia qualquer lanterna.

Por fim, desisti de andar aos apalhões e agachei-me simplesmente no escuro, mais parecendo um animal em pânico do que um homem.

Havia uma dúzia de níveis nas catacumbas antes de conseguir encontrar um túnel que levasse a um esgoto ou ao rio subterrâneo. Havia centenas daqueles *loculi* funerários ao longo daqueles incontáveis corredores, retos e curvos, nessa dúzia de níveis. As escadas do nível mais elevado das câmaras funerárias, o corredor logo abaixo do Cemitério de São Sinistro Medonho, onde presumivelmente o Sargento Hatchery estava ainda à minha espera — *há quanto tempo estava eu ali em baixo?* —, eram apenas a uns dez metros para a esquerda, no corredor curvo que saía do antro de King Lazaree, depois era subir as escadas, baixar a cabeça para passar pela parede partida nas traseiras de um *loculus*, passar a última pilha de caixões, virar depois uma vez no último corredor, e subir os dez degraus da cripta e — presumivelmente, possivelmente — a luz do dia. Fizera esse caminho de regresso uma centena de vezes após as minhas noites de ópio.

Procurei o meu colete como se para tirar o relógio do bolso e ver as horas. Não havia relógio, não havia colete. Não havia qualquer roupa.

Percebi que estava a gelar — os dentes tremiam-me violentamente e ouvia o seu eco nas paredes de pedra invisíveis. Tremia tanto que os

meus ombros e antebraços estavam a ficar tatuados pela pedra, que não era bem oca, do sarcófago contra o qual tombara.

Perdera qualquer sentido de orientação ao andar cegamente aos trambolhões; mesmo que estivesse no nicho que abrigara o recinto de King Lazaree, já não sabia o caminho para entrar ou sair dele.

Ainda a tremer loucamente, com os braços estendidos para a frente e os dedos rigidamente esticados e abertos, comecei a andar aos tropeços ao longo da linha de esquifes, sarcófagos e caixões.

Mesmo com os braços para diante, consegui esbarrar em qualquer coisa, com a cabeça, que me fez cair para trás. Senti o sangue correr da ferida na têmpora e imediatamente levei os dedos à testa, suspendendo, em vão, as mãos à frente dos olhos, como se subitamente pudesse ver. Não podia. Apalpei de novo. O golpe era superficial; sangrava apenas levemente.

Erguendo-me de novo com cuidado, agitei os braços até encontrar o obstáculo que me derrubara.

Frio metal, tão enferrujado que os espaços vazios triangulares da grade aberta quase estavam fechados.

*O gradeamento de ferro! Cada *loculus*, ao longo dos corredores das catacumbas, fora fechado com uma velha grade de ferro. Se eu encontrara a grade, encontrara o corredor — ou *um* corredor — havia ali cavidades em diferentes níveis, a maior parte dos quais eu nunca vira nem explorara.*

E se a grade estiver fechada e trancada? Nunca chegaria ao corredor. Dali a vinte, cinquenta ou cem anos, alguém encontraria o meu esqueleto entre os sarcófagos e caixões e pensaria simplesmente que eu era mais um dos que o homem da cripta da Catedral de Rochester, Dradles, chamara «os velhos aqueles».

De novo em pânico, fiz força com as palmas das mãos, antebraços e joelhos sobre a grade de metal, sentindo as arestas ferrugentas rasparem e comerem a pele, mas por fim ali estava — um vazio. Uma abertura! No mínimo, uma fissura originada por um segmento vertical da grade que a ferrugem corroera.

Tinha apenas pouco mais de vinte centímetros e era irregular, mas espremi-me para passar por ela, sentindo as agudezas da grade a rasparem-me as costelas e as costas e os genitais encolhidos.

Depois, achei-me num corredor. Tinha a certeza!

A menos que tenhas passado por um gradeamento por trás dos caixões, em cujo caso estás mais perdido do que estavas antes, em algum insondável nível mais profundo de um labirinto sem fim.

Pus-me de gatas e senti a pedra sob as palmas das mãos e os joe-

lhos. Não, aquele era um dos corredores principais. A única coisa que tinha a fazer era segui-lo até uma das escadas quase ocultas que levavam a um nível superior, e depois subir os últimos degraus até à cripta, onde Hatchery estava à minha espera.

Para que lado?? Como poderia eu encontrar as escadas na escuridão absoluta? Para que lado??

Arrastei-me para a esquerda, encontrei a grade através da qual me espremera e ergui-me cuidadosamente, sem mesmo estar seguro que altura o teto do corredor poderia ter ali. Quando seguira Dickens até ao rio, naquela noite, havia dois anos, alguns dos corredores tinham três metros de altura — outros eram meros túneis onde éramos obrigados a agachar-nos para evitar que o cérebro fosse esmagado. Fora tudo tão simples com uma lanterna.

Para que lado???

Virei o rosto, mas não consegui sentir qualquer movimento do ar. Se tivesse uma vela, talvez pudesse ter a perceção de uma corrente de ar...

Se tivesse uma m...ta vela, facilmente poderia encontrar o caminho de saída sem ter de farejar correntes de ar!., gritei eu para mim próprio.

Compreendi que gritara aquilo em voz alta. Os ecos amorteceram-se em ambas as direções. Bom Deus, mais tempo disto e certamente perderia o juízo.

Decidi que iria seguir os meus velhos instintos e caminhar apenas como se estivesse a sair do antro de King Lazaree. O meu corpo recordava-se dessa caminhada de regresso, que eu fizera tantas vezes, ainda que o meu cérebro — sem a visão para o ajudar — insistisse em não se recordar.

Utilizando a mão esquerda como guia, comecei a andar ao longo do corredor. Deparei com outros gradeamentos, outras aberturas, embora nenhuma delas tivesse a cortina esfarrapada que separava o antro de King Lazaree do corredor. A cada abertura que não estava protegida por uma grade, ajoelhava-me e tateava à procura das escadas ou de outro corredor, mas apenas havia grades caídas, mais caixões ou nichos vazios nas paredes.

Avancei, ofegante, a tremer, ainda com os dentes a baterem audivelmente. O meu consciente disse-me que não morreria congelado ali em baixo — as caves não tinham uma temperatura constante, entre os 10 e os 12 graus? Não importava. O meu corpo rasgado, esfolado e tremendo gelava.

Estaria o corredor a curvar ligeiramente para a esquerda? Do mesmo modo que o que dava acesso ao antro de King Lazaree curvava para

a direita, quando nos aproximávamos dele pelas escadas ocultas, vindos do primeiro nível das catacumbas. Se eu estivesse nesse nível e para a direita das escadas, as paredes teriam de curvar ligeiramente para a minha esquerda.

Não fazia ideia. Era impossível dizer. Mas sabia, sem margem para dúvida, que andara pelo menos o dobro do que tinha de andar desde a entrada até ao segundo nível, o mais baixo, e até ao recanto com a cortina, que era o antro de King Lazaree.

Continuei para diante, de qualquer modo. Por duas vezes senti uma corrente de ar vinda da minha direita. O toque daquele ar mais frio na minha carne fez com que a pele se arrepanhasse — como se alguma coisa sem vida e sem olhos me acariciasse com longos dedos invertebrados, brancos como vermes.

Estremeci e continuei.

Havia dois corredores à esquerda — agora à minha direita — quando Dickens e eu encontrámos pela primeira vez o antro de King Lazaree. Depois disso, passara por eles tantas vezes, sem sequer os olhar ou virar para lá a lanterna. Ao fundo de um deles havia o corredor que conduzia, através de ainda mais loculi, ao compartimento circular com o altar e o painel do crucifixo, e as escadas ocultas que desciam aos níveis mais profundos da Cidade Subterrânea.

Onde Drood esperava.

Mas eu podia estar já num desses níveis mais inferiores.

Por duas vezes tive de parar para vomitar. O meu estômago já estava vazio — pareceu lembrar-me que ficara maldisposto no primeiro *loculus*, onde acordara — mas os vômitos obrigavam a dobrar-me em dois e a encostar-me à pedra fria até os espasmos passarem.

Passei por outra abertura sem gradeamento — no nicho apenas havia cascalho — e cambaleei ao longo de mais vinte passos ou coisa que o valha, antes de esbarrar numa parede.

O corredor acabava. A parede era sólida; atrás de mim, o corredor estendia-se pelo caminho que percorrera.

Então, gritei. E continuei a gritar. Os ecos vinham todos de trás de mim.

Emparedaram o corredor e deixaram-me cá dentro. Fecharam-no para que ninguém jamais encontre os meus ossos.

Esgatanhei a parede, sentindo cair argamassa velha, pedras, e tijolos, sentindo as unhas desfazerem-se nas pontas dos meus dedos, dilacerados e retalhados.

Era inútil. Por trás dos tijolos estavam mais tijolos. Por trás desses outros tijolos havia pedregulhos.

Caí de joelhos, arquejando, com espasmos, e depois comecei a arrastar-me pelo caminho por onde viera.

A última abertura estava agora à minha direita — o nicho cheio de cascalho caído — mas desta vez rastejei para dentro dele, dilacerando os meus já dilacerados joelhos e palmas das mãos no amontoado de pedras.

Não eram apenas pedras. Eram degraus escavados na terra fria e solta.

Arrastei-me por eles, indiferente a qualquer obstáculo que pudesse estar à espera de me atingir na cara.

Esbarrei com uma parede, quase caí para trás pelas escadas invisíveis, mas agarrei-me ao bordo de uma abertura. *Havia* uma abertura. Quase conseguia *ver* a reentrância de alvenaria, de ambos os lados.

Tombei e esfolei a cara do lado direito contra a pedra rugosa. Mais um esquife. Pondo-me de pé, percebi que havia mais caixões empilhados na pedra escavada ou em formas de cimento. Estava num outro *loculus*. A bater os dentes, olhei para a esquerda e os meus olhos tiveram a sensação de um relâmpago nessa direção.

Esbarrei noutra grade de metal, manchei-a com o sangue invisível dos meus dedos desfeitos, enquanto, aos apalpões, procurava a abertura que a ela ia dar, e segui a cambalear por um vazio que devia ser um outro corredor.

Havia, decididamente, luz — um débil brilho cinzento espectral — à minha direita, a menos de vinte metros de distância.

Com os pés nus batendo no chão de pedra ou de tijolo, praticamente corri em direção à luz.

Sim. De repente conseguia ver as minhas mãos e braços diante de mim. Os meus dedos estavam escarlates.

Havia uma escadaria com enormes degraus de pedra que subiam e curvavam para fora do meu campo de visão.

Conhecia aquela escadaria.

Chorando, pedindo ajuda aos gritos ao Detetive Hatchery, escorregando, caindo, levantando-me, e trepando a pulso, subi os degraus e espremi-me através da familiar cunha da abertura.

A luz na cripta, compreenderia eu depois, era apenas o mais débil brilho que antecedia o alvorecer de janeiro — certamente insuficiente para se ler — mas cegou-me com a sua claridade.

Cambaleando contra a peanha de pedra que tapava a entrada secreta para a Cidade Subterrânea — uma entrada que jurei, então e ali, que nunca mais usaria —, tive de me curvar sobre a peanha vazia ou desmaiar.

— Hatchery! Por amor de Deus, socorro! Hatchery!

A minha própria voz assustou-me tanto que quase urinei sem querer. Baixei os olhos então, realmente, para o meu corpo nu e branco. Dei conta de que estava a olhar para o estômago, mesmo abaixo do esterno.

Lá estava um ferimento ou um arranhão vermelho.

Onde o escaravelho entrou.

Abanei a cabeça para me ver livre daquela imagem do pesadelo provocado pelo ópio. Tinha arranhões e esfoladelas por todo o corpo. Os meus pés e joelhos e dedos eram, de longe, a parte pior. A cabeça doía-me abominavelmente.

Devido à enorme barata a mover-se... a escavar.

— Para! — gritei em voz alta.

Por que razão não estava Hatchery ali? Porque me abandonara esta única vez, quando mais precisava dele?

Podes ter estado lá em baixo durante dias, Wilkie Collins.

Ouvi Ssenhor Wilkie Collins a ecoar no meu crânio dorido.

Então dei uma gargalhada. Não importava. Tinham tentado matar-me — quem quer que «eles» fossem; decerto King Lazaree e os seus amigos pagãos, uns filhos da mãe estrangeiros e colegas adictos ao ópio — mas tinham falhado.

Estava livre. Estava cá fora. Estava vivo.

Levantando os olhos, fiquei surpreendido por alguém ter decorado o alto da pequena cripta com uma espécie de fitas reluzentes. Aquelas resplandecentes grinaldas cinzentas não estavam ali quando Hatchery e eu entrámos havia horas — *dias? semanas?* —, estava certo disso. O Natal passara havia mais de duas semanas. E porquê decorar uma cripta vazia, para começar?

Não importava. Nada importava — nem mesmo o meu corpo trememente e cheio de dores, a minha dor de cabeça enlouquecedora, a minha sede terrível, ou a fome repentina — a não ser sair daquele lugar para sempre.

Evitando o frio buraco negro do chão de acesso à Cidade Subterrânea, rodeei a peanha — rapidamente, uma vez que a minha imaginação de escritor me deu então a visão de um longo braço cinzento, com longos dedos desprovidos de ossos, a deslizar subitamente de dentro daquele buraco, como uma serpente, e puxar-me, aos gritos, de volta à escuridão — mas, depois, tive de parar imediatamente.

Não tive outra hipótese.

O caminho estava bloqueado por um corpo estendido no chão da cripta.

Era o Sargento Detetive Hibbert Hatchery, com o seu pálido rosto deformado por um enorme e silencioso grito, com o branco dos olhos fi-

xado, sem ver, nos baixos-relevos e nas pequeníssimas gárgulas, colocadas nos cantos do teto da pequena cripta, enfeitadas com fitas e festões. Espalhados no chão de pedra, à volta do seu corpo, estavam os restos das suas três refeições da noite, um pequeno frasco, o chapéu de coco, e o exemplar do romance de Thackeray. Erguendo-se da sua barriga aberta, retesavam-se as reluzentes fitas cinzentas, que não eram nada fitas.

Incapaz sequer de gritar, saltei por cima do corpo, passei por baixo dos tensos cordões cinzentos, e corri, nu, à luz dos primeiros alvores, pelo Cemitério de São Sinistro Medonho.

CAPÍTULO VINTE E SETE



Duas horas depois estava de volta a um outro antro de consumo de ópio. À espera.

Tinha sorte em estar vivo. Afinal, andara a correr, nu e aos gritos, através dos piores bairros de Bluegate Fields, atrás das docas, sem sequer a noção para onde estava a correr. Apenas a hora estranha (até os bandidos estavam dentro de casa e a dormir, de madrugada, numa madrugada de janeiro, fria e de neve) e o facto de até os bandidos poderem ter medo de um louco aos gritos, com sangue nas mãos, explicam a razão pela qual a primeira pessoa que encontrei na minha fuga apavorada foi um agente da polícia, que fazia a sua ronda por entre as habitações.

O próprio polícia ficara assustado com o meu aspeto e modos. Retirara do cinto uma pequena moca pesada e estou certo de que, se eu tivesse continuado a dizer coisas sem sentido, me teria deixado sem sentidos e arrastado pelos cabelos até à esquadra mais próxima.

Tal como a coisa se passou, ele disse:

— Que disse agora mesmo? Disse... «o corpo de Hatchery»? Como em Hibbert Hatchery?

— Sim, senhor Agente, o ex-sargento Hibbert Hatchery, agora detetive particular Hibber Hatchery. Tiraram-lhe as entranhas e penduraram-nas em volta da cripta — oh, Jesus Cristo! Oh, meu Deus! — e ele estava a trabalhar para mim, particularmente, não para o Inspetor Field, para quem ele publicamente trabalhava particularmente.

O polícia abanou-me.

— Que é isso sobre o Inspetor Field? Conhece o Inspetor Field?

— Oh, sim. Oh, sim — disse eu, e ri-me. E chorei.

— Quem é o senhor? — perguntou o agente bem fornecido de bigode. A neve cobrira de branco o seu chapéu escuro.

— William Wilkie Collins — disse eu, por entre os dentes que batiam. — Wilkie Collins para os meus milhões de leitores. Wilkie para os amigos e quase toda a gente mais. — Dei uma nova risada.

— Nunca ouvi falar de si — disse o agente.

— Sou amigo pessoal e colaborador do Sr. Charles Dickens — disse eu. Os maxilares tremiam-me tão violentamente que quase só consegui articular a palavra «colaborador».

O polícia deixou que me mantivesse ali, nu, no meio da neve e do vento, enquanto batia com a pesada moca na palma da mão e olhava para mim de sobrolho franzido sob a orla do chapéu.

— Muito bem, venha lá então — disse ele, agarrando-me pelo braço, pálido e arranhado, e levando-me mais para dentro do aglomerado de casa.

— Um casaco — disse eu por entre os dentes que batiam. — Um cobertor. Qualquer coisa.

— Em breve — disse o polícia. — Em breve. Agora despache-se. Não fique para trás.

Imaginei a esquadra da polícia para a qual ele me estava a levar como sendo dominada por um grande fogareiro, tão quente que irradiava um fulgor vermelho. O braço tremia-me sob o aperto da mão do polícia. Chorei outra vez.

Mas ele não me levou para a esquadra da polícia. Pareceu-me reconhecer as escadas apodrecidas e a entrada escura pela qual me levou, empurrando-me. Depois, lá dentro, reconheci a mulher encarquilhada que arremeteu sobre mim, com um nariz que mais parecia um bico a sair pelo capuz formado pelo seu xaile negro e podre.

— Sal — disse o polícia, — põe este... cavalheiro... num sítio quente e arranja-lhe alguma roupa. Quanto menos piolhos tiverem, melhor, embora, na verdade, isso não interesse muito. Assegura-te de que não se vai embora. Usa o *Malaio* para teres a certeza de que não se vai embora.

A Sal do Ópio anuíra e dançava à minha volta, espetando as minhas coxas nuas e a barriga dorida com o seu dedo de unha grande.

— Já vi esta p'essoa aqui antes, Agente Joe. El'costumava ser cliente e fumar o cachimbo ali mesmo naquel'catre, iss' é qu'el fumou. O Inspetor Field levou-o uma noite. Antes disso, vi-o, pela primeira vez, com o velho Hib Hatchery e um cavaleiro que me disseram ser um tip'todo importante. Que al'te pod'rosa esta p'essoa era então; era pois, de cara franzida

e a olhar p'ra mim por cima do narizinho redondo e pelos óc'los c'agora não tem.

— Quem era esse alguém importante? — perguntou o polícia.

— Dickens, o homem do *Pickwick*, era quem — exclamou Sal triunfantemente, como se lhe tivesse custado toda a sua energia para dragar o nome das profundezas da sua opiada confusão.

— Vigia-o — rosnou o polícia. — Arranja-lhe algumas roupas, mesmo que tenhas de mandar o idiota procurá-las. Mantém o Malaio de vigia para que ele não vá a lado nenhum. E põe-no perto daquele fogão pequeno em que conservas um pedaço de carvão a arder para que ele não nos morra antes de eu voltar. Estás a ouvir, Sal?

A velha resmungara e depois cacarejou:

— Nunca vi um home' c'um pirilau, e resto da companhia, tão murcho, já t'nhas visto, Joe?

— Faz o que eu te digo — disse o polícia e partiu com uma rajada de ar frio que se agitou sobre nós como o bafo da Morte.

— Essas servem-te, qu'rido? — perguntou a Sal do Ópio enquanto eu me sentava numa sala vazia das traseiras da sala do ópio. Um malaio enorme com cicatrizes rituais na face assentou vigia do lado de fora da porta. A janela estava fechada e cerradamente pregada. O fedor do Tamisa atravessava-a, trazido pela brisa gelada, mesmo num dia de janeiro.

— Não — disse eu. A camisa era demasiado pequena, demasiado suja, e fedia. As pesadas calças e casaco de trabalhador cheiravam igualmente mal e faziam muito mais comichão. Tinha a certeza que sentia umas coisas pequenas a mexerem-se em ambos. Não havia roupa de dentro, nem meias. As botas velhas e gastas que ela trouxera eram demasiado pequenas para os meus pés.

— Bem, devias ficar agrad'cido pelo que t'ê dado — cacarejou a velha louca. — Não terias nada se não fosse p'lo facto d'o Velh' Yahee ter morrid'aqui de repente há duas noites e d'ninguém ter vind'buscar as coisas dele.

Fiquei ali sentado enquanto a luz da manhã de sábado se esgueirava por entre as persianas juntamente com o fedor e...

Espera. *Estávamos* na manhã de sábado, a manhã a seguir a eu ter descido ao mundo de King Lazaree, ou estávamos alguns dias mais tarde? *Parecia* que tinham passado dias, ou semanas. Pensei em chamar a Velha Sally do Ópio, mas percebi que eram grandes as hipóteses de a velha encarquilhada não saber. Poderia ter perguntado ao malaio da

cicatriz que estava à porta, mas ele não mostrara sinais de compreender inglês ou de ser capaz de falar.

Dei uma suave gargalhada, e depois abafei um soluço. Não interessava que dia era.

A minha cabeça doía-me tão horrivelmente que receei que pudesse desmaiar com as dores. Sentia o centro da dor bem fundo, distante, atrás dos olhos, não como uma mera dor de cabeça própria do reumatismo gotoso, que eu em tempos achara tão violenta.

O lucano está a escavar um buraco mais largo. A rolar um globo cinzento e reluzente diante de si, enquanto avança para a entrada do túnel em direção a...

Sentei-me na borda de um catre imundo e baixei a cabeça até aos joelhos, tentando sustentar a náusea. Sabia que não tinha mais nada para vomitar, e as tentativas de vômito em seco tinham transformado as minhas vísceras em tiras de dor espasmódica.

Os reluzentes festões cinzentos a elevarem-se até ao teto.

Sacudi a imagem, mas o movimento piorou a dor de cabeça e fez voltar as náuseas. O ar tresandava ao fumo do ópio — um ópio barato, diluído, estragado, poluído. Não podia acreditar que, durante semanas, viera ali em busca do horrível produto da Sal do Ópio — dormindo o sono dos drogados naqueles mesmos catres imundos, todos eles cobertos de piolhos e vermes. Que me passara pela cabeça?

O que me passara pela cabeça na noite anterior — ou quantas noites havia — quando descera para baixo da cripta para me juntar às múmias chinesas naquele outro antro de ópio?

Fora o Inspetor Field que viera com Hatchery para me levar lá, havia tantos meses. Fora o Inspetor Field que sugerira que eu fosse ao antro de King Lazaree sob a proteção de Hatchery. Poderia ter sido tudo uma conspiração, desde o princípio? Poderia Field ter assassinado Hatchery — talvez num ataque de raiva por o enorme detetive estar, marginalmente, a trabalhar para mim?

Abanei de novo a minha cabeça dorida. Nada daquilo fazia qualquer sentido.

No fundo do meu crânio, sentia algo a mover-se com seis patas afiadas e pinças de lucano. Não pude deixar de o fazer — gritei de terror quase tanto como de dor.

O Inspetor Charles Frederick Field e o Detetive Reginal Barris entraram de rompante.

— Hatchery está morto — disse eu por entre os dentes, que tinham recommçado a bater.

— Eu sei — ladrou o Inspetor Field. Agarrou-me pela parte su-

perior do braço, com o mesmo tipo de aperto que aquele outro polícia usara de manhã. — Venha. Vamos voltar lá agora.

— Nada me pode fazer voltar lá!

Estava errado. A mão potente do Inspetor Field encontrou um nervo do meu braço que eu não conhecia. Gritei de dor, ergui-me, e fui aos tropeções entre Barris e o outro homem mais pesado, descendo ruidosamente — meio empurrado, meio apoiado — pelas escadas e juntando-me a um grupo de outros homens, que estavam na rua à espera.

No total, contando com o inspetor e Barris, havia sete homens, silenciosos e duros, e embora nenhum deles estivesse fardado, percebi logo que todos tinham sido polícias durante a maior parte das suas vidas. Três deles levavam consigo um qualquer tipo de espingarda. Outro exibia, de lado, uma enorme pistola de cavalaria. Nunca tendo tido qualquer interesse em assuntos ou pessoas militares, fiquei chocado ao ver todo aquele armamento numa rua da cidade de Londres.

Mas, claro, aquilo não era bem Londres. Era Bluegate Fields. Ao deixarmos New Court e ao passarmos a litania de ruas sujas que eu vira em todas as estações do ano durante, pelo menos, dois anos — incluindo George Street, Rosemary Lane, Cable Street, Knock Fergus, Black Lane, New Road e Royal Mint Street —, dei conta das trouxas de miséria, envoltas em andrajos, nos pátios e às portas das casas, tanto masculinas como femininas, encolhidas nas sombras ou desaparecendo por portas mais obscuras à medida que passávamos. Reconheceram também como polícias os sete homens mortalmente sérios, com armas de fogo, quando viram o ameaçador grupo passar pelos seus horríveis buracos.

— Que aconteceu? — perguntou o Inspetor Field. O seu aperto férreo mantinha-se firme sobre o meu braço tremente. Levava um cobertor comigo para servir de xaile sobre o imundo casaco de trabalhador, mas a lã era de má qualidade e o vento frio passava por ele sem demora. Estava de novo a nevar.

— Que aconteceu? — instou Field outra vez, abanando-me ligeiramente. — Conte-me tudo.

Nesse instante tomei uma das mais fatais decisões da minha vida.

— Não me lembro de nada — disse eu.

— Está a mentir — ripostou o Inspetor Field e abanou-me novamente.

Todos os pretextos fornecidos pelo seu estatuto de detetive em trabalho para mostrar deferência para com o meu estatuto de cavalheiro tinham agora desaparecido. Eu bem poderia ter sido um dos tipos de Smithfield ou de Limehouse com quem ele lidara, ao longo das décadas, com um semelhante aperto férreo.

— Não me lembro de nada mesmo — menti eu de novo. — De nada, depois de fumar o meu cachimbo ontem à noite no antro de King Lazaree, por volta da meia-noite, como sempre. E depois lembro-me de acordar na escuridão, há algumas horas, e de encontrar o caminho para sair. E descobrir... pobre Hatchery.

— Está a mentir — disse novamente o inspetor.

— Drogaram-me — disse eu, sem ênfase, quando entrámos na última viela antes de chegar ao cemitério. — Lazaree, ou alguém, pôs alguma droga no meu cachimbo de ópio.

O Detetive Barris ladrou uma risada ao ouvir isto, mas o inspetor silenciou-o com um olhar.

Havia um outro homem, alto, que usava guarda-pó e tinha uma espingarda, que estava de guarda à entrada do Cemitério de São Sinistro Medonho. Levou a mão ao boné quando nos aproximámos. Fiz força para trás quando chegámos ao portão, mas o Inspetor Field impeliu-me para diante como se eu fosse uma criança.

A neve cobrira as lápides e as estátuas e salientara os contornos dos telhados planos e dos parapeitos das criptas. A árvore morta sob a qual se aninhava a última cripta erguia-se contra o céu nublado como um esguicho de tinta preta, orlado a giz branco.

Mais três homens esperavam dentro da cripta e a respiração pairava sobre eles como espíritos presos no frio. Afastei o olhar, mas não sem antes ver que tinham coberto o corpo esventrado de Hatchery com uma espécie de tela encerada. Os reluzentes festões cinzentos tinham desaparecido, mas dei conta de um segundo encerado, mais pequeno, a um canto, que cobria alguma coisa que não era o cadáver de Hatchery. Mesmo com o ar frio, o pequeno espaço cheirava como um matadouro.

A maior parte dos homens que nos tinham acompanhado através das ruas espreitou pela porta da cripta e ficou lá fora, à espera. A cripta era pequena e parecia então absurdamente apinhada, com seis pessoas lá dentro, uma vez que todos evitavam ficar demasiado perto do cadáver coberto de Hatchery.

Compreendi, com um sobressalto, que um dos três homens que esperavam na cripta não era polícia nem detetive, mas sim um malaio gigante, de compridos cabelos negros, sujos, que lhe pendiam abaixo do pescoço, com os braços atrás das costas e os pulsos cruelmente algemados com argolas de ferro. Por um instante de confusão, pensei que fosse o malaio que tínhamos acabado de deixar para trás no antro da Sal do Ópio, mas vi que este era mais velho e que na sua face não havia cicatrizes. Fitou-me sem qualquer curiosidade ou paixão, com os olhos

inexpressivos que já antes observara em condenados, antes ou depois do enforcamento.

O Inspetor Field avançou em direção à entrada estreita no chão, mas eu resisti com toda a minha energia.

— Não consigo ir lá abaixo — arquejei. — *Não* irei.

— Irá — disse o Inspetor Field, e empurrou-me para diante.

Um dos detetives que guardava o malaio alto deu uma lanterna de furta-fogo ao inspetor; uma outra foi entregue a Barris. Com o detetive mais novo à frente e o Inspetor Field mantendo o meu braço apertado enquanto me empurrava diante de si, descemos os três pela estreita escadaria. Apenas um dos outros homens — um detetive que me era estranho e que transportava uma pesada espingarda — nos acompanhou.

Confesso, Caro Leitor, que muitos elementos da meia hora que se seguiu continuam ainda perdidos para mim. O meu terror, fadiga e sofrimento eram tais que o meu estado de consciência era bastante como aquele que experimentamos quando pairamos na fronteira do sono — ora conscientes do que nos rodeia, ora deslizando para o sonho, ora regressando num sobressalto à realidade devido a um som, uma sensação ou qualquer outro estímulo.

O estímulo de que me lembro era o incessante e insistente aperto de ferro no meu braço, puxando-me ou empurrando-me nesta ou naquela direção, na escuridão iluminada pela lanterna do fosso.

À luz da lanterna, a breve descida e caminhada até ao antro de King Lazaree foi tão familiar como um sonho recorrente, sem nada que nele me recordasse o pesadelo da minha fuga apavorada na escuridão.

— É isto o antro de ópio? — perguntou o Inspetor Field.

— Sim — disse eu. — Quer dizer, não. Sim. Não sei.

Em vez da cortina suspensa, havia apenas uma grade ferrugenta como em todos os outros *loculi*. A luz da lanterna revelou, lá dentro, pilhas de caixões, em lugar de fiadas de três andares de tarimbas e da peanha com a sempre presente figura de Buda de King Lazaree.

— Esta grade não está colocada como as outras — grunhiu Barris, agarrando o ferro enferrujado e dando-lhe um encontrão. Ressoou como o sino do Juízo Final quando bateu no chão. Entrámos no espaço estreito.

— Não há terra caída do teto — disse Barris, movendo o feixe de luz da lanterna de furta-fogo de um lado para o outro. — Foi esvaziado e limpo.

O quarto homem do nosso grupo permaneceu no corredor com a sua espingarda.

— Sim, isto é o antro de King Lazaree — disse eu quando as lanternas iluminaram mais o corredor familiar e o recanto. Mas nada lá ficara, nem sequer marcas na pedra onde as pesadas tarimbas e o pequeno fogareiro de ferro tinham estado. A peanha, ao centro, onde King Lazaree se sentara, vestindo as suas túnicas de cores vivas, apenas servia agora de base a um sarcófago de pedra, antigo e vazio. O meu recanto privado, nas traseiras, era apenas mais um nicho cheio de ainda mais caixões empilhados.

— Mas não foi aqui que acordou, no escuro — disse o Inspetor Field.

— Não. Mais adiante no corredor, creio eu.

— Vamos procurar lá — disse o inspetor, fazendo um gesto a Barris para que fosse à frente dele. O homem com a espingarda ergueu a sua própria lanterna e seguiu atrás de nós.

Estava a pensar em Dickens. Em que ponto da sua digressão estaria ele, naquele momento? A última carta que recebera dele, enviada de Nova Iorque, pouco antes do Ano Novo, dava conta de que estava doente com o que ele chamou «ação insuficiente do coração» e tão infeliz onde estava que todos os dias ficava na cama até às três da tarde, só se levantando com grande dificuldade para as inevitáveis sessões da noite.

Teria Dickens um escaravelho dentro dele? Arrastar-se-ia ele do cérebro para o coração e enterraria as suas longas pinças quando fazia alguma coisa que o pudesse libertar de Drood?

Sabia, pelo itinerário original e pelos telegramas a Wills, enviados para o escritório da revista, que, naquele mês de janeiro, Dickens era para ter lido em Nova Iorque, Boston, Filadélfia, Baltimore e Brooklyn — e que cada um dos auditórios estava a vender entre seiscentos e oitocentos bilhetes — mas onde estava ele agora no meio dessa lista de cidades com nomes estranhos?

Conhecia Dickens suficientemente bem para saber que já teria recuperado da doença e do desfalecimento moral e que andaria a saltar de um lado para o outro entre leituras, entretendo crianças e mirones nos comboios que ligavam as cidades, pondo cada grama de energia e fibra do seu ser nas sessões da tarde e da noite, mas sabia também que, ao mesmo tempo, se sentiria miserável, contando os dias que faltavam para o seu navio largar para Inglaterra e para casa, em abril.

Viveria ele até lá? Permitiria o escaravelho que ele vivesse, se detetasse a sua traição?

— É este o local onde acordou? — perguntou o Inspetor Field.

Teve de me abanar para me fazer regressar do meu devaneio. Olhei para o interior de um *loculus* idêntico à maior parte dos outros, com a diferença de que neste estreito nicho havia pegadas — feitas por pequenos pés, nus e vulneráveis — na poeira acumulada. Havia também sangue na grade despedaçada por cuja fenda me tinha espremido, às cegas. Levei a mão ao local dos ferimentos ainda recentes nas minhas costelas e ancas.

— Sim — disse eu, sem expressão. — Acho que sim.

— É extraordinário como conseguiu sair daqui no escuro — disse Barris.

Não tinha nada para dizer. Tremia como se tivesse malária e queria sair daquele buraco mais do que qualquer outra coisa no mundo. Mas o Inspetor Field ainda não terminara.

Fomos de novo em direção à entrada, e a luz das três lanternas dançava nas paredes e nas entradas dos *loculi* de tal forma que me sentia desfalecer. Era como se a realidade e a ficção, a vida e a morte, a luz e a sua ausência absoluta, rodopiassem numa frenética *danse macabre*.

— Este corredor leva ao painel do crucifixo e aos níveis inferiores? — perguntou o Inspetor Field.

— Sim — disse eu, sem fazer qualquer ideia, nesse momento, sobre o que estava ele a falar.

Seguimos pelo corredor estreito, passando por *loculi* negros, até ao compartimento circular, subterrâneo, debaixo da antiga abside da Catedral de São Sinistro Medonho. Fora ali que Dickens descobrira a estreita escadaria de acesso à verdadeira Cidade Subterrânea.

— Não vou lá abaixo — disse eu, libertando-me com um puxão do aperto do Inspetor Field, quase caindo por me faltar esse apoio. — Não consigo ir lá abaixo.

— Não tem de ir — disse o Inspetor Field, e essas palavras quase me fizeram chorar. — *Hoje* — acrescentou ele. Para o homem da espingarda, disse: — Tragam o malaio para baixo.

Fiquei ali, entorpecido, fora do tempo, sentindo movimento nas profundezas da minha cabeça quando o escaravelho se mexia. Tentei não ficar novamente enjoado, mas o ar fedia, ali em baixo, ao mau cheiro do solo, a decomposição e a sepultura. Quando o detetive com a espingarda regressou, vinha outro detetive com ele — este, de sobretudo castanho e trazendo uma carabina — e, entre os dois, estava o malaio algemado. O oriental fitou-me quando entrou na abside subterrânea; os seus estreitos olhos negros, de cada lado de um nariz que mais parecia uma lâmina, estavam quase tão entorpecidos pela dor ou pelo desespero como os meus, mas mais acusatórios. Nunca olhou para Field ou para Barris, apenas para mim, como se eu fosse a causa dos seus tormentos.

O Inspetor Field fez um aceno com a cabeça e os dois homens armados conduziram o cativo através do despedaçado painel do crucifixo, descendo pela passagem estreita, e Barris e o inspetor levaram-me de volta ao corredor e depois para cima, até à luz.

— Não percebo — consegui eu arquejar quando saímos da cripta para o ar gélido de janeiro. A neve parara, mas o ar estava denso com o nevoeiro invernal. — Informaram a polícia? Porque estão todos estes detetives privados aqui? Decerto deve ter informado a polícia. Onde está a polícia?

O Inspetor Field guiou-me até à rua, onde estava à espera uma carruagem negra, fechada. Fez-me lembrar uma carruagem fúnebre. O bafo dos cavalos adicionava mais nevoeiro ao ar.

— A polícia em breve será informada — disse ele. O seu tom parecia suave, mas sob aquela suavidade eu sentia uma fúria e uma firmeza tão poderosas como o seu aperto no meu braço. — Estes homens conheciam Hibbert Hatchery. Muitos trabalhavam com ele. Alguns adoravam-no.

Barris e o inspetor ajudaram-me a subir para a carruagem. Barris foi de volta para entrar pelo outro lado. O Inspetor Field, com a mão ainda no meu braço, ficou junto da porta aberta.

— Drood espera que nos precipitemos hoje para a Cidade Subterrânea — uma dúzia, talvez, ou vinte. Ele quer que o façamos. Mas amanhã teremos aqui uma centena de privados, todos os que conheciam Hatchery ou que odeiam Drood. Amanhã iremos lá abaixo. Amanhã encontraremos Drood e fá-lo-emos sair da toca.

Fechou a porta com uma pancada abafada.

— Esteja disponível amanhã, Sr. Collins. Vamos ter necessidade de si.

— Eu não consigo... — comecei eu a dizer, mas depois vi os dois homens com as armas emergirem da cripta. O malaio já não estava com eles. Olhei horrorizado para a manga do braço direito do homem mais alto. O seu valioso casaco castanho estava escarlata do pulso para cima, como se o sangue tivesse ensopado a lã quase até ao cotovelo.

— O malaio... — consegui eu dizer. — Deve ter sido aquele sob custódia da polícia. Aquele que a Divisão de Detetives Metropolitana lhe entregou para interrogar.

O Inspetor Field não disse nada.

— Onde está ele? — sussurrei eu.

— Enviámos o malaio como mensagem — disse o Inspetor Field.

— Como mensageiro, quer o senhor dizer.

— Enviámos o malaio como *mensagem* — repetiu o Inspetor Field

sem expressão. Deu uma palmada na parte lateral da carruagem e Barris e eu rodámos através das ruas estreitas de Bluegate Fields.

Barris deixou-me à porta de minha casa no número 90 de Gloucester Place sem uma palavra. Antes de entrar, fiquei a tremer no nevoeiro e observei a carruagem negra virar a esquina e desaparecer de vista. Passou uma outra carruagem negra, com a lanterna acesa. Virou também na esquina. Não consegui ouvir se pararam ambas — o nevoeiro e a neve abafavam até os cascos e o ressoar dos eixos — mas a minha aposta é que sim. Barris estaria a indicar pontos de vigia, dando instruções. Os homens do Inspetor Field estariam a vigiar a frente e a traseira da casa, tinha a certeza, embora não com o mesmo elevado número de homens usado em 9 de junho último.

Algures lá fora, no nevoeiro, estavam os meus novos Gooseberries. Mas a única coisa que tinha de fazer para levar a melhor sobre eles era descer à carvoaria da cave, deitar abaixo uns quantos tijolos, e rastejar através do buraco estreito para penetrar nos níveis superiores da Cidade Subterrânea. A cidade seria então minha para viajar nela... ou pelo menos debaixo dela.

Soltei uma risada ao pensar nisto, mas parei quando o riso histérico se transformou em náusea. O escaravelho mexeu-se na minha cabeça.

Quando penetrei no átrio de entrada de minha casa, abri a boca para gritar de horror.

Os intestinos do Detetive Hatchery estavam espalhados, estendidos da cornija para o candelabro, do candelabro para a escadaria, da escadaria para os anteparos das velas. Estavam ali suspensos como na cripta, cinzentos, húmidos e reluzentes.

Não gritei. E após um momento, durante o qual tremi como uma criança, percebi que os «intestinos» eram simplesmente fitas, festões cinzentos e prateados, faixas de seda com laços, restos de alguma festa louca que atiráramos sobre a velha casa, havia séculos.

A casa cheirava a comida — carne assada e outras carnes fervidas, alguma espécie de grande *bouillabaisse* prestes a começar — e a necessidade de vomitar tomou-me novamente.

Caroline surgiu da sala de jantar.

— Wilkie! Onde *diabo* tens estado? Achas que podes desaparecer todas as noites e não... Bom Deus — onde arranjaste esses andrajos *atrozes*? Onde está a tua própria roupa? Que *cheiro* é esse?

Ignorei-a e gritei pela nossa criada de quarto. Quando ela irrompeu, de rosto corado pelos vapores da cozinha, disse bruscamente:

— Prepara-me um banho quente, imediatamente. *Muito* quente. Agora despacha-te.

— Wilkie — voltou Caroline à carga, — vais ou não responder-me e dar uma explicação?

— *Tu* vais explicar — rosnei, indicando com um gesto as faixas decoradas por todo o lado. — Para que é todo este lixo? Que se passa?

Caroline pestanejou como se tivesse levado uma bofetada.

— Que se *passa*? Dentro de poucas horas vai ter lugar o teu *importantíssimo* jantar-festa antes do teatro. Vem toda a gente. Temos de jantar cedo, claro, como tu indicaste, uma vez que temos de partir para o teatro pelas... — Ela fez uma pausa e baixou a voz para que os criados não a ouvissem. O que emergiu foi um silvo de chaleira. — Estás *bêbedo*, Wilkie? O láudano confundiu-te?

— Cala-te — disse eu.

Desta vez a cabeça sacudiu-se para trás e um rubor coloriu-lhe as faces como se ela tivesse *realmente* levado uma bofetada.

— Cancela — disse eu. — Envia o rapaz... envia mensageiros... diz a toda a gente que já não há festa.

Ela riu-se quase histericamente.

— Isso é *praticamente* impossível, como tu bem sabes. A cozinheira já começou a fazer o jantar. As pessoas já arranjam transporte. A mesa já está posta, com os respetivos bilhetes para o teatro em cada lugar. Seria praticamente impossível...

— Cancela — disse eu, raspando por ela para subir as escadas e tomar cinco copos de láudano, dar aquela roupa miserável à nossa criada Agnes para que a queimasse, e tomar banho.

Teria adormecido dentro da água fumegante se não fosse o arrastar dentro do meu crânio.

A pressão do escaravelho era tão grande que por três vezes saltei do banho para me ir pôr em frente do espelho. Ajustando as velas para me darem a máxima luz possível, abri a boca, mais do que julgava ser possível — na verdade, os músculos dos maxilares rangeram em protesto — e à terceira vez tive a certeza de ver um débil reflexo numa carapaça preta enquanto o enorme inseto recuou apressado, afastando-se da luz.

Virei-me e vomitei numa vasilha, mas não havia nada no meu estômago para deitar fora, e nessa altura a barata estava de novo no meu crânio. Voltei para o banho, mas de cada vez que o sono se aproximava,

revivia o interior da cripta, a reverberação cor de cinza, o fedor a matadouro do sítio, e por cima disso sentia o cheiro a incenso e ouvia o cântico e via o enorme inseto negro a escavar o seu caminho para o interior da minha barriga como se a carne fosse areia...

Depois ouvi baterem à porta.

— Vai-te embora!

— Chegou um telegrama para ti — disse Caroline através da porta.

— O rapaz disse que era importante.

A praguejar, saí do banho — que, de qualquer modo, estava a ficar frio — a pingar, pus o roupão por cima e abri a porta durante o tempo suficiente para agarrar o papel fino dos dedos brancos da Sra. G.

Presumi que a mensagem fosse de Fechter ou de outra pessoa do teatro — tinham o hábito desavergonhado de enviar telegramas como se um simples moço de recados não bastasse. Ou talvez fosse de Dickens. Num clarão revelador, imaginei-o a confessar o seu próprio escaravelho e dando conhecimento de que, de algum modo, soubera que eu ganhara o meu.

Tive de ler as sete palavras e a assinatura quatro vezes seguidas antes de o significado penetrar o meu cérebro exausto e habitado.

A MÃE ESTÁ A MORRER. VEM IMEDIATAMENTE. CHARLEY

CAPÍTULO VINTE E OITO



O rosto da minha mãe fez-me pensar num cadáver recente do qual a alma silenciosa estava ainda a tentar freneticamente escapar.

Os seus olhos, dos quais se via sobretudo o branco com apenas um vestígio de íris escura sob as pálpebras pesadas e avermelhadas, estavam distendidos e inchados como se sofressem uma terrível pressão interna. A sua boca estava bem aberta, mas os lábios, a língua e o palato pareciam tão esbranquiçados e secos como couro velho. Não conseguia falar. Não emitia quaisquer sons, a não ser um estranho silvo rouco que lhe emanava do peito. Não acho que nos conseguisse ver.

Charley e eu abraçámo-nos, horrorizados, diante do seu olhar cego, e eu arquejei:

— Bom Deus, como é que chegou a isto?

O meu querido irmão apenas pôde abanar a cabeça. A Sra. Wells pairava por ali perto, com as mãos cheias de artrite agitando-se sob as pregas do seu xaile preto de renda, e algures no canto mais distante esperava o médico de sempre da mãe, em Tunbridge Wells, o velho Dr. Eichenbach.

— A Sra. Wells disse que ela estava bem — não, bem não, com dores, por vezes com tosse, mas suficientemente bem para comer com apetite e saborear o chá da tarde e ter disposição para conversar com a Sra. Wells, ontem à noite — conseguiu dizer Charley. — E esta manhã... vim de Londres para lhe fazer uma surpresa... e descobri isto.

— Acontece frequentemente com os velhos que esperam, têm von-

tade e querem partir deste mundo — murmurou o Dr. Eichenbach. — Sem aviso. Sem aviso.

Enquanto Eichenbach, que era bastante surdo, conversava ao canto com a Sra. Wells, sussurrei em tom de urgência a Charley:

— Quero que o meu médico a veja. Frank Beard virá imediatamente.

— Tenho estado a tentar entrar em contacto com o seu médico mais recente, o Dr. Ramseys — disse Charley suavemente.

— Que foi que disseram? — chamou o Dr. Eichenbach do seu canto, junto ao lume. — Vai chamar o Dr... quê?

— Ramseys — disse Charley com um suspiro. — É, obviamente, um novo médico daqui que tomou sobre si o encargo de visitar a mãe nas últimas semanas. Tenho quase a certeza de que a mãe não tinha qualquer razão para o consultar... isto é, para sair da sua roda de excelentes conselhos e de atenção.

Eichenbach franzia os sobrolhos.

— Dr. Ramsey?

— Ramseys — disse Charles com aquela articulação exageradamente sonora tão utilizada na conversa frustrante com os quase surdos.

Eichenbach abanou a cabeça.

— Não há nenhum Ramsey ou Ramseys a praticar medicina à volta de Tunbridge Wells — disse ele. — Nem em Londres, tanto quanto sei, a não ser o velho Charles Bierbont Ramsey, e a sua prática está agora restringida à família de *Lord Leighton*. Além disso, a especialidade dele são as doenças venéreas — é tudo em que está interessado — e duvido seriamente que a Sra. Collins o tenha chamado para *esse* tipo de consulta. E que nome é este de Ramseys? Parece o nome de uma comissão.

Charles suspirou novamente.

— Creio que o Dr. Ramseys estava de visita a familiares em Tunbridge Wells quando ouviu falar da doença da mãe. Não é verdade, Sra. Wells?

A mulher pareceu perturbada e as suas mãos nodosas agitaram-se de novo sob o xaile.

— Sinceramente, não sei, Menino Charles. Só conheço o Dr. Ramseys por ouvir a sua muito querida mãe falar. Nunca falei com ele.

— Mas viu-o? — perguntei eu. O escaravelho mexeu-se dentro do meu crânio no mesmo instante em que uma mão gelada se fechava em volta do coração.

— Só uma vez — disse a velha com sinceridade. — E de longe. Ele estava a sair uma tarde, na semana passada, enquanto eu vinha a caminho através do prado.

— Como era ele? — perguntei eu.

— Oh... Decerto não conseguiria dizer, Menino Wilkie. Apenas pude ver um homem alto e magro a afastar-se pela estrada. Estava vestido muito formalmente, mas de uma forma — quem sou eu para falar! — bastante antiquada, como diriam as pessoas mais jovens. Usava uma casaca e um chapéu alto ao estilo antigo, compreende o que quero dizer?

— Não estou certo de compreender o que quer dizer, Sra. Wells — disse eu, com uma voz que esperava ser segura. — Como era o estilo antigo do chapéu?

— Oh, compreende o que quero dizer, Menino Wilkie. Do tipo que tem uma aba um pouco mais larga, e uma copa mais baixa — mais o tipo de chapéu de viagem que os cavalheiros usavam quando eu era miúda. E muito obviamente feito de sarja, não de seda.

— Obrigado, Sra. Wells — disse Charley.

— Oh... e havia o véu, claro — acrescentou a Sra. Wells. — Mesmo de longe, conseguia ver o véu. A sua mãe mencionou-o depois.

— Na verdade, a mim não mencionou — disse Charley. — Porque usava o Dr. Ramseys um véu?

— Por causa das queimaduras, claro. Queimaduras horríveis, disse Harriet... isto é, a Sra. Collins. A sua querida mãe. O Dr. Ramseys não queria assustar as pessoas na rua.

Virei a cabeça e fechei os olhos por um minuto. Quando os abri, apenas conseguia ver o rosto contraído da mãe e a sua boca aberta, desidratada, da qual a língua seca pendia como um pedaço de corda fora do lugar. Os seus olhos brancos e inchados pareciam dois ovos esmagados sob pálpebras humanas por uma terrível força.

— Sra. Wells — disse Charley suavemente, — poderia fazer o enorme favor de ir buscar aquele rapaz da vizinhança que por vezes faz recados para a mãe? Precisamos de enviar um telegrama ao Dr. Frank Beard, em Londres. Wilkie redigi-lo-á aqui e o rapaz levá-lo-á.

— A esta hora, Menino Charles? O telégrafo fechará daqui a menos de uma hora.

— Então precisamos de nos apressar, não precisamos, Sra. Wells? Obrigado pela sua ajuda. A mãe agradecer-lhe-ia se pudesse.

Caroline e eu separámo-nos com palavras desagradáveis.

Inexplicavelmente, *inacreditavelmente*, fizera perguntas, exigira respostas, e criara obstáculos à minha saída pela porta, mesmo *depois* de lhe ter mostrado o telegrama do meu irmão.

— Onde estiveste ontem à noite? — insistiu ela. — Onde arranjas-

te aquelas horríveis roupas que Agnes queimou? Que cheiro abominável era aquele a que elas cheiravam? Quando regressarás de Tunbridge Wells? Que vamos fazer acerca do jantar desta noite? E dos bilhetes para o teatro? Toda a gente estava a fazer conta com...

— Em primeiro lugar, tira estas malditas fitas e atira-as fora — rosnei eu. — Faz o teu jantar. Vai ao teatro com todos os homens, meus amigos. Certamente não será a primeira vez que te divertes e divertes outros à minha custa, quando eu não posso estar presente.

— Que quer *isso* dizer, Wilkie? Não *queres* que honre o nosso compromisso para jantar com os teus amigos? Não *queres* que use esses bilhetes para a *tua* peça, depois de teres prometido a uma dúzia de pessoas que assistiriam a ela, esta noite, do camarote do autor? Que queres tu que eu faça?

— Quero que *vás* — grunhi eu — para o diabo que te carregue.

Caroline imobilizou-se, gelada.

— A minha mãe está a morrer — disse eu áspera e terminantemente. — E quanto à questão de saber com quem escolhes jantar e ir ao teatro, tanto quanto me diz respeito, podes ir com o diabo que te carregue. — Descarreguei nela toda a minha fúria. — Ou com o teu canalizador.

Ainda imóvel, Caroline G. corou dos pés à cabeça.

— O que... queres dizer com isso, Wilkie?

Abri a porta bruscamente em direção ao nevoeiro e ao frio e ri-me na sua cara.

— Sabes muito bem o que quero dizer, minha querida. Quero dizer o Sr. Joseph Charles Clow, filho do destilador da Avenue Road, canalizador de profissão, sedutor — ou seduzido — por vocação. O mesmo Sr. Clow que tu secretamente alimentaste à minha mesa e com quem te encontraste clandestinamente cinco vezes desde o Dia de Natal.

E saí, batendo a porta na sua cara, corada e aterrada.

Tunbridge Wells estivera estranhamente silenciosa, coberta de neve e cheia de um nevoeiro denso e perturbadoramente branco, quando Charley me foi buscar à estação, de trenó, nessa tarde, e estava ainda mais opressivamente silenciosa e nevoenta às dez da noite, quando Frank Beard, carregado de bagagem, se materializou na névoa gélida, vindo do mesmo trenó, de novo manejado pelo sempre doente, mas aparentemente infatigável Charley. Eu ficara com a mãe e a adormecida Sra. Wells enquanto o meu irmão foi buscar o nosso amigo e médico. O Dr. Eichenbach há muito que fora para casa.

Frank Beard apertou a minha mão por um momento, num gesto

de silenciosa compaixão, e prosseguiu para examinar a mãe, enquanto Charley e eu esperávamos na outra sala. A lareira estava agora fraca e decidimos não acender mais velas ou lâmpadas. A Sra. Wells dormia no divã, no canto mais distante. Charley e eu falávamos por sussurros.

— Ela não estava assim a semana passada quando a viste? — perguntei eu.

Charley abanou a cabeça.

— Queixou-se de dores e pontadas e dos seus problemas respiratórios... Sabes como ela é, Wilkie... era... mas não, não apresentava sinais deste terrível... seja o que for.

Beard saiu pouco depois e acordámos a Sra. Wells para ouvir o que ele tinha a dizer.

— Harriet parece ter tido uma grave hemorragia cerebral — disse ele suavemente. — Como podem ver, ela perdeu a capacidade de falar, o controlo muscular e — muito possivelmente — a razão. O coração também parece comprometido. Tirando isso, fisicamente, ela parece...

Frank Beard interrompeu-se e voltou-se para a Sra. Wells.

— A Sra. Collins deu recentemente alguma queda? Feriu-se com tesouras, uma faca de cozinha ou, talvez, com uma agulha de tricô?

— De maneira nenhuma! — exclamou a senhora idosa. — A Sra. Collins não tinha atividade para que qualquer dessas coisas pudesse ter acontecido, Doutor. Nem eu teria *permitido* que acontecesse. E ela ter-me-ia dito se... Não, não, nenhum ferimento desses poderia ter ocorrido.

Beard assentiu.

— Porque pergunta, Frank? — disse Charley.

— A tua mãe tem um corte recente aqui... — disse Beard, levando a mão ao diafragma, mesmo abaixo do esterno. — Tem cerca de cinco centímetros de largura. Não é grave e está a cicatrizar, mas incomum para uma pessoa que não tem estado... — Abanou a cabeça. — Mas isso não importa. Estou certo de que não tem nada a ver com a hemorragia cerebral e a neuralgia interna que a deve ter afligido ontem à noite.

Eu estivera sempre de pé, mas agora as pernas tinham ficado tão fracas que tive de me sentar.

— O... prognóstico? — perguntou Charley.

— Não há esperança — disse Beard, terminantemente. — A neuralgia interna e a obstrução no cérebro são demasiado graves. Pode voltar a ter consciência — pode mesmo ser que a sua mente se torne mais clara antes do fim — mas estou certo de que não há esperança. É uma questão de dias ou semanas.

A Sra. Wells pareceu ir desmaiar, e Charley e Frank ajudaram-na a voltar para o divã.

Eu fiquei sentado, a fitar o lume. Na América era ainda o princípio da tarde. Algures, confortável, contente e limpo, Charles Dickens era tratado como um rei e preparava-se para mais uma noite de adoração pública. Numa mensagem recente que Wills partilhara comigo, Dickens escrevera: «*As pessoas viram-se para trás, voltam a virar-se e encaram-me, e olham para mim... ou dizem umas para as outras “Olhem, ali! Dickens vem aí!”*» e falava sobre ser reconhecido de cada vez que viajava de comboio, «*... nas carruagens dos comboios, se vejo alguém que claramente quer falar comigo, normalmente antecipo-me e falo eu primeiro.*»

A que obriga a nobreza! Como era indescritivelmente generoso o meu colaborador de outrora e eterno competidor! Ali estava ele, condescendendo em falar a dezenas de milhares de americanos adoradores (mesmo se deliberadamente ignorantes e fatalmente iletrados) que adoravam o próprio chão que ele pisava, enquanto eu estava ali sentado, em sofrimento, sentindo-me miserável e sem qualquer esperança, com a minha mãe a morrer horrivelmente, e uma coisa... escaravelhosa... a esgaravatar no meu crânio como um...

— Estou de partida, agora. Ficarei em casa de amigos na aldeia e venho ver Harriet antes de apanhar o comboio de regresso a Londres, de manhã. — Frank Beard estivera a falar. Passara algum tempo. Charley levava, obviamente, a Sra. Wells ao quarto dela e envergava agora um sobretudo e uma pesada boina de artista e estava à espera junto à porta para levar Beard. Ergui-me de um salto, apertei a mão do meu médico entre as minhas e agradeci-lhe profusamente.

— Eu fico com a mãe — disse a Charley.

— Eu ficarei à cabeceira dela durante a noite — disse o meu irmão.

— Pareces exausto, Wilkie. Atiça o lume e podes dormir no sofá grande quando eu voltar.

Abanei a cabeça, embora não saiba se para dizer que ficaria a pé junto da mãe durante a noite ou se para dizer que não estava exausto ou que não precisava do lume. Depois, Charley e Frank Beard foram-se embora, e ouvi os sons de inverno, traiçoeiramente felizes, dos sinos nos arreios dos cavalos, quando eles se dirigiram de novo para a aldeia.

Fui ao quarto da mãe e sentei-me na cadeira que fora puxada para junto da cama. Os seus olhos continuavam abertos, mas aparentemente sem verem, e as pálpebras estremeciam de vez em quando. Tinha os braços e os pulsos dobrados como as asas partidas de um pequeno pássaro.

— Mãe — disse-lhe eu suavemente, — lamento que...

Tive de parar. Lamentava que... o quê? Que a tivesse matado através da minha associação com Drood? *Matara-a* eu?

— Mãe... — recomecei eu a dizer e parei de novo.

Durante meses, escrevera e falara com ela sem grande proveito para o meu próprio sucesso. Estivera demasiado ocupado com a escrita da peça e com os respetivos ensaios, e a ter de assistir às primeiras representações, para passar algum tempo com ela — até o Natal não fora mais do que umas horas relutantes antes de correr para o comboio e regressar à cidade. Parecia que todas as mensagens que eu lhe escrevera desde o verão tinham sido sobre mim próprio (embora ela, tão querida, adorasse ouvir falar sobre os meus êxitos) ou sobre ajustar os termos da herança que nos chegaria, a Charley e a mim, caso ela morresse antes de nós.

— Mãe...

As pálpebras estremeceram-lhe descontroladamente de novo. Estaria ela a tentar comunicar? A minha mãe fora sempre uma pessoa atarefada, articulada, confiante, capaz e socialmente segura. Durante anos, mesmo após a morte do meu pai, ela presidira a um *salon* de artistas e intelectuais. Eu sempre a associara a competência, dignidade e um domínio de si mesma quase régio.

E agora *isto*...

Não sei, Caro Leitor, quanto tempo fiquei ali sentado à cabeceira da mãe. Sei que, a certa altura, comecei a soluçar.

Então, por fim, tinha de saber. Aproximei a vela. Debrucei-me sobre a sua forma insensível e puxei a roupa da cama para baixo.

A mãe estava de camisa de dormir, mas só tinha alguns botões junto ao pescoço — não era suficiente para o que eu queria. Ainda a chorar, limpando o pingo do nariz à manga, puxei o lençol de cima até aos tornozelos da mãe, pálidos, inchados e cheios de veias azuis, e — soluçando mais ruidosamente enquanto pegava na vela com uma mão — puxei-lhe lentamente a sua camisa de noite de flanela.

Cobri os olhos com o antebraço esquerdo, com a vela a chamuscar-me os sobrolhos e o cabelo, para que eu — o filho que a adorava — não visse a sua completa nudez. Mas confesso que enrolara a quente camisa de noite demasiado para cima, antes de olhar, ainda a tapar o meu campo de visão, pelo que os seus enrugados e flácidos seios estavam visíveis.

E por baixo deles, por baixo dos veios salientes que eram as suas costelas contra a pele descolorida, estava a marca vermelha abaixo do esterno.

Parecia do mesmo comprimento, com a mesma lividez e da mesma forma.

Meio enlouquecido pela fadiga e pelo terror, rasguei a minha camisa e os botões saltaram e rolaram pelo soalho para debaixo da cama, desaparecendo do meu campo de visão. Quase tive de me dobrar em dois para ver a marca vermelha na parte superior do meu estômago e movi a vela rapidamente de um lado para o outro para comparar o meu ferimento feito pelo escaravelho com a marca no peito da mãe.

Eram iguais.

Ouviu-se um estalar de tábuas do soalho e depois uma exclamação atrás de mim e eu girei — com as fraldas da camisa de fora e os botões abertos, e a camisa de noite da mãe puxada até à gola — vendo a Sra. Wells a fitar-me de olhos arregalados e uma expressão de horror absoluto.

Abri a boca para me explicar mas não encontrei palavras. Puxei a camisa de noite da mãe para baixo, atirei os cobertores sobre ela, coloquei a vela na mesa de cabeceira, e voltei-me para a velha governanta, que retrocedeu, encolhida.

Subitamente, ouviram-se pancadas terríveis na porta.

— Fique aqui — disse eu à Sra. Wells, mas ela apenas retrocedeu e se encolheu ainda mais, mordendo os nós dos dedos quando passei apressadamente por ela.

Corri para a porta — na minha confusão, pensei que Frank Beard voltara com algum novo prognóstico milagrosamente esperançoso — mas quando lá cheguei, olhei para trás para o quarto da mãe. A Sra. Wells não estava à vista.

As pancadas continuaram e aumentaram de violência.

Abri a porta de rompante.

Eram quatro homens grandes, todos desconhecidos, vestidos quase identicamente com sobretudos pretos e boinas de trabalhador, sob a neve noturna. Uma carruagem do género fúnebre aguardava e as suas lanternas irradiavam uma luz pálida.

— Sr. Wilkie Collins? — perguntou o maior e mais próximo de entre eles.

Assenti em silêncio.

— Está na hora — disse o homem. — O inspetor está à espera. Quando chegarmos a Londres, tudo estará pronto. Venha imediatamente.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



A Cidade Subterrânea estava a arder. O Inspetor Field dissera que ao cabo de vinte e quatro horas poria na rua uma centena de homens — ex-detetives, polícias fora de serviço e outros — ansiosos por descer aos subterrâneos da cidade para vingarem o assassinio do Detetive Hibbert Hatchery.

Fui obrigado a pensar que ele calculara por baixo. Mesmo nos vislumbres fragmentários que obtive nas horas que se seguiram, era óbvio que havia mais de uma centena de homens envolvidos.

Estava mais de uma dúzia de homens na larga barcaça de fundo chato em que Field me mandou entrar. Uma lanterna com luz viva pendia de um mastro inclinado, que se erguia sobre e para além da longa cana do leme, à popa. Junto da proa, dois homens controlavam um ofuscante foco de acetileno, do tipo dos que eram usados nas minas galesas em situações de emergência, como desmoronamentos; esse foco estava fixado num eixo e o seu cone de luz branca e brilhante cortou as águas escuras da fossa subterrânea, sob Fleet Street, ora iluminando as abóbodas de tijoleira, ora iluminando as paredes, à medida que curvavam, e os passeios de ambos os lados.

Uma outra barcaça seguia atrás da nossa. Ouvira dizer que havia duas que navegavam para norte, desde a extremidade daquele afluente que ia dar ao Tamisa. À nossa frente e atrás de nós, uma dúzia de pequenas embarcações estreitas acompanhavam a nossa estranha frota, com homens à proa e à popa manejando remos compridos e homens ao meio empunhando espingardas e pistolas.

Também havia gente com espingardas e pistolas na mão na barça da frente. Compreendi que muitos daqueles homens silenciosos vestidos com roupa escura de trabalho eram antigos atiradores especiais do Exército e da Polícia Metropolitana. Nunca tendo sido um apreciador das coisas militares, nunca vira uma tão grande concentração de armas de fogo. Não suporia nunca que Londres tivesse tantos particulares armados.

O longo túnel do rio-esgoto era negro e fétido, mas naquele momento estava cheio de feixes e círculos de luz à medida que os homens, nas barças e nas embarcações mais pequenas, juntavam o dardejar irregular das suas lanternas de furta-fogo ao clarão ciclópico dos focos de acetileno. Ecoavam gritos, para a frente e para trás, através do cheiro pestilento. Juntamente com as dúzias de homens que seguiam nos vários barcos, outros tantos caminhavam a passo largo sobre os estreitos bordos de pedra ou tijolo, de cada um dos lados do canal, e também eles levavam lanternas e armas.

Não fora necessário voltar ao Cemitério de São Sinistro Medonho para descermos a esta parte da Cidade Subterrânea (e, na verdade, Caro Leitor, não creio que teria sido capaz de o fazer). Havia novos corredores e escadarias — parte de um futuro complexo ferroviário, segundo o que percebi — que ligavam às antigas catacumbas, que tinham sido parte integrante do Cemitério de Abney Park, em Stoke Newington, e apenas tínhamos de descer ruidosas e bem iluminadas escadas, através de túneis menos bem iluminados, descer mais escadas, caminhar através de um curto, mas confuso labirinto de catacumbas ainda malcheirosas, depois descer outras escadas até aos novos esgotos que haveriam de ligar as obras de Saneamento Básico, em Crossness, às obras ainda incompletas do Embankment, e depois baixar novamente por estreitos poços e túneis antigos até à verdadeira Cidade Subterrânea.

Não fazia ideia de como tinham posto as barças e as chatas lá em baixo.

O nosso avanço era tudo menos silencioso. Além do eco dos gritos e passadas e de ocasionais tiros de espingarda quando alguém eliminava uma ratazana agressiva — os vermes nadavam e fervilhavam diante da nossa barça e das embarcações acompanhantes como um rio ondulante de dorsos castanhos —, ouviam-se também frequentes explosões mais à frente, que eram tão dolorosamente sonoras que tinha de tapar os ouvidos.

Pequenas saídas dos esgotos, algumas com menos de um metro de largura, outras maiores — todas chegando ao ou partindo do rio que corria na fossa principal, onde nós estávamos — ramificavam-se a in-

tervalos regulares a partir de ambos os lados do canal abobadado com tijolos, que fazia uma curva. A maior parte estava coberta com grades ou ralos corroídos e cobertos de lodo. O Inspetor Field ordenou bruscamente que aquelas grades fossem feitas explodir com a aplicação de cargas de pólvora que tinham sido previamente levadas para baixo por grupos avançados, que tinham ido a pé ou em chatas.

Os terríveis estrondos — amplificados para além do suportável pela arquitetura abobadada do túnel de tijolo — ribombavam regularmente a curtos períodos, fazendo-me pensar num terrível campo de batalha na Crimeia, com artilharia à nossa esquerda, à nossa direita e mesmo diante de nós, e por aí adiante.

Era intolerável, especialmente para as extremidades nervosas que não tinham podido dormir nos últimos três dias e noites, para os músculos e ossos que tinham sido drogados e abandonados para morrerem na escuridão, e para os sentidos que ainda gritavam de dor e em protesto. Alcancei a maleta que trouxera de Tunbridge Wells e tomei mais quatro doses de láudano.

Subitamente, o fedor piorou. Coloquei um lenço sobre o nariz e a boca, mas pouco filtrou o mau cheiro, que fazia lacrimejar os olhos.

O Inspetor Field não levava com ele qualquer arma visível, mas estava embrulhado numa capa invernal e usava um chapéu camponês de aba larga enterrado na cabeça, exibindo um cachecol vermelho-sangue que lhe dava várias voltas ao pescoço. O cachecol vermelho também lhe escondia a metade inferior do rosto. Qualquer arma que tivesse, poderia estar escondida num bolso debaixo das abas da capa.

Não me dirigira uma única palavra quando os quatro espectros negros, e depois Reginald Barris, me depositaram na Cidade Subterrânea e depois na barcaça, mas agora o Inspetor Field — entre remotas explosões — recitava:

*«How dare
Your dainty nostrils (in so hot a season
When every clerk eats artichokes and peason,
Laxative lettuce, and such windy meat)
‘Tempt such a passage? When each privy’s seat
Is filled with buttock, and the walls do sweat
Urine and plasters?»⁴*

⁴ «Como ousam as tuas frágeis narinas (em tão quente estação, quando todos os empregados comem alcachofras e ervilhas, alface laxativa e outros alimentos ventosos) tentar uma tal travessia? Quando todas as latrinas estão cheias de nádegas, e as paredes suam urina e argamassa?» [N. do T.]

Barris e os outros subalternos de Field fitaram-no como se ele tivesse enlouquecido, mas eu dei uma gargalhada.

— O senhor e Charles Dickens têm algo em comum, Inspetor.

— Sim? — Os sobrolhos pretos e espessos do velho arquearam-se por cima do corte rasgado a vermelho do cachecol.

— Ambos parecem saber de cor «On the Famous Voyage», de Ben Jonson — disse eu.

— Que homem culto o não saberia? — disse o Inspetor Field.

— Na verdade — disse eu, sentindo a magia do láudano revivificar, de algum modo, o meu quase extinto lado espiritual — parece haver todo um género de escrita de esgoto, de poesia de esgoto.

— Uma sinédoque da imundície da cidade que se acocora por cima de nós em toda a sua corrupção cloacal — disse o Inspetor Field. O idoso homem estava a mostrar uma rude eloquência aliterante que eu, a julgar pelas nossas conversas anteriores, nunca esperaria. Ou, muito mais provavelmente, estava muito bêbedo.

— Gostaria de ouvir um excerto de «Description of a City Shower», de Swift? — continuou ele. — Julgo que o senhor, um escritor, Mestre Wilkie Collins, sabia que Swift não se referia a um aguaceiro. Ou, mais adequadamente à nossa fedorenta odisséia pela Fossa de Fleet, talvez gostasse de ouvir recitar o Segundo Livro da escatológica *Dunciad*, de Pope?

— Talvez numa outra oportunidade — disse eu.

A Fossa de Fleet alargava-se até se tornar um verdadeiro rio subterrâneo, suficientemente largo para oito ou nove barças e chatas das nossas avançarem lado a lado. O telhado de tijolo do esgoto desapareceu também quando penetrámos uns quatrocentos metros ou mais na verdadeira gruta — ali, o telhado esfarrapado erguia-se tão alto que não se via, por cima de camadas de nevoeiro, vapor ou fumo. Para a direita do curso do rio, uma dúzia de canos de esgoto gradeados, com cerca de três metros de diâmetro, despejavam o seu efluente fumegante na corrente principal, mas do lado esquerdo surgiam, visíveis, largas prateleiras de lama e cascalho — uma espécie de margem ou praia. Erguendo-se acima destes diques de cascalho, a uma altura de trinta metros ou mais, havia parapeitos, aberturas, nichos e vislumbres de criptas intersetadas por túneis, grutas antigas, e fundas caves em baixo de caves dispostas em altura na parede escalavrada daquela gruta, como os edifícios de vários andares na Strand.

À medida que deslizávamos para a proximidade da praia de casca-

lho, levantei os olhos e vi movimento — gente em andrajos a espreitar por cima de paredes baixas, fogueiras a cintilarem, farrapos miseráveis estendidos ao longo de cordas estendidas sobre o abismo, escadas e pontes grosseiras que ligavam as habitações subterrâneas.

Charles Dickens sempre imaginara que sondara as profundezas dos pardieiros de Londres, que conhecera os caminhos patéticos dos mais pobres de entre os pobres da nossa capital, mas aqui — a tanta distância da superfície — se provava à evidência que havia ainda mais pobres do que os mais pobres de entre os pobres que habitavam os pardieiros, putrefactos e flagelados pelo tifo, lá de cima.

Conseguia ver, agora, famílias nos casebres e, sobre os rebordos mais altos, o que me pareceram crianças vestidas com uma variedade de andrajos imundos, todas a espreitarem-nos, alarmadas, como se fôssemos Vikings a fazer uma incursão nalguma povoação saxã, esquecida pela História e por Deus. Os nichos na parede alta, cada um deles abrigando casebres feitos de lona, tijolos partidos, blocos de lama e latas velhas, fizeram-me lembrar ilustrações que vira de habitações de Índios Peles-Vermelhas Americanos abandonadas, no alto de falésias, em desfiladeiros algures no Oeste ou Sudoeste americano. Só que *aquelas* habitações, naquela falésia, estavam tudo menos abandonadas; calculei que centenas de pessoas vivessem naqueles buracos na rocha, ali, bem abaixo da cidade.

Mais homens do Inspetor Field chegaram a pé, vindos de sul por grutas invisíveis, por escadarias, ou pelos caminhos laterais ao longo dos esgotos. As barças e chatas aportaram na praia com um ruído de ossos triturados e os nossos homens, sombras escuras com tochas, lanternas e espingardas, espalharam-se em todas as direções.

— Queimem tudo — disse o Inspetor Field. Barris e outros lugares-tenentes transformaram a ordem dada suavemente pelo velho numa série de gritos ecoantes.

A caverna da Fossa de Fleet ecoava com brados e gritos. Via os homens de Field subirem escadas de mão e degraus de pedra, correndo ao longo de terraços, e arrebanhando as figuras, que mais pareciam trouxas de trapos, para longe das cabanas e casebres. Não havia resistência, tanto quanto podia ver. Perguntei-me porque viria alguém para uma caverna como aquela, por baixo das velhas criptas, depois percebi que havia ali uma temperatura de gruta — pelo menos uns 12 graus centígrados — enquanto nas ruas empedradas e nos frios e precários pardieiros lá de cima estava uma temperatura abaixo de zero.

Quando as primeiras chamas se elevaram do viveiro de cabanas, ouviu-se um enorme arquejo que ecoou pelo espaço como se cem ou du-

zetas formas distintas tivessem sustido a expiração, em sobressalto, ao mesmo tempo. Os panos secos e a madeira flutuante, os colchões velhos e ocasionais sofás deitados fora, arderam como uma mecha e, ao cabo de dois minutos, apesar do facto de a maior parte do fumo ser levado para cima e sair pelos diversos poços, escadas e corredores existentes na rocha, havia uma pesada nuvem negra sob o teto da gruta, por cima de nós. Novas chamas, de cor laranja, que crepitaram através dessa nuvem e as explosões em série provocadas pelos homens de Field que rebentavam as grades e os ralos das entradas do esgoto, do lado contrário do rio, emprestavam a toda a cena o aspeto de uma violenta tempestade de verão.

Subitamente, uma trouxa de trapos veio a voar desde um dos terraços mais altos, batendo à medida que descia, e atingiu o rio subterrâneo com um silvo, antes de se afundar.

Pedi a Deus que fosse apenas uma trouxa de trapos. Pedi a Deus que fossem apenas trapos a baterem, e não braços e pernas a espernearem ao longo da queda.

Subi até onde o Inspetor Field estava, encostado à proa da barcaça encailhada na praia e disse:

— Era absolutamente necessário pegar fogo a esta gente?

— Sim. — Ele não virara a cabeça para não ver o espetáculo. De vez em quando, gesticulava, e Barris ou outro dos seus subalternos preferidos enviava homens para cercarem formas que corriam ou aplicar a tocha nalgum casebre que escapara às primeiras chamas.

— Porquê? — insisti eu, persistente. — São apenas pobre pedintes, que nem nas ruas são capazes de competir. Aqui em baixo não fazem mal nenhum.

Field virou-se para mim.

— Aqui em baixo — disse ele suavemente — estes projetos de homens e mulheres e respetiva descendência não são súbditos de Sua Majestade. Aqui não há ingleses, Sr. Wilkie Collins. Este é o reino de Drood e estes são os agentes de Drood. Eles juram-lhe lealdade e — de uma forma ou de outra — oferecem-lhe os seus serviços e auxílio lá em cima.

Comecei a rir, então, e verifiquei ser muito difícil parar.

O Inspetor Field levantou um espesso sobrolho.

— Disse alguma coisa humorística?

— O Reino de Drood — consegui, por fim, dizer. — Os leais agentes de... Drood. — Recomecei a rir.

O Inspetor Field afastou-se de mim. Acima de nós, as trouxas de trapos, de todos os tamanhos, eram forçadas a marchar para fora das suas habitações cheias de fumo e da caverna da Fossa de Fleet para o que, ou quem, quer que fosse que as esperava lá em cima.

...

— Por favor, acompanhe o Sr. Barris — disse-me o inspetor algum tempo depois.

Eu, pouca atenção estava a prestar ao que se passava. Lembro-me que deixáramos para trás os cerca de oitocentos metros de caverna e habitações em chamas e seguíramos o rio por um túnel de novo mais estreito. À nossa frente, o caminho abobadado divergia em dois canais principais e, à esquerda, uma espécie de barragem baixa ou vazadouro requeria que a barça fosse descida com a ajuda de um guincho; as chatas já tinham seguido à nossa frente. A barça do Inspetor Field tomara o canal da direita, mas adiante havia uma importante saída de esgoto e, evidentemente, queriam que a explorasse, a bordo de uma chata, com Reginald Barris.

— Você viu o templo de Drood — explicou o inspetor. — Cremos que o acesso a ele pode ser através de uma parede falsa ou um canal oculto.

— Eu não vi o templo de Drood — disse eu, com cansaço.

— O senhor descreveu-o. Disse que havia degraus que conduziam a ele a partir do rio, portas altas de bronze e estátuas de ambos os lados — relíquias egípcias, formas humanas com cabeça de chacal e de pássaro.

Senti um arrepio gelado subir-me pelas costas quando aquilo me trouxe de volta ao meu sonho com a barata de menos de trinta e seis horas antes — poderia ser este o intervalo de tempo certo? Poderia, realmente, ser aquela apenas a noite a seguir a ter acordado nas criptas escuras um pouco mais acima? — mas disse:

— Essa foi a descrição de Charles Dickens, Inspetor. Nunca dei a entender ter visto o mítico templo de Drood... nem mesmo Drood, já agora.

— Você esteve lá ontem, Sr. Wilkie Collins, ambos sabemos disso — disse o Inspetor Field. — Mas não vamos discutir isso aqui. Vá, por favor, com o Detetive Barris.

Antes de me arrastar para a chata, perguntei:

— A sua busca, aqui, está quase no fim, Inspetor?

O velho soltou uma gargalhada.

— Ainda mal começámos. Mais umas oito horas, pelo menos, até nos encontrarmos com os meus homens que vêm do lado do Tamisa.

Senti-me novamente atordoado e com náuseas ao ouvir aquilo. Quanto tempo decorrera desde que verdadeiramente dormira — não que perdera a consciência devido às drogas de King Lazaree ou Drood, mas que dormira a sério? Quarenta e oito horas? Setenta e duas?

Desci desajeitadamente para onde Barris e outros dois homens es-

tavam à espera na chata oscilante, e, com esses homens, à frente, a manejar uma vara, à maneira das gôndolas, e o outro, à popa, dirigindo, deixámos o rio e subimos lentamente por um túnel lateral, de tijolo. Sentei-me num banco lateral, perto do centro da embarcação de cinco metros, enquanto Barris ficou de pé, nas imediações, utilizando uma segunda vara para se equilibrar. O telhado de tijolo, coberto de musgo, era tão baixo que Barris conseguia, levantando a mão, ajudar a empurrar a chata; conseguia ver a mancha verde nas suas dispendiosas luvas castanhas.

Estava meio a dormir quando o estreito canal de esgoto foi dar a uma corrente com uma largura de seis metros.

— Olhe! — disse o detetive que seguia à proa e apontava a lanterna de furta-fogo para a frente.

Quatro ferozes Meninos Selvagens estavam dentro de água até à cintura a debaterem-se com alguma coisa pesada e empapada que parecia ter tombado do alto de um cano mais pequeno na parede curva do esgoto maior.

Deslizámos, aproximando-nos, e percebi que a «coisa empapada» era o cadáver de um homem. Os rapazes tinham estado de volta da coisa verde, passando revista ao casaco e aos bolsos a desfazerem-se. Os quatro meninos imobilizaram-se sob a luz projetada pela nossa lanterna e os seus olhos e ela devolveram-nos uns olhos arregalados, brancos e inumanos.

Uma quase vertiginosa sensação de *déjà vu* passou por mim até perceber que estava a ver uma cena diretamente saída da sensacionalista história em folhetins *The Wild Boys of London; or, The Children of the Night — A Story of the Present Day*, que tanto eu como Dickens tínhamos referido — ambos embaraçados por tê-la lido — quando descêramos ali pela primeira vez, havia quase dois anos.

O rosto do morto parecia mover-se e reluzir à medida que nos aproximávamos, quase como se as suas feições deterioradas e brancas como um verme estivessem cobertas por um tecido muito fino de seda translúcida. Os olhos pareciam pestanejar, ora abertos, ora fechados; os músculos da boca pareciam contorcer-se como se tentassem esboçar um sorriso, talvez um sorriso pesaroso por fazerem parte de um quadro tirado de uma história tão sensacionalista e mal escrita.

Então vi que não eram os músculos faciais que, no cadáver, se moviam. O rosto, as mãos e todas as outras partes expostas do homem estavam completamente cobertas com uma fina película de larvas em constante movimento.

— Parem! — gritou Barris quando os Meninos Selvagens largaram

o fardo empapado de novo na espessa imundície da corrente e se viraram para fugir.

O homem da proa conservou o feixe de luz da lanterna de furta-fogo sobre o grupo que se dispersava enquanto o seu companheiro dava um forte impulso à chata com a vara bem enterrada no lodo do fundo do túnel. Tirando a adição sem gosto das larvas, eu estava a desfrutar a absurdidade irreal e sensacionalista de tudo aquilo.

— Parem! — gritou novamente Barris. De súbito, surgiu um pequeno revólver prateado na mão do detetive. Não fazia ideia, então — e não faço até hoje —, porque queria ele deter aquelas criaturas ferozes.

Dois dos rapazes içaram-se até um ralo alto que parecia demasiado pequeno para permitir o acesso até mesmo àqueles espectros impossivelmente magros e esfaimados, mas eles desapareceram com uma repentina contorção. Quase se esperava ouvir o estalar de uma rolha de garrafa de champanhe quando as solas dos pés, pálidas e nuas, do segundo se contorceram e agitaram para fora do nosso campo de visão. O terceiro rapaz agachou-se todo e deslizou de cabeça por um outro cano, do lado oposto.

O quarto rapaz estendeu os braços, com os cotovelos bem dentro da corrente, e arremessou duas mancheias de esterco contra o nosso barco. O detetive com a lanterna de furta-fogo baixou-se e gritou uma imprecação. Ouvi a imundície espalhar-se pelo banco onde eu estava sentado e vi alguma dela atingir as lapelas do pesado casaco de lã de Reginald Barris.

Dei uma gargalhada.

Barris disparou a pistola duas vezes. O ruído de retorno soou tão alto e tão assustador, no estreito túnel de tijoleira, que pus as mãos sobre os ouvidos.

O Menino Selvagem ficou estendido na água de barriga para baixo.

A chata deslizou para lá do cadáver do homem coberto de vermes até alcançarmos o rapaz. O detetive que manejava a vara baixou-se e virou o rapaz ao contrário, puxou-o até meio para dentro do barco. Água imunda e pestilenta pingou dos seus andrajos e da sua boca aberta para a chata.

Não tinha mais de dez ou onze anos. Uma das balas de Barris atravessara-lhe a garganta, desfazendo-lhe a jugular. O sangue ainda golfava do ferimento, embora muito debilmente. A outra bala entrara-lhe na face, mesmo abaixo do olho, o que continuava aberto e fixo, como se em reprovação. Os seus olhos eram azuis.

O homem da vara deixou o cadáver escorregar de novo para a água negra.

Pus-me de pé e agarrei Barris pelos seus largos ombros.

— Matou uma criança!

— Não há crianças na Cidade Subterrânea — foi a resposta fria e indiferente de Barris. — Apenas há vermes.

Lembro-me de o atacar, então. Apenas os grandes esforços do detetive que manobrava a vara e do outro, à popa, que utilizou a cana do leme como ponto de apoio, impediram a balançante chata de se virar, acrescentando os nossos quatro corpos à corrente onde já boiavam o homem coberto de vermes e o rapaz assassinado.

Lembro-me de ter emitido sons quando ataquei Barris, mas sem formar palavras — meros grunhidos e gritos meio abafados, sílabas desarticuladas e sem sentido. Não ataquei o detetive com os punhos, mas sim com os dedos abertos como garras, procurando arrebatá-lo os olhos com as unhas, como uma louca faria.

Recordo-me, de forma vaga, de Barris a segurar-me com uma mão até se tornar evidente que eu não iria desistir e iria tombar-nos a todos nas águas negras. Recordo incompletamente de os meus gritos se tornarem mais intensos e de a minha saliva se espalhar pelo rosto bonito do detetive e de ele dizer alguma coisa ao homem da popa, atrás de mim, e depois de ver surgir a pistola prateada, do seu cano curto mas pesado e faiscante à luz da lanterna oscilante.

E depois — abençoadamente — não me recordo de mais nada a não ser de uma escuridão sem sonhos.

CAPÍTULO TRINTA



Acordei, dando por mim na minha cama em pleno dia, na minha camisa de dormir, cheio de dores e com Caroline a pairar — de cenho carregado — sobre mim. O crânio pulsava-me numa agonia maior da que até ali experimentara e todos os músculos, articulações, ossos e células do meu corpo se esmagavam contra o seu vizinho, num coro desafinado de desespero físico repleto de dor. Parecia como se vários dias ou semanas tivessem passado desde que tomara alguma porção do meu láudano medicinal.

— Quem é Martha? — perguntou Caroline.

— O quê? — Mal podia falar. Tinha os lábios secos e estalados e a língua inchada.

— Quem é Martha? — repetiu Caroline. A sua voz era terminante e antipática como um tiro de pistola.

De todas as espécies de pânico por que passara ao longo dos últimos dois anos, incluindo acordar sem ver numa cripta subterrânea, nenhuma foi tão horrível como esta. Sentia-me como um homem que fosse sólida e seguramente sentado na sua confortável carruagem e, de repente, a sentisse guinar por um penhasco abaixo.

— Martha? — consegui eu dizer. — Caroline... minha querida... de que estás a falar?

— Tens dito... e repetido... «Martha» enquanto estiveste a dormir, durante dois dias e duas noites — disse Caroline, sem que a sua expressão ou o seu tom abrandassem. — *Quem é Martha?*

— Dois dias e duas noites! Por quanto tempo estive inconsciente? Como cheguei aqui? Porque tenho uma ligadura na cabeça?

— Quem é Martha? — repetiu Caroline.

— Martha... é uma personagem de Dickens em *David Copperfield* — disse eu, tocando na espessa ligadura enrolada em volta do meu crânio e fingindo desinteresse pela conversa. — Sabes... a rapariga da vida que caminha ao longo do Tamisa, nojento e impuro. Acho que estava a sonhar com o rio.

Caroline cruzou os braços e piscou os olhos.

Nunca subestime, Caro Leitor, o engenho de um romancista numa situação insustentável, mesmo que ele esteja numa situação tão terrível como aquela em que eu estava naquele dia.

— Durante quanto tempo estive a dormir? — perguntei eu outra vez.

— É quarta-feira de manhã — disse Caroline por fim. — Ouvimos bater à porta a meio do dia de domingo e encontrámo-te inconsciente no alpendre. Onde tens estado, Wilkie? Charley — ele e Kate estiveram cá por duas vezes; ele diz que a tua mãe está quase na mesma — disse que a Sra. Wells relatou que deixaste a casa da tua mãe sem uma palavra de explicação, no sábado à noite, já tarde. Onde foste? Porque tresandava a tua roupa — tivemos de a queimar — a fumo e... a alguma coisa pior? Que aconteceu à tua cabeça? Frank Beard esteve cá três vezes para te ver e estava bastante preocupado com o rasgão na tua têmpora e o possível traumatismo no cérebro. Estava com medo de que estivesse em coma. Estava com medo de que pudesses nunca mais acordar. Onde estiveste? Por que raio de razão estavas a sonhar com uma personagem de Dickens chamada Martha?

— Só um minuto — disse eu, inclinando-me para o lado, mas decidindo que não seria capaz de me pôr de pé, ou, se conseguisse pôr-me de pé, de ser capaz de andar. — Responderei às tuas perguntas dentro de um minuto, mas primeiro diz à rapariga para trazer a vasilha. Depressa. Vou vomitar.

Caro Leitor do meu futuro distante, parece bem possível — até mesmo provável — que no seu País Distante, daqui a cem anos ou mais, todas as doenças tenham sido domadas, todo o sofrimento banido, todas as misérias mortais tão comuns aos homens do meu tempo se tornem apenas um longínquo vestígio de um eco do rumor da História. Mas, no meu século, Caro Leitor, apesar da nossa inevitável *hubris* ao compararmos-nos com culturas mais primitivas, na verdade sabemos muito pouco

sobre com que combater a doença ou a lesão e que poções utilizar nas nossas tentativas patéticas de melhorar a mais velha inimiga da humanidade — a dor.

O meu amigo Frank Beard era melhor do que a maior parte dos praticantes do seu incerto ofício. Não me sangrou. Não me aplicou sanguessugas na barriga ou trouxe o seu arsenal de feios instrumentos de aço para me trepanar ou perfurar (aquele hábito de os cirurgiões do século dezanove de casual ou obscenamente fazerem um furo no crânio dorido do paciente como se retirassem o coração a uma maçã com um pequeno berbequim manual, fazendo saltar o círculo de osso branco tão facilmente como fariam saltar a rolha de uma garrafa de vinho, agindo sempre como se isso fosse a coisa mais normal do mundo). Não, Frank Beard fez frequentes visitas, honestamente friccionou e meditou, observou o rasgão e a contusão na têmpora, mudou compressas, inquiriu-me ansiosamente sobre as dores constantes que tendiam a piorar, aconselhou repouso e uma dieta de leite, deu serenas instruções a Caroline, ralhou comigo sobre a minha ingestão de láudano, mas não me mandou parar com ela, e — no fim — honrou o verdadeiro espírito de Hipócrates de, em primeiro lugar, não causar qualquer mal. Tal como com o seu mais célebre paciente e amigo — Charles Dickens —, Frank Beard, o médico, preocupava-se comigo sem ser capaz de me ajudar.

Permaneci, assim, em agonia.

Recuperara a consciência — tal como ela era — na minha própria cama, no dia 22 de janeiro, cinco dias depois da minha última descida ao antro de King Lazaree. Durante o resto da semana, estive demasiado doente para sair da cama, mesmo apesar de a minha necessidade quase absoluta de visitar a mãe. Ao longo de todos os meus anos de sofrimento do reumatismo gotoso, nunca passara por nada igual. Para além das habituais dores nos músculos, articulações e vísceras, era como se as dores nascessem de uma fonte, pulsante e ardente, que se impregnara profundamente por trás do olho direito.

Ou como se algum inseto enorme escavasse o caminho para o meu cérebro.

Foi durante este período que me lembrei de uma coisa estranha que Dickens me dissera alguns anos antes.

Tínhamos estado a discutir a cirurgia moderna, em termos gerais, e Dickens referiu de passagem «um determinado procedimento médico simples a que fui submetido há anos, não muito tempo antes de viajar para a América...»

Dickens não entrou em detalhes, mas eu sabia, através de Katey Dickens e de outros, que cirurgia — a que dificilmente se poderia cha-

mar «procedimento simples» — fora essa. Dickens, ao mesmo tempo que trabalhava em *Barnaby Rudge*⁵, começara a ter dores retais cada vez graves. (Não consigo dizer como se poderiam elas comparar à minha atual e lancinante dor de cabeça.) Os médicos diagnosticaram uma «fístula» — literalmente uma fenda na parede retal através da qual o tecido era forçado.

Dickens não teve outra opção senão ser imediatamente submetido a uma cirurgia e escolheu o Dr. Frederick Salmon — autor, treze anos antes, de *A Practical Essay on the Structure of the Rectum* — para a realizar. O procedimento consistia em o reto ser alargado por uma lâmina, depois aberto por uma série de grampos, enquanto o tecido intrusivo era lenta e cuidadosamente cortado, sendo, depois, as extremidades soltas recolocadas, por pressão, fora da cavidade retal, e, por fim, a parede retal era unida e cosida.

E Dickens passou por isto sem qualquer morfina, ópio, ou qualquer espécie daquilo a que alguns chamam agora «anestésico». Katey contou (tudo isto sabido através da sua mãe, claro) que o pai permanecera animado durante a cirurgia e estava ativo pouco tempo depois. Ao fim de alguns dias estava de novo a escrever *Barnaby Rudge*, mas, tem de se acrescentar, estendido num sofá com almofadas suplementares à mão. E a sua enorme e esgotante Primeira Digressão Americana estava à porta.

Mas estou a afastar-me do que quero dizer.

Os comentários de Dickens acerca deste «determinado procedimento médico simples» foram acerca da memória humana, afortunadamente falível, no que diz respeito à dor.

— Muitas vezes dou por mim a pensar, meu caro Wilkie — disse ele naquele dia enquanto viajávamos de carruagem algures, pelo Kent, — que, num sentido real, não temos uma verdadeira memória da dor. Oh, sim, podemos recordar que a tivemos e lembrar, bastante vividamente, de como ela foi horrível e de como desejámos nunca mais a experimentar — mas não podemos verdadeiramente *recordá-la*, pois não? Recordamos o *estado*, mas não recordamos os verdadeiros *detalhes* do modo como podemos recordar... digamos... uma excelente refeição. Suspeito que essa é a razão pela qual as mulheres aceitam passar pelas agonias do parto mais do que uma vez — elas pura e simplesmente esqueceram as *especificidades* do sofrimento anterior. E é aqui, meu caro Wilkie, que eu quero chegar.

— Onde? — perguntara eu. — Ao parto?

⁵ Romance histórico de Charles Dickens, cujo título completo é *Barnaby Rudge: A Tale of the Riots of Eighty* (1841). [N. do T.]

— De modo nenhum — disse Dickens. — Ao contraste entre *dor* e *luxúria*. Da dor lembramo-nos de uma forma geral (porém, terrível), mas não a podemos realmente recordar; da luxúria lembramo-nos em todos os seus pormenores. Pergunte a si mesmo se isto não é verdade! Uma vez tendo provado os melhores vinhos, fumado os melhores charutos, jantado nos restaurantes mais maravilhosos... até viajado num tal luxo como esta carruagem em que viajamos hoje... sem falar de ter conhecido uma mulher verdadeiramente bela, todas as experiências inferiores, em cada categoria, continuam a empalidecer durante anos, décadas... a vida inteira! A dor, não a conseguimos verdadeiramente recordar; a luxúria — em todos os seus detalhes sibaríticos —, não conseguimos esquecê-la nunca.

Bom, talvez. Mas garanto-lhe, Caro Leitor, que as dores terríveis por que passei em janeiro, fevereiro, março e abril de 1868 tinham uma natureza e uma horrível especificidade que não esquecerei nunca.

Se um agricultor está doente, outros lavram a terra em seu lugar. Se um soldado adoece, dá baixa na enfermaria e é substituído no campo de batalha. Se um comerciante cai doente, outros — talvez a sua esposa — têm de desempenhar as suas obrigações diárias na sua loja. Se uma rainha adoece, milhões rezam por ela e as vozes e passos são abafados, na ala do palácio onde fica o seu quarto. Mas em todos estes casos, o trabalho na quinta, no exército, na loja ou na nação, continua.

Se um escritor cai horrivelmente doente, tudo para. Se morre, o seu «negócio» termina para sempre. Neste sentido, a carreira de um escritor popular é muito parecida com a de um ator famoso — mas até o ator mais famoso tem um substituto. Um escritor não. Ninguém o pode substituir. A voz que o distingue é tudo. Isto é particularmente verdade para um escritor popular cuja obra está já em curso de publicação em folhetim numa importante revista nacional. *The Moonstone* iniciara o seu percurso folhetinesco no nosso *All the Year Round*, em Inglaterra, e no *Harper's Weekly*, na América. Embora eu tivesse escrito vários episódios antes do início da publicação, estes estavam já a ser tipograficamente compostos; novos episódios seriam necessários quase de imediato. Esses existiam apenas sob a forma de anotação ou de esboço e tinham ainda de ser escritos.

Essa pressão acrescentou mais terror sobre o meu terror, uma dor da pressão sobre a pressão da dor que formigava e escavava o seu caminho através do meu cérebro e do meu corpo.

Nessa primeira semana da minha nova condição miserável, sem

ser capaz de me sentar e de segurar numa caneta, atormentado por dores indescritíveis e confinado à cama, tentei ditar o capítulo seguinte a Caroline e, depois, à sua filha, Carrie. Nenhuma delas conseguiu tolerar os gritos e gemidos de agonia que, sem convite, interrompiam e pontuavam as tentativas de ditado. Ambas corriam para a minha cabeceira na tentativa de me acalmar em vez de ficarem sentadas à espera que retomasse o ditado.

No fim de semana, Caroline contratara um amanuense para se sentar junto a mim e tomar nota do meu ditado. Mas este secretário, obviamente de uma natureza sensível, também não aguentou os meus gemidos, queixas e contorções. Desisti após a primeira hora. O segundo amanuense, na segunda-feira, pareceu pouco se interessar ou ter compaixão pelo meu sofrimento, mas também parecia incapaz de compreender as frases ditadas, e respetiva pontuação, por entre o ruído de fundo formado pelos meus gritos e gemidos. Foi despedido após a segunda hora.

Nessa segunda-feira à noite, com todos em casa adormecidos, mas com o sofrimento provocado pelas correrias das duras tenazes pelo meu cérebro e, depois, pela minha coluna vertebral, impedindo-me de ser capaz de adormecer — ou apenas de ficar estendido e quieto — mesmo depois de meia dúzia de tomas de láudano, saí da cama e fui a cambalear até à janela, afastando as fúnebres e pesadas cortinas e levantando as persianas para olhar através da húmida escuridão na direção de Portman Square.

Algures ali fora, estava certo disso, por mais invisíveis aos olhos de um leigo, um ou mais agentes do Inspetor Field continuavam a manter vigilância. Agora, nunca mais me largaria, depois do que eu presenciara e soubera sobre as suas operações.

Durante dias, implorara a Caroline que me levasse o jornal e pedira-lhe exemplares do *Times* que me tinham escapado durante o coma. Mas esses jornais tinham ido para o lixo e os poucos recentes que eu podia folhear não faziam qualquer referência a ter sido encontrado num cemitério miserável o corpo esventrado de um antigo polícia. Não havia qualquer relato sobre incêndios em zonas perto do Tamisa ou no sistema de esgotos da Fossa de Fleet, e Caroline apenas olhou para mim com um ar estranho quando lhe perguntei se ouvira falar desses incêndios.

Inquiri Frank Beard, quando ele me veio ver, e o meu irmão, Charles, na sua vez, mas nenhum deles dera por qualquer menção ao assassinio de um detetive nem aos incêndios subterrâneos. Ambos assumiram que as minhas perguntas resultavam dos pesadelos que tivera — era decerto verdade que as poucas e dispersas horas de sono que obtive duran-

te todo aquele período eram governadas por pesadelos horríveis — e não fiz nenhum esforço para os desenganar dessa teoria.

Obviamente, o Inspetor Field usara a sua influência para manter a polícia e os jornais calados sobre o terrível assassinio do Sargento Hatchery... mas porquê?

Talvez Field — e os cento e tantos homens que se tinham juntado para a expedição punitiva sob a cidade — pura e simplesmente tenha ocultado o facto do assassinio à polícia.

Mas, de novo... porquê?

Eu não tinha nem a energia física, nem a concentração mental adequadas naquela meia-noite de segunda-feira em que, agarrado às cortinas, fitava a noite fria e enevoada de Londres em janeiro, para responder às minhas próprias perguntas, mas procurei os inevitáveis detetives do Inspetor Field à escuta como se perscrutasse a escuridão em busca de um Salvador.

Porquê? Como pode o Inspetor Field ajudar-me a parar este sofrimento?

O escaravelho moveu-se uns centímetros na base do meu cérebro e gritei por duas vezes, abafando o som do segundo grito com um bocado do reposteiro de veludo metido na boca.

Field era o segundo jogador de xadrez neste terrível jogo, talvez apenas igualado na sua capacidade de fazer contrapeso ao monstro Drood pelo ausente Charles Dickens (cujos motivos eram ainda menos compreensíveis), e compreendi que começara a imputar capacidades impossíveis e quase místicas ao velho e gordo detetive de suíças.

Precisava de alguém que me salvasse.

Não havia ninguém.

A soluçar, cambaleei de novo até à cama, segurando-me a um dos postes quando a dor incessante me cegou por um momento, e depois consegui dar os poucos passos vacilantes que me separavam da cómoda. A chave da gaveta de baixo estava ali na minha caixa dos pincéis, sob a roupa de cama, onde a guardava.

A arma que o Detetive Hatchery me dera continuava ali debaixo da roupa lavada.

Tirei-a de lá — de novo espantado com o seu terrível peso — e voltei a cambalear, sentando-me na borda da cama, junto da única vela acesa. Colocando os óculos, percebi que devia parecer tão louco como me sentia, com o cabelo e a barba num desalinho total, o rosto deformado pelos quase constantes gemidos de boca aberta, os olhos desvairados de dor e de terror, e a camisa de noite amarfanhada acima das canelas brancas e a tremer.

Certifiquei-me, o melhor que pude, dada a minha total falta de familiaridade com armas de fogo, de que as balas continuavam nos seus recetáculos cilíndricos. Lembro-me de pensar: *Este sofrimento não terminará nunca. Este escaravelho não sairá nunca. The Moonstone não será nunca terminado. Dentro de semanas, dezenas de milhares de pessoas farão fila para comprar o próximo número de All the Year Round e do Harper's Weekly para depararem apenas com páginas vazias.*

A ideia de vazio, de vácuo, atraiu-me naquela noite para lá de todas as palavras para a descreverem.

Ergui a pistola em direção ao meu rosto e introduzi o pesado e largo cano na boca. O pequeno semicírculo que eu presumi ser o ponto de mira bateu-me nos dentes da frente quando o cano deslizou.

Alguém, havia muito tempo — podia ter sido o velho ator Macready —, explicara a vários de nós, em redor de uma alegre mesa, que uma pessoa que realmente quisesse rebentar os miolos tinha de disparar a bala para cima, através do palato, em vez de disparar contra o osso do crânio que, com demasiada frequência, desviava o projétil e deixava o suposto suicida como um vegetal assolado pela dor e objeto de escárnio em vez de cadáver.

Com os braços a tremer loucamente — todo eu tremia —, segurei a arma, pesada como uma bigorna, o mais firmemente que consegui e levantei uma mão para puxar o maciço cão para trás até ouvir um clique. Enquanto terminava esta operação, percebi que, se o meu polegar suado tivesse escorregado, a arma teria já disparado e a bala teria ricocheteadado por entre o que restasse da polpa do meu cérebro.

E o escaravelho estaria morto — ou, pelo menos, seria deixado a comer e a escavar em paz, uma vez que eu não poderia mais sentir a dor que ele provocava.

Comecei a tremer mais violentamente, chorando ao mesmo tempo, mas não retirei da boca o cano obscuro da pistola. A reação reflexa de vomitar foi muito forte, e se não tivesse vomitado já uma meia dúzia de vezes nessa tarde e princípio da noite, estou certo de que o teria feito nessa altura. Assim, embora com o estômago arrepanhado e a garganta agoniada num espasmo, mantive o cano onde estava, inclinado para cima, sentindo o círculo de aço tocar o palato macio de que Macready falara.

Coloquei o polegar no gatilho e comecei a fazer pressão. Os meus dentes, que batiam, fecharam-se sobre o cano comprido. Percebi que estivera a sustentar a respiração, mas não o conseguia fazer por mais tempo e inspirei, arfando, uma última vez.

Conseguia respirar pelo cano da pistola.

Quantas pessoas sabiam que isso era possível? Sentia o gosto, doce-amargo, do óleo da pistola — aplicado havia muito tempo pelo falecido Detetive Hatchery, sem dúvida, mas ainda forte ao contacto na língua — e o vago gosto frio a cobre do próprio aço. Mas conseguia respirar pela pistola mesmo quando estava a morder o cano e, à medida que o fazia, inspirando longa e atrozmente, ouvia o assobio produzido pela inspiração e pela expiração nas cavidades do cilindro e, fora dele, na câmara de eco junto do ponto onde o cão estava puxado para trás e armado.

Quantos homens terminaram as suas vidas com isto, ao mesmo tempo que um último e irrelevante pensamento lhes passava pelos miolos, que em breve estariam mortos, espalhados, frios e sem pensamentos?

A ironia disto, que qualquer romancista pressente, era mais dolorosa do que a dor provocada pelo escaravelho e comecei a rir. Era um estranho tipo de riso, abafado e esquisitamente obsceno, distorcido pelo facto de soar em volta de um cano de pistola. Pouco depois, retirei a pistola da boca — o metal reluzia à luz da vela devido à película de saliva que percorria todo o seu comprimento — e, ainda a segurar, ociosamente, na arma pronta a disparar, ergui a vela e saí do quarto a cambalear.

No piso de baixo, as portas do meu novo gabinete de trabalho estavam fechadas, mas não trancadas. Entrei e fechei as largas portas duplas.

O Outro Wilkie estava sentado à minha secretária, lendo um livro na escuridão quase total. Levantou os olhos para mim quando entrei e ajustou os óculos, que refletiram a vela, escondendo os seus olhos por trás de duas colunas verticais e tremeluzentes de chama amarela. Notei que a sua barba estava ligeiramente mais curta e ligeiramente menos grisalha do que a minha.

— Tu precisas da minha ajuda — disse o Outro Wilkie.

Nunca, ao longo de todos aqueles anos desde a minha primeira vaga sensação de infância de que o meu Outro Eu existia, o Outro Wilkie alguma vez me falara ou emitira qualquer som. Fiquei surpreendido por saber quão feminina era a sua voz.

— Sim — sussurrei eu roucamente. — Preciso da tua ajuda.

Percebi, estupidamente, que a pistola carregada e pronta a disparar continuava na minha mão direita. Poderia levantá-la e disparar cinco — seis? — balas contra aquela carne de aparência demasiado sólida que estava presunçosamente sentada à minha secretária.

Quando o Outro Wilkie morrer, eu morrerei? Quando eu morrer, o Outro Wilkie morrerá? As perguntas fizeram-me rir, mas o riso soou como uma espécie de soluço.

— Começamos esta noite? — perguntou o Outro Wilkie, colocando o livro aberto sobre o mata-borrão. Tirou os óculos para os limpar

com um lenço (que guardou no mesmo bolso do casaco em que eu guardava o meu), e notei que, mesmo sem as lentes dos óculos à frente dos seus olhos, estes eram ainda duas tremeluzentes chamas verticais como as íris de um gato.

— Não, esta noite não — disse eu.

— Mas em breve? — Colocou de novo os pequenos óculos na cara.

— Sim — disse eu. — Em breve.

— Virei ter contigo — disse o Outro Wilkie.

Restava-me apenas a energia suficiente para anuir. Ainda descalço, ainda levando a pistola na mão, saí do gabinete, fechei as portas pesadas, calquei as escadas com suavidade, fui para o meu quarto, caí na cama, e adormeci sobre a coberta enrodilhada com a arma na mão e o dedo ainda tenso sobre o seu gatilho frio e curvo.